



# EXPERIÊNCIAS DE INTERCÂMBIO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DA UEPB

Cláudio Simão de Lucena Neto  
Christiano Cordeiro Soares  
Gilberto Rodrigues Carneiro  
Eduardo Gomes Onofre  
(Organizadores)



**Universidade Estadual da Paraíba**

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Morais de Sousa (UEPB) | *Diretor*

#### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

#### **Conselho Científico**

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPA)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPA)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPA)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPA)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antoni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

#### **Expediente EDUEPB**

*Design Gráfico e Editoração*

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

*Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

*Divulgação*

Danielle Correia Gomes

Gilberto S. Gomes

*Comunicação*

Efigênio Moura

*Assessoria Técnica*

Walter Vasconcelos



**Editora indexada no SciELO desde 2012**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Editora filiada a ABEU**

#### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

Cláudio Simão de Lucena Neto  
Christiano Cordeiro Soares  
Gilberto Rodrigues Carneiro  
Eduardo Gomes Onofre  
(Organizadores)

**EXPERIÊNCIAS DE  
INTERCÂMBIO DA COMUNIDADE  
ACADÊMICA DA UEPB**



Campina Grande - PB  
2022



## Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lígia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

## EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez de Castro Dória | *Diretora Presidente*

William Pereira Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*

Albiege Léa Fernandes | *Diretora de Rádio e TV*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

E96 Experiências de intercâmbio da comunidade acadêmica da UEPB / organizadores, Cláudio Simões de Lucena Neto ... [et al.]. – Campina Grande : EDUEPB, 2022. 168 p. : il. : 15 x 21 cm ; 268 KB.

ISBN: 978-85-7879-693-8 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-694-5 (E-book)

1. Universidade Estadual da Paraíba. 2. Ensino superior .  
3. Relações internacionais. 4. Intercâmbio estudantil. I. Título.

21. ed. CDD 370.1162

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

# SUMÁRIO

## **PREFÁCIO , 9**

*Gilberto Rodrigues Carneiro.*

## **CAPÍTULO I**

**A EXPERIÊNCIA DE CÁSSIO NUNES DE LIMA BRAGA  
DESTINO: FREIBURG IM BREISGAU - ALEMANHA, 11**

## **CAPÍTULO II**

**A EXPERIÊNCIA DE MARIANE DOS SANTOS MONTEIRO  
DUARTE  
DESTINO: SALAMANCA – ESPANHA, 23**

## **CAPÍTULO III**

**A EXPERIÊNCIA DE DAYANE DOS SANTOS FARIAS  
DESTINO: PORTO – PORTUGAL, 27**

## **CAPÍTULO IV**

**A EXPERIÊNCIA DE JÉSSICA MONTEIRO CORDEIRO  
DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL, 33**

## **CAPÍTULO V**

**A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ TRAJANO MENDES NETO  
DESTINO: GRANADA - ESPANHA, 41**

**CAPÍTULO VI**

**A EXPERIÊNCIA DE KARLA SABRYNA VALENÇA SOARES**

**DESTINO: LIMA - PERU, 47**

**CAPÍTULO VII**

**A EXPERIÊNCIA DE ÊNIO DE ALMEIDA BRITO NEVES**

**DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL , 52**

**CAPÍTULO VIII**

**A EXPERIÊNCIA DE OLÍVIA MARIA PEIXOTO FLÔR**

**DESTINO: GRANADA – ESPANHA, 62**

**CAPÍTULO IX**

**A EXPERIÊNCIA DE ÂNGELA ROBERTA CARNEIRO DE SOUSA**

**DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL, 68**

**CAPÍTULO X**

**A EXPERIÊNCIA DE NÁDSON RICARDO LEITE DE SOUZA**

**DESTINO: GRANADA – ESPANHA, 78**

**CAPÍTULO XI**

**A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ RICARDO DE ALMEIDA SIQUEIRA  
JÚNIOR**

**DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL, 88**

**CAPÍTULO XII**

**CAMILA RAQUEL JORGE DE SOUZA RIQUE**

**DESTINO: BUCARESTE - ROMÊNIA , 101**

**CAPÍTULO XIII**

**A EXPERIÊNCIA DE OLGA DA GAMA DIAS**

**DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL, 114**

**CAPÍTULO XIV**

**A EXPERIÊNCIA DE YOSEPH EMANUEL DOS SANTOS VAZ**

**DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL, 122**

**CAPÍTULO XV**

**A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ LUIZ DE SOUZA NETO**

**DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL, 134**

**CAPÍTULO XVI**

**A EXPERIÊNCIA DE WANDSON LUKAS DO NASCIMENTO**

**AMORIM**

**DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL, 150**



## PREFÁCIO

A UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA É UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO superior que nasceu com a missão de formar cidadãos críticos e socialmente responsáveis, através da produção e transmissão do saber. Desde 1966, tem envidado esforços para oferecer à comunidade acadêmica um ambiente que respira conhecimento científico, buscando oportunizar aquilo que há de mais moderno.

Compreendendo o cenário global em torno da ciência, em que a internacionalização se apresenta como um quarto pilar da educação superior, a UEPB identificou a necessidade de se engajar nesse processo e passou a construir políticas de interações e cooperações com parceiros internacionais. O objetivo, como de modo algum poderia ser diferente, é democratizar o acesso ao conhecimento produzido por cientistas espalhados por todo o mundo, alavancando a formação e capacitação do pessoal de nível superior.

Em 2018, visando formalizar o que a instituição percebia como prioridade, foi aprovado pelo Conselho Universitário um Plano Institucional de Internacionalização. Dentro das diversas diretrizes contidas no documento, aqui vamos destacar a estratégia de fomentar as interações com parceiros estrangeiros através da mobilidade internacional física de discentes, docentes e técnicos administrativos.

O Livro “EXPERIÊNCIAS DE INTERCÂMBIO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DA UEPB” é um compilado de relatos pessoais de membros de nossa universidade que tiveram a oportunidade de realizarem intercâmbio em uma das instituições estrangeiras parceiras da UEPB. Alguns obtiveram financiamento próprio da instituição, através

do Programa de Mobilidade Internacional (PROMIN), o qual representa um grande esforço da UEPB visando oferecer aos seus alunos a possibilidade de atravessarem um período de estudos no exterior. Outros foram contemplados com bolsas de estudos do Santander Universities, parceiro da instituição que tem apoiado nossa estratégia de internacionalização. Também há relatos daqueles que obtiveram financiamentos de entidades externas.

As histórias que aqui constam são diversas, de pessoas diversas com experiências e olhares diversos. O sentimento único que as une é terem tido a chance de atravessar um período de estudos no exterior. A equipe da Coordenadoria de Relações Internacionais buscou registrar todas essas memórias para que outros que têm interesse em viver uma **experiência similar possam sonhar**, inspirar-se e concretizar.

*Gilberto Rodrigues Carneiro.*

# CAPÍTULO I

## A EXPERIÊNCIA DE CÁSSIO NUNES DE LIMA BRAGA DESTINO: FREIBURG IM BREISGAU - ALEMANHA

### A CANDIDATURA AO WINTERKURS

Em 2011, eu comecei o curso de Direito na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – em Campina Grande/PB, e o professor Hugo César Gusmão havia acabado de voltar do programa de doutorado na Espanha. Os relatos do professor sobre seus estudos no exterior, os textos sobre Teoria Geral do Estado que líamos em espanhol e os estímulos ao aprendizado de novas línguas me fizeram pensar sobre a possibilidade de aprender uma língua diferente. No mesmo ano, comecei a aprender alemão com uma das pessoas que, nos anos seguintes, eu viria a chamar de *meine deutsche Mutter*, minha mãe alemã, Angela Susanne Jeunon, natural de Stuttgart, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

Nos anos precedentes, eu havia estudado inglês, e acreditava que a dinâmica de aprendizado seria igual para alemão. Engano. Alemão é bem mais complicado de aprender. No entanto, uma coisa que percebi é que, quando você começa a aprender uma língua nova, você começa a se conectar com um mundo diferente. Mesmo estando fora da Alemanha, eu comecei a conhecer aquele país, sua cultura, seus jeitos, sua culinária, sua música. Confesso que eu não esperava que, alguns anos após, eu estaria na Alemanha tremendo de frio e comendo *brezel*.

2012 se passou, 2013 também, e eu continuava aprendendo alemão.

Não passava por minha cabeça uma possibilidade palpável de ir para Alemanha. Eu sempre falava que queria ir para Alemanha. Só não sabia quando, muito mesmo como. Estímulos de continuar aprendendo a estudar alemão não faltaram. Trocar ideias com esses professores foi crucial para que eu me mantivesse estimulado e otimista quanto à possibilidade de enfrentar a experiência de um intercâmbio.

Foi árduo aprender alemão. Quando comecei a estudar a língua com base em pequenos romances policiais, a coisa pareceu andar mais rápido. Sempre gostei de literatura e a leitura desses livros me proporcionou um aprendizado mais leve. O estudo da gramática também foi necessário, não só para fazer as provas que Angela me passava, mas para compreender a lógica que a língua alemã segue. No começo, era uma dificuldade enorme acertar a posição dos verbos.

Em 2014, as coisas começaram a acontecer. Angela havia me alertado que as candidaturas para o *Winterkurs* estavam se aproximando. No fundo, eu acreditava que não iria ser selecionado: não havia sequer feito a prova de proficiência exigida – o teste *onDaF* (hoje chamado de *onSET*), e, por isso, deixei o tempo passar e não liguei muito para a seleção do *Winterkurs*. A Copa do Mundo de 2014 estava começando e todos iriam se decepcionar, cerca de um mês depois, com o *sieben zu eins* (7x1) do dia 8 de julho de 2014.

Pesquisando na internet qual seria o último dia para candidatura ao *Winterkurs*, descobri que precisaria mandar os documentos de candidatura para o DAAD do Rio de Janeiro até o dia 15 de julho de 2014. A última prova de proficiência *onSET* antes dessa data seria realizada em Recife no dia 14 de julho de 2014! Eu tinha duas opções: ou preparar toda a documentação antes mesmo de saber se eu teria êxito no exame de proficiência, ou desistir e não concorrer à bolsa de estudos do *Winterkurs*.

Falando um pouco sobre o *Winterkurs*: trata-se de um programa de intercâmbio cultural oferecido pelo *Deutscher Akademischer Austauschdienst* – DAAD, que é uma organização alemã para intercâmbio acadêmico. O *Hochschulwinterkurs* (*Winterkurs*), ou Curso de Inverno de Língua e Cultura Alemãs, tem o objetivo de ensinar a língua alemã aos estudantes selecionados e um pouco sobre a cultura alemã. Então é comum que os alunos assistam às aulas sobre literatura, fotografia e

economia alemãs. Para isso, os estudantes recebem uma bolsa de cerca de EUR 3.000,00 (três mil euros), e o curso dura pouco menos de 2 (dois) meses. Estudantes de graduação, mestrado e doutorado podem se candidatar.

A forma de candidatura e os requisitos para o *Winterkurs* vão sendo modificados ao longo dos anos, mas todo ano há seleção para esse programa de intercâmbio acadêmico alemão. A minha candidatura se deu por meio do envio de diversos documentos por correio para o DAAD no Rio de Janeiro. Hoje, tudo é feito pela internet, por um sistema disponibilizado pelo DAAD. Para o *Winterkurs* 2015, eu precisei escrever uma carta de motivação em alemão; obter uma carta de recomendação; enviar o certificado de proficiência *onDaF* com resultado “B1”, no mínimo; comprovar um coeficiente de rendimento acadêmico específico; dentre outros requisitos. Um mês antes, eu não havia preparado nada desses documentos. Não havia estudado para o *onDaF*, e a prova seria no dia 14 de julho daquele ano.

Decidi fazer o exame de proficiência. Tive uma preparação de menos de um mês para a prova: a prova é curiosa, você precisa completar palavras e preencher lacunas de um texto em alemão em um computador. O resultado da prova sai logo após o teste. Se eu não conseguisse o resultado “B1”, não iria sequer ter a chance de concorrer à bolsa do *Winterkurs*. O pior é que precisaria correr atrás de completar todos os requisitos antes mesmo de saber se seria possível concorrer à bolsa. Precisaria pedir uma carta de recomendação sem saber se a enviaria!

Hugo César Gusmão me ajudou nisso. Entregou-me uma carta de recomendação assinada e eu a coloquei em um envelope. Escrevi uma carta de motivação em alemão sem a ajuda de Angela. Segundo ela, a carta serviria para medir meu nível de alemão também, e seria inadequado que alguém me ajudasse nessa tarefa. Eu estava no quarto ano do curso de Direito: seria a única chance que eu teria de me candidatar ao *Winterkurs* enquanto estudante de graduação. Ciência sem Fronteiras nunca foi opção para estudantes de Direito. Eu estava com um desafio nas mãos.

Após alguns contratemplos, cheguei a Recife para fazer a prova de proficiência. Hospedado na casa de minhas tias e com minha avó, Luzia Nunes, em contexto de final de copa do mundo, não tive cabeça para

estudar para a prova. Nas entrelinhas, o final de um relacionamento me deixava um pouco ansioso e atrapalhado. Chegou o domingo, dia 13 de julho de 2014, e a Alemanha jogava contra a Argentina. Minha avó me presenteou, nesse dia, com a camisa da seleção alemã, que ficaria desatualizada (uma estrela a menos) logo após a vitória daquela seleção.

No dia seguinte, à tarde, estava marcada a prova do *onDaF*. Fiquei bastante nervoso com a prova: todos os meus familiares sabiam que eu havia viajado para Recife para fazer o exame de proficiência, e dizer que a prova tinha sido ruim me deixaria para baixo. Fui ao CCBA, local de realização da prova, e entrei na sala de realização do exame. O resultado seria instantâneo, e me diria se eu poderia concorrer à bolsa do *Winterkurs* ou não. Feita a prova: deu certo! Deu Br. O nível suficiente para candidatura ao *Winterkurs*. Como era fim da tarde, resolvi não enviar os documentos para o DAAD no Rio de Janeiro no mesmo dia, e sim no dia seguinte, último dia do prazo. Eu havia levado para Recife todos os documentos já prontos de Campina Grande, sem saber se os enviaria ou não. Mas enviei.

A ansiedade começou a aumentar com o passar dos meses. O resultado demorou bastante, e tudo era possível: ser selecionado ou não. Vários estudantes ao redor do Brasil haviam se candidatado e as vagas não seriam suficientes para todos. Do final de novembro para o início de dezembro, o resultado sairia enquanto eu dormia. Quando acordei, vi notificações de um grupo no Facebook chamado “DAAD *Winterkurs* 2015 Brasil”. Algumas pessoas comentavam que iriam para determinadas cidades, que haviam sido selecionadas, ou que ainda não haviam sido comunicadas de absolutamente nada. Eu abri meu e-mail e nada. Não havia informação nenhuma.

Fiquei bastante ansioso, e, ainda na cama, via as notificações de vários estudantes. Até que resolvi abrir a caixa de entrada de outro e-mail que eu possuía e que havia cadastrado como e-mail secundário para o *Winterkurs*. Desde cedo, meu resultado estava lá: eu havia sido selecionado e iria para a Alemanha. Falei para meus pais. Peguei o carro, e fui para a UEPB. Encontrei entusiasmado o professor Hugo César, que me parabenizou. Era o início de uma jornada bastante divertida. Eu iria para *Freiburg im Breisgau*.

## A PREPARAÇÃO

Os preparativos para a viagem começaram. Em menos de um mês, eu viajaria para a Alemanha. Não tinha roupas de inverno, nem nunca havia entrado em um avião. Reservei a passagem aérea para o dia 30 de dezembro de 2014. Depois de providenciar o que era necessário, aproveitei para, na véspera de Natal, adquirir uma entrada para uma apresentação do Piano Concerto Nº 2 de *Rachmaninoff* que aconteceria em Amsterdã durante a minha estadia na Europa.

O voo decolaria de Recife e, por isso, viajei com minha família no dia 30 de dezembro de 2014 de Campina Grande para a capital pernambucana e peguei um voo de cerca de dez horas para *Frankfurt am Main*. O *Winterkurs* estava marcado para começar apenas no dia 5 de janeiro de 2015, então eu teria alguns dias para aproveitar da forma que me fosse conveniente. Depois de um voo cheio de turbulências, cheguei a Frankfurt. Eu nunca havia experimentado tanto frio: logo que desci as escadas do aeroporto para a estação de trem, comecei a remover os casacos que estavam dentro da mochila. Em alguns minutos, o trem com direção à Zürich chegaria e eu precisava pegá-lo para ficar, no meio do caminho, em *Freiburg im Breisgau*. Sem saber se o trem que estava para chegar era o correto, procurei informações e só havia um rapaz na estação inteira. Por sorte, era um recifense que mantenho contato até hoje e que me ajudou naquela tarefa.

Chegando a *Freiburg*, sem saber como encontrar o *hostel* que eu havia reservado, peguei um táxi (o preço nada bom) para lá e, em meio àquele frio, respirei fundo. Entrei no quarto e, na tarde daquele dia, 31 de dezembro de 2014, adormeci. Acordei com Matteo fazendo barulho. Era um alemão de expressões fortes e cabelos loiros que começou a questionar se eu passaria o réveillon deitado. Eu disse que não tinha programação, e ele sugeriu que eu fosse ao centro da cidade. Aceitando a sugestão, ele me ajudou a achar o trem em direção ao centro e lá fiquei. Mais uma vez, perdido. Entrei em um bar em que as pessoas dançavam e achei esquisita a forma como os alemães se comportavam. Andei pelas ruas, as pessoas soltavam fogos e se divertiam. Quando cheguei perto de meia noite, eu entrei em um trem para tentar voltar para o *hostel* e cometi um erro: peguei o *Straßenbahn* certo, porém com direção errada! Assim que desci, precisei voltar andando para o centro

da cidade, e lá, novamente, peguei um táxi. Deitei-me e dormi: era muita informação na cabeça.

Em 01 de janeiro de 2015, nada funcionava. Eu acordei tarde e perdi o almoço do DJH - *Youth Hostel Freiburg*. Como era feriado e tudo estava fechado, eu precisei descobrir algum lugar aberto para comer. Achei um posto de gasolina perto do *hostel* e comi um brezel e um croissant de chocolate. Andei um pouco pela cidade e achei *Freiburg* um charme: a cidade fica encravada na Floresta Negra. Aproveitei o dia 2 de janeiro em *Freiburg* e no dia seguinte fui para a estação de trem de carona com um anestesista francês. Eu iria para Stuttgart encontrar Alexandre Soares, estudante de Direito da USP que havia sido selecionado para o *Winterkurs* e que eu havia conhecido pelo grupo do *Winterkurs* no Facebook. Em Stuttgart, a cidade de Angela, foi divertidíssimo. Fiquei bastante entusiasmado com o museu da Porsche. Voltamos para *Freiburg* no dia 4 de janeiro, e, no dia seguinte, nosso curso de alemão iria começar!

## O WINTERKURS 2015

O *Winterkurs* começa com uma prova de proficiência que lhe enquadrará em alguma turma, mas, caso você tenha vontade de ir para uma turma mais avançada ou menos avançada, você tem a possibilidade de escolher. Eu fui selecionado para a turma B1.2. Como o destino nunca erra, Nathália Fuzer, apesar de ter sido selecionada para uma turma mais avançada, optou por ficar na minha. Eu, Nathália e Caroline Salvati fizemos amizade rapidamente. Ambas são gaúchas. Na turma do *Winterkurs* em *Freiburg*, o único paraibano era eu. As nossas aulas de alemão foram conduzidas por Frau Greiner, uma pessoa icônica que fumava bastante e ia para as aulas de bicicleta, não obstante todo o frio que enfrentávamos. *Freiburg* não é uma das cidades mais frias da Alemanha. Fica na fronteira com a França e a Suíça, e essa posição estratégica permite sair facilmente da Alemanha. A mobilidade de pessoas é muito forte na região. Matteo, na época, por exemplo, trabalhava em Basel.

Nas terças e quintas-feiras à tarde, nós tínhamos aulas variadas na *Albert-Ludwigs-Universität Freiburg*. Eu sabia que Hannah Arendt, personalidade sobre a qual o professor Hugo César tanto falava em

suas aulas, havia andando por aqueles corredores. Eu optei por estudar literatura e economia alemãs nesses horários. Já havia lido Goethe e estava entusiasmado para conhecer mais sobre o autor e ver, com meus próprios olhos, os cenários que o inspiraram em *Straßburg* para escrever um de seus romances (*die Leiden des jungen Werther*). Aprendemos sobre Kafka também. Kafka, apesar de não ser alemão, escrevia em alemão, e seus romances são, para mim, loucos e fascinantes.

As aulas de economia foram bem interessantes. Em uma abordagem sobre Direito Tributário em uma das aulas de economia, pude perceber que o sistema tributário alemão é tão caótico quanto o brasileiro. Foi possível estudar um pouco sobre empresas alemãs, sobre o papel delas para a economia alemã e sobre suas relações com o mundo. Como todas as aulas eram em alemão, senti um pouco de dificuldades no início. No entanto, com o passar dos dias, o ouvido foi acostumando e eu pude ter um aprendizado melhor.

Naturalmente, tivemos programações sobre a Segunda Guerra Mundial. Vimos que *Freiburg* foi bastante destruída na guerra. Tive a oportunidade, dias após e de forma independente, de visitar o campo de concentração de *Dachau*, perto de *München*, e fiquei impressionado com os registros. Há menos de oitenta anos, o ser humano foi capaz de cometer atrocidades com seu próprio gênero. No campo de concentração, há fotos, vídeos, construções, quartéis, valas, e tudo o que pode nos alertar para “não esquecer”.

É uma aula de história e ao mesmo tempo um alerta: se a gente esquecer-se do que aconteceu, é possível que se repita. É, por isso, que a Alemanha guarda receio quanto à ascensão da extrema-direita ao redor do mundo. É um medo concreto e de algo que aconteceu há não muito tempo. Escrevi alguns desses sentimentos e percepções em minha dissertação de mestrado em Ciência Política, quatro anos depois.

Organizada pelo *Winterkurs*, fizemos uma viagem para *Straßburg*, na França. Foi possível entrar e conhecer o Parlamento Europeu. Demais disso, conhecemos os pontos turísticos mais visitados, como a estupenda catedral da cidade. Desconfio que possa ter visto alguns dos cenários que Goethe se inspirou para fazer Werther sofrer. Outra excursão organizada pelo *Winterkurs* foi à Floresta Negra (*Schwarzwald*). A famosa torta floresta negra de cerejas, ou *Schwarzwälder Kirschtorte*,

não é tão doce quanto pode parecer, possui uma textura suave e um pequeno teor alcoólico. O *Winterkurs* também é uma experiência gastronômica! Porco, batata e cerveja sempre. A floresta negra é mágica e nos lembra dos contos de fadas que ouvíamos na infância. Desse local, eu trouxe um relógio cuco.

Apesar das aulas de alemão, o *Winterkurs* proporciona aos participantes a possibilidade de imersão na cultura alemã e na própria língua. Para mim, em termos de aprendizado da língua, o fato de me comunicar com alemães, ou de dividir um apartamento (*Studentenwohnheim*) com alemães, foi mais significativo do que as próprias aulas. As aulas ajudaram, mas gramática podemos estudar aqui no Brasil também, não é mesmo? Eu estava era entusiasmado em viver como vive um alemão.

Eu recomendo fortemente a participação no *Winterkurs*. É uma experiência não só acadêmica, mas de vida. É um curso transformador: foi a partir dele que meus horizontes passaram a se ampliar e eu pude ver que o mundo não é apenas a cidade de Campina Grande (a qual sou apaixonado) em que eu nasci e cresci. Aprender uma língua e cultura novas tem o potencial de lhe permitir conectar-se com mais e mais pessoas, trocar conhecimentos e vivências e enterrar os seus preconceitos.

## ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Um intercâmbio não significa apenas aprender língua ou cultura. Significa também aprender a se virar em um lugar bem diferente, ou viajar por diversão com os amigos. Uma das viagens que mais gostei foi uma viagem de final de semana para *Heidelberg*. É uma cidade mágica, com a universidade mais antiga da Alemanha, e abriga o melhor curso de Direito daquele país. Lá, é possível visitar o castelo de *Heidelberg*, cujas ruínas estimulam os pensamentos e a imaginação. Ao chegarmos ao castelo, não nevava. Os gramados estavam bem verdes, mas o frio não perdoava. Entramos em um local em que era possível provar o vinho de *Heidelberg* e se aquecer um pouco. O vinho não era tão bom! Na saída, começou a nevar e o cenário se transformou: estava tudo branco. A sensação foi excelente. Mal sabia eu que, dois anos após, eu voltaria para *Heidelberg* e a conheceria em cada detalhe.

Outro episódio se passou em uma viagem à *München*. Eu e Nathália escolhemos um hotel em *München* e chegamos nele às 23h. Estava

fechado. Nevava bastante, eu estava resfriado e cansado, e Nathália estava perplexa. Vimos no documento de reserva que o hotel fechava às 22h, e, caso o hóspede chegasse após esse horário, deveria comunicar o *hotel*, e não havíamos comunicado absolutamente nada sobre isso. Havia um número de telefone na porta do hotel e decidi pegar o celular para ligar para ele. Na mesma hora, estava tão frio que o celular desligou, e fiquei sem possibilidade de me comunicar com o hotel.

Eu e Nathália fomos tentar encontrar algum lugar para fazer o celular funcionar, e encontramos um posto de gasolina com uma loja de conveniência. Liguei o celular e a bateria dele acabou imediatamente. Eu sabia que havia uma bateria externa na minha mochila: removi tudo que estava dentro dela e coloquei o celular para carregar. O problema é que não tínhamos anotado o número que estava na porta do hotel! Voltamos, anotamos o número e, em seguida, voltamos para o posto para fazer a ligação.

Atenderam falando em alemão. Foi uma prova de fogo: precisava entender exatamente o que aquela mulher estava tentando me explicar em alemão, por telefone. Ela pontuou que, como eu não tinha avisado, ela havia escondido a chave do hotel (sim, a chave de um hotel) ao lado de uma coluna que ficava dentro de uma garagem subterrânea. A chave do hotel e do quarto estavam em um envelope. Eu e Nathália fomos procurar a chave e a encontramos depois de um tempo. Abrimos o hotel e encontramos o quarto. Foi um alívio imenso chegar naquele lugar.

Outra situação inusitada que me aconteceu foi quando fui à Amsterdã. Como mencionei, na véspera de natal do ano de 2014, adquiri um ingresso para um concerto de piano na capital holandesa. Viajei sozinho e de trem de *Freiburg* para Amsterdã. Apesar de ter chamado os amigos do *Winterkurs* para que me acompanhassem, ninguém topou: era longe e caro. No entanto, decidi ir mesmo assim, e foi uma viagem maravilhosa. Conheci a cidade, andei pelos canais, visitei os pontos turísticos como o *Red Light District*, fiz amizades no *hostel* com cheiro de maconha em que me hospedei, em especial com uma ucraniana, Oksana (que curiosamente trabalha na Ambev na Bélgica). Oksana acabou sendo minha companhia turística na cidade: andamos, tomamos café, ressuscitei meu inglês, falamos do Brasil e da Ucrânia, fomos ao museu de Van Gogh.

Ponto crítico aconteceu quando fui voltar para *Freiburg* em um trem que saía de Amsterdã às 20h31min do domingo. Peguei o trem das 20h31min em direção à *Utrecht*, por engano. Às 9h da manhã da segunda-feira, eu teria aula do *Winterkurs* em *Freiburg*, no sul da Alemanha, e estava no interior da Holanda, já entrando para a madrugada. O maquinista holandês, percebendo o engano, levou-me para o vagão da primeira classe e entrou em contato com diversas pessoas, e assim me ajudou a traçar um plano para chegar a algum lugar da Alemanha. Infelizmente a internet do meu celular só funcionava na Alemanha, e eu estava completamente perdido no interior daqueles países-baixos. Quando você está sozinho em uma situação como essas, ou você resolve, ou você resolve.

Desci de um trem, entrei em outro, e daí entrei em outro, e consegui parar em *Köln*, na Alemanha. Já na madrugada, eu olhei os telões da estação de trem e percebi que o trem que eu deveria ter pego em Amsterdã, em direção à *Zürich* (e, consequentemente, *Freiburg*), havia quebrado. Ou seja, apesar de ter entrado em um trem errado, consegui chegar em *Köln* antes mesmo que o trem que eu deveria ter pego em Amsterdã. Cerca de vinte minutos depois o trem passa na minha frente e eu entro nele. De tão agitado eu não consegui dormir. Cheguei a *Freiburg* às 7h da manhã. Fui tomar um banho e corri direto para a aula de alemão de Frau Greiner. Foram 48h sem dormir, mas foi uma das melhores aventuras que eu vivi ao longo do *Winterkurs*.

## **OUTRA VEZ EM HEIDELBERG**

Os laços que a gente cria durante um intercâmbio costumam ser permanentes. Em 2017, decidi viajar novamente para a Alemanha, a fim de fazer um novo curso de alemão em *Heidelberg*, dessa vez no verão. A primeira coisa que fiz quando cheguei à Alemanha (um pouco antes de começar o curso de alemão) foi pegar um trem de Frankfurt para Berlim, e lá encontraria Nathália Fuzer pela terceira vez na vida (a quarta vez foi na formatura dela em Santa Maria, no Rio Grande do Sul).

O *Ferienkurs* (curso de férias) da *Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg* é bastante antigo, tradicional na Alemanha, e existe há várias e várias décadas. Não há bolsas para brasileiros, mas com organização financeira é possível viver a experiência incrível de estudar em *Heidelberg*.

Para se inscrever, você precisa fazer uma transferência internacional para a conta da universidade na Alemanha, e é possível pedir que os organizadores do curso providenciem um lugar para você ficar em *Heidelberg*.

Heidelberg é uma cidade bastante romântica. Cortada pelo Neckar e cheia de pequenas ruas com diversos ciclistas, a cidade é tomada pela universidade e permeada de estudantes e turistas. Diferente da estadia na Alemanha durante o inverno, o verão me permitiu ressuscitar as habilidades na bicicleta e isso facilitou bastante a locomoção e diversões pela cidade.

Uma vantagem do *Ferienkurs* é que dificilmente você vai falar português. Na minha turma, não havia nenhum brasileiro, português, ou qualquer falante da língua portuguesa. Caso eu não falasse alemão, eu não iria me comunicar. Uma opção era falar inglês, mas entre inglês e alemão, era consenso que alemão era prioridade: eu aprendi muito! Nesse curso, fiz amizade com uma espanhola, Celia, e com Bottyan, que possui nacionalidade norte-americana, húngara e francesa, e atualmente mora com os pais na Alemanha e estuda física na Universidade de Heidelberg. São muito queridos e espero vê-los em breve. Rimos alto com nossos pequenos acidentes enquanto ciclistas e com os excessos de gin.

O curso também incluía algumas viagens pela Alemanha: visitei *Köln* (não só a estação de trem), e subi na famosa Catedral de Colônia, que foi poupada durante a segunda guerra mundial; *Rothenburg ob der Tauber*, uma cidade murada bastante visitada por turistas de diversas partes do mundo (*Schwäbisch Hall* é uma cidade próxima menos conhecida, mas igualmente incrível); e *Tübingen*, cidade universitária, cujas flores no verão estavam radiantes.

Estar na Europa nesse curto intercâmbio também me permitiu viajar para fora da Alemanha: fui a Luxemburgo, que é uma cidade bastante excêntrica com pessoas políglotas (existe, inclusive, um percentual alto de gente que fala português lá). Visitei museus e me impressionei com a natureza. Ao final da aventura, e experienciando o fim de um pequeno relacionamento, fui a Paris (digo sempre que sofri em Paris...).

Aos leitores desses breves relatos, recomendo fortemente que façam um intercâmbio. A Coordenadoria de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba faz constante divulgação de diversas

oportunidades de intercâmbio acadêmico, muitas das quais com bolsa (de instituições como o DAAD, na Alemanha), então não há desculpa para não se aventurar pelo mundo e viver experiências engrandecedoras.

## **PLANOS**

Hoje tenho 27 anos e trabalho em Recife como advogado na área de direito societário e M&A. Tenho intenção de voltar para a Alemanha, a fim de aprimorar meus estudos e conhecimentos. Concluí mestrado em Ciência Política na Universidade Federal de Campina Grande e viajei para *Heidelberg* durante essa pós-graduação. Penso que a Alemanha é um excelente lugar para um doutorado, inclusive com possibilidades de bolsa do DAAD! Uma vez conectado com o mundo, não há como reverter esse processo. É caminho sem volta.

## **CAPÍTULO II**

### **A EXPERIÊNCIA DE MARIANE DOS SANTOS MONTEIRO DUARTE**

#### **DESTINO: SALAMANCA – ESPANHA**

#### **MARIANE NA ESPANHA**

Viajar e conhecer outros países é um desejo que permeia a vida da maioria das pessoas. Conversar com diferentes povos, praticar um idioma no país local, respirar novos ares e trilhar distintos caminhos é uma experiência que todo estudante de línguas gostaria de viver. Contudo, apesar de ser um desejo/sonho de muitos, poucos são aqueles que acreditam que será possível, algum dia, realizar tal sonho.

Mariane Monteiro, na época, graduanda de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba do Campus III, estava inserida nesses poucos que acreditam que são capazes de alcançar os sonhos que buscam. Ela pensava consigo mesma: “tenho um sonho e vou conseguir, não sei quando, mas conseguirei, e para isto terei que lutar e buscar realmente o que quero”.

Em 2016, no período de sua graduação, ela tinha algo em mente, algo que não saía do seu pensamento: viajar à Espanha através do Top Espanha (programa para professores e alunos de graduação participarem de um curso de língua e cultura espanholas na universidade de Salamanca). No momento em que Mariane tomou conhecimento do Top Espanha, era como se o seu sonho tivesse aumentado como uma fogueira em que nos seus primeiros momentos o fogo está fraco/tímido e, de repente, aumenta em um piscar de olhos.

No mesmo ano, 2016, ela se inscreveu no Top Espanha, mantinha sempre suas notas entre 9 e 10 e se esforçava muito em seu currículo lattes, pois sabia que esses eram alguns dos critérios para a seleção do programa: currículo lattes e CRE. Contudo, não foi selecionada. Em 2017, inscreveu-se mais uma vez, mas não obteve sucesso. Foi então que em 2018, quase no final de sua graduação, foi contemplada. Era como se o mundo tivesse voltado para ela, tudo o que ela havia sonhado e imaginado estava acontecendo, não era mais sonho, era realidade.

Ganhou uma bolsa com tudo pago, viagem para Salamanca, passagens aéreas, hospedagem, refeições, curso de língua e cultura espanholas com duração de 3 semanas, o que não era nem a metade do que ela havia ganhado, pois a viagem ainda estava por vir, e o conhecimento que ela estava prestes a adquirir era imenso.

A viagem a Salamanca estava prevista para o dia 30 de junho de 2018, porém, antes de sua ida a Salamanca, era preciso ir a São Paulo, a fim de participar da cerimônia de embarque no Cinépolis JK Iguatemi.

No dia 30 de junho de 2018, depois de uma longa viagem com duração de 10 horas, Mariane chega a Madrid Espanha, o que não lhe causou nenhum incômodo, uma vez que ela estava no lugar a que sempre visou: Espanha. Quando chegou a Madrid era preciso se dirigir à residência Hernán Cortés, lugar que seria sua casa nos próximos 20 dias. A residência, mais precisamente chamada “Colegio Mayor Hernán Cortés”, era um lugar acolhedor, agradável, onde havia sala de estudos, academia, lavanderia, refeitório... –Cada detalhe era tão peculiar, como se tudo que ali houvera fosse feito, nos mínimos detalhes, para mim e para os que ali estavam, pensou Mariane.

No dia 2 de julho, ela e os demais bolsistas compareceram à reunião informativa no edifício “Juan del Enzima”. Logo após, foram submetidos à “Prueba de clasificación” (teste para nivelar o conhecimento da Língua Espanhola, dividido em básico, intermediário, avançado e superior). Mariane aguardava ansiosamente o resultado quando sua amiga se aproximou e disse: “você ficou no nível superior”... Seu coração batia mais forte por saber que todo o estudo e esforços empenhados refletiam em tudo que ela estava vivenciando.

No dia 3 de julho, ela conheceu o lugar que seria seu cantinho de estudo nos próximos 17 dias. Desde então, ela deu início aos seus estudos

e prática em redação e conversação em espanhol. Sua rotina era a seguinte: estudo na universidade das 8:30h às 12h, à tarde atividades de ócio e visita aos pontos turístico da cidade, e à noite descanso e estudos referentes ao curso.

No dia 4 de julho, Mariane compareceu à recepção de boas-vindas aos estudantes do Top Espanha e ocorreu algo que, segundo ela, era imperdível... – Quando ela estava caminhando pelo edifício histórico da universidade de Salamanca, lugar onde ocorreu a recepção, depara-se com uma repórter e pensa consigo mesma: essa repórter tem que me chamar para fazer uma entrevista, eu não posso perder esta oportunidade. Mariane andou, circulou, até que então a repórter a chama e diz: você gostaria de fazer uma entrevista para nós?

No dia 7 de julho, Mariane e os demais bolsistas fizeram uma excursão a Toledo, a qual foi promovida gratuitamente pela universidade de Salamanca. Era um sábado, ensolarado, estava muito calor, mas Mariane não se importava, o calor ela nem sentia, pois a emoção de estar conhecendo a Espanha era maior do que tudo... Chegando a Toledo, eles viram e se encantaram com o “Rio Tajo” e a “Puente de Alcántara”.

Chegando à cidade, Mariane e os demais foram guiados à Catedral de Toledo, a qual apresenta detalhes em barroco e nos encanta com seu estilo gótico. Nela se encontra “La Custódia de Arfe”, um magnífico ostensório de ouro que ilumina e abrilhanta os turistas que por ali passam.

Na segunda semana de sua jornada, Mariane aproveitou o seu tempo livre para conhecer mais e desfrutar Salamanca. Apesar de todas essas visitas (as quais não são nem a metade dos lugares que ela esteve em Salamanca), Mariane seguia seus estudos na residência à tarde e atividades na Universidade pela manhã.

No dia 13 de julho, o professor propôs à Mariane e seus colegas um trabalho em que eles deveriam praticar o idioma, visto que a aula se tratava de conversação na referida língua. Na dinâmica do trabalho, os alunos moravam em uma pensão e cada um seria um personagem, Mariane escolheu ser a personagem que era mesquinha e não gostava de pagar o aluguel, ela havia escolhido um papel bastante ousado, já que estaria conversando em outro idioma e, segundo o professor, precisaria argumentar o porquê ela não queria pagar e ajudar os demais vizinhos

da pensão. Mariane se saiu bem, e o professor a pontuou com a nota *sobressaliente* (que na Espanha é correspondente a nota máxima).

Ao sair do curso, no dia 13 de julho, uma colega envia uma foto a Mariane, uma imagem um tanto inusitada para uma simples sonhadora que naquele momento vivia o que por anos esperava.

O dia 20 de julho foi o último dia em que Mariane foi à Universidade. Pela manhã, ela assistiu à sua última aula, despediu-se de seu professor e de seus colegas de curso. Às 12h:30min do mesmo dia, Mariane se dirigiu à cerimônia de entrega dos certificados, era um momento único e singular, visto que aquela experiência estava chegando ao fim. Ela estava muito emocionada, e a cada nome que era chamado, seu coração palpitava mais forte. Mariane pensava: como é gratificante lutar pelos sonhos, tudo o que eu sonhei estava se concretizando. Receber um certificado de uma das universidades mais antigas da Espanha é uma alegria imensurável...

No momento em que Mariane estava perdida em seus pensamentos, escuta uma voz um tanto que longe: “Mariane dos Santos Monteiro Duarte”, ela se levanta, emocionada, e caminha em direção a mais uma conquista: seu certificado de conclusão do curso.

Atualmente, Mariane é professora de inglês. Concluiu sua graduação na Universidade Estadual da Paraíba, onde teve a gratificação de terminá-la com esse intercâmbio enriquecedor. Sem dúvidas, essa experiência foi de grande valia para sua vida acadêmica, como também para sua vida profissional. Seus sonhos não acabaram, pois agora visa ingressar no Mestrado em Linguística. De fato, é uma menina sonhadora e agradecida a Deus, à UEPB e ao Banco Santander pela rica oportunidade.

Sua história nos mostra como é importante lutar e se dedicar pelo que deseja. Não se pode entristecer na primeira queda, mas sim continuar a batalhar, pois os tropeços e caídas fazem parte das maiores vitórias. Mariane foi um exemplo de persistência e foco, duas vezes ouviu “não”, mas na terceira vez ganhou “sim”, sem saber que aquele dia seria apenas o começo de algo grande que estava por vir.

Com certeza, ela não conseguiu apenas uma bolsa de estudos, mas adquiriu experiência, aprendeu, conheceu pessoas e culturas novas, praticou idiomas, sorriu e chorou (mas de felicidade)...

# **CAPÍTULO III**

## **A EXPERIÊNCIA DE DAYANE DOS SANTOS FARIAS**

### **DESTINO: PORTO – PORTUGAL**

#### **O MESTRADO NA UNIVERSIDADE DO PORTO**

Muitos estudantes de graduação e de pós-graduação sonham em estudar fora do país, seja pela oportunidade de obter um diferencial e, assim, incrementar o currículo, ou mesmo pela possibilidade de trocar experiências com diferentes pessoas e culturas. Independentemente do objetivo, quem deseja viver a experiência do intercâmbio deve ter em mente que, para fazê-lo, é necessário ter motivação e também se preparar com muita antecedência.

Diante disso, pretendo através deste relato descrever um pouquinho, como técnica administrativa (arquivista) da UEPB, sobre minha experiência discente durante o período em que realizei o mestrado em Portugal, ressaltando as vivências pessoais e acadêmicas.

#### **A MOTIVAÇÃO E PREPARAÇÃO**

Sonhadora, eu sempre quis conhecer outras culturas e, sobretudo, aprender através dessas experiências. Houve um momento em que passei a vislumbrar um mestrado fora do país; e, apesar das circunstâncias, por vezes difíceis, era um sonho que eu acreditava ser possível realizar. Nesse sentido, Portugal sempre me encantou com suas características semelhantes às do Brasil.

A decisão de fazer um mestrado em Ciência da Informação se

justificou pelo enorme desejo em aprofundar meus conhecimentos nessa área, buscando a qualificação em um campo de atuação repleto de desafios e obstáculos profissionais. Mais do que isso, eu sentia uma necessidade latente de encontrar respostas eficientes e eficazes para as questões com as quais me deparava cotidianamente.

O fato é que eu precisava sair da minha zona de conforto, alçar novos voos e horizontes. Desse modo, acreditava que as trocas de experiências e os conhecimentos adquiridos durante o intercâmbio possibilitariam os meios para a concretização de tais anseios, na medida em que me forneceriam todo o suporte pessoal e profissional.

## **O PLANEJAMENTO DA VIAGEM**

Antes da candidatura e de ter definido o país que gostaria de realizar o mestrado, foi preciso muito planejamento e paciência para encontrar uma instituição que possivelmente se adequasse às minhas expectativas. Dois anos antes, eu comecei a realizar pesquisas em sítios de diferentes instituições portuguesas. Foram enviados *e-mails* juntamente com a CoRI (Coordenadoria de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba) a fim de obtermos informações acerca de valores (em Portugal, as taxas pagas às instituições de ensino superior são chamadas de propinas) para algumas como a de Algarve, Lisboa e Porto.

Esse planejamento foi muito importante, já que eu não tinha uma bolsa de estudos e, portanto, precisava escolher uma universidade cujas parcelas coubessem no meu orçamento. Ao final, optei pela Universidade do Porto por conta da riqueza e diversidade da grade curricular oferecida pelo curso, bem como pelo seu aspecto transdisciplinar – ambos os fatores ganham ainda mais relevância por estarmos falando de uma atuação profissional ligada à informação. Isso, sem mencionar que a UP é considerada a melhor das portuguesas e, vale destacar, figura entre as melhores do mundo nos *rankings* internacionais.

Em maio de 2016, foi divulgado o resultado com a minha aprovação. A partir de então, começava a luta para solicitar, junto ao Vice-Consulado de Portugal em Recife (PE), o visto de residência de 2 anos para fins de estudo no mestrado. Trata-se da permissão de entrada de um indivíduo em determinado país, sendo concedido exclusivamente pelos consulados ou embaixadas do país de destino. O processo de

obtenção do visto é lento e demorado, uma vez que exige a reunião de vários documentos pessoais.

Como o meu visto não saiu no prazo estipulado, acabei perdendo algumas semanas de aula. Sem dúvida nenhuma, esse foi um dos momentos mais difíceis que eu enfrentei na época. No entanto, em outubro daquele mesmo ano, enfim, embarquei para Portugal, carregando um misto de expectativas e incertezas na bagagem. Quando observei a cidade do Porto pela janela do avião, mal pude acreditar que havia atravessado o oceano e que já estava vivenciando o início de um sonho.

## **OS PRIMEIROS DIAS**

A cidade do Porto, localizada no Litoral Norte de Portugal, possui uma infraestrutura de transportes eficiente, além de oferecer segurança aos seus moradores e turistas. Como a residência universitária onde eu morava ficava ao lado das estações de *comboio* (trens) e *metro* (metrô), o deslocamento para cidades vizinhas era ágil e prático. Apesar disso, nos meus primeiros dias em terras lusitanas, tive dificuldades na busca por serviços, transportes e endereços. Nesses momentos, paciência e persistência são imprescindíveis para lidar e superar os obstáculos iniciais. Hoje, porém, reconheço que tudo isso faz parte do processo de adaptação, algo que, com o passar do tempo, tende a se tornar mais fácil.

Durante o intercâmbio, conheci e contei com a ajuda de vários brasileiros que, por sua vez, contribuíram com dicas valiosas. Entre essas pessoas estava uma amiga brasileira, que se encontrava na mesma situação que a minha e que, inclusive, havia embarcado comigo para a Europa. Ainda nesse sentido, não posso deixar de destacar a importância dos *sites* e *blogs* que trazem relatos de intercambistas. Graças a eles, consegui reunir uma série de informações sobre aluguel, alimentação e serviços de transportes, o que se revelou muito útil na hora de planejar a viagem.

## **AS EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS**

*Gratificante.* Essa é a palavra que melhor define a experiência de fazer mestrado em Ciência da Informação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. A instituição conta com uma excelente infraestrutura: salas de aulas bem equipadas, bibliotecas com grande variedade

de livros e salas de estudos com computadores.

A princípio, fui tomada por um sentimento de ansiedade, pois estava cheia de expectativas quanto aos assuntos que seriam ministrados pelos professores e às metodologias de ensino por eles empregadas. Como eu havia perdido as primeiras semanas de aula por conta do atraso na emissão do visto, tive uma certa dificuldade para acompanhar o ritmo do restante da turma. Mesmo assim, com muito esforço e dedicação, aprendi os conteúdos e fiz os trabalhos e *exames* (provas) que nos foram solicitados.

Já o segundo semestre letivo foi mais tranquilo para mim, embora a rotina acadêmica tenha se tornado muito intensa e exaustiva, havendo dias da semana com aulas em período integral. Muitos trabalhos eram realizados fora das salas de aulas e todos os conteúdos das disciplinas podiam ser acessados através de um sistema chamado *moodle*.

Outro obstáculo com o qual me deparei durante o intercâmbio foi assistir às aulas ministradas em inglês, algo que superei com muita força de vontade e estudo. Nesse ponto, convém salientar que a maioria dos portugueses domina o idioma. Por isso, deixo aqui registrada a importância de estudar e aperfeiçoar a língua inglesa antes de viajar.

Cientes de todas essas dificuldades, os professores da UP estavam sempre à disposição para esclarecer as dúvidas dos estudantes. Para vocês terem uma ideia, os atendimentos podiam ser feitos nos gabinetes deles, inclusive, mediante agendamento.

Em julho de 2018, finalmente, defendi a minha dissertação de mestrado. Foi um momento único em minha vida, que contou com a presença e o apoio dos meus amigos brasileiros e demais colegas de turma. Confesso que, naquele momento, um filme passou em minha mente; ao mesmo tempo, tive a sensação de dever cumprido.

Após fazer uma pós-graduação em outro país, posso dizer que foi um aprendizado enriquecedor trocar experiências e conhecimentos com meus colegas portugueses, tanto nos trabalhos em grupos como nos debates ocorridos nas aulas. Sem dúvida alguma, foram lições que contribuíram para as minhas trajetórias acadêmica e profissional.

## **AS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS**

A cidade do Porto é a segunda maior de Portugal e uma das mais antigas

da Europa, sendo, portanto, um lugar que respira história e cultura por toda parte. Prova disso é que suas ruas históricas e belíssimos pontos turísticos são considerados patrimônios da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Conhecido também por seus vinhos finos e sua gastronomia de qualidade, o Porto possui encantadoras paisagens de rio e mar. As pessoas são prestativas e educadas, e há sempre um brasileiro por perto. Caminhar pelas ruas da cidade é uma ótima forma de conhecê-la, pois é tranquilo e seguro.

No meu caso, eu gostava muito da região da Baixa, com seus prédios históricos e suas peculiaridades. Um dos meus lugares favoritos era a Ribeira do Porto, um local perfeito para relaxar, refletir e tentar suportar a saudade da família distante. O pôr do sol e os barquinhos à beira do Rio Douro completavam aquele cenário mágico.

Outra localidade que eu visitava com frequência era a Biblioteca Pública Municipal do Porto, uma das maiores e mais antigas bibliotecas públicas portuguesas. Fundada em 1833, ela conserva mais de 1.500.000 documentos impressos, abrigando relevantes fundos e coleções especiais. Como a biblioteca ficava próxima de onde eu morava, criei o hábito de ir até lá para estudar.

Além de conviver com pessoas de outros países e até mesmo de diferentes partes do Brasil, naturalmente, o intercâmbio me proporcionou a oportunidade de conhecer um pouco da cultura de Portugal. A vida noturna no Porto é bem agitada, com restaurantes para todos os gostos e diversos eventos mensais.

Não pude deixar de participar dessas atividades culturais, tampouco de saborear a deliciosa culinária portuense, cujo prato típico é a *francesinha* – uma espécie de sanduíche constituído por linguiça, fiambre, salsicha fresca, carnes frias e bife de carne bovina; coberta com queijo e guarnecida com um molho apimentado, a iguaria vem acompanhada de batatas fritas e ovos estrelados.

## **EM UMA PALAVRA: SUPERAÇÃO**

Depois de tudo o que vivi durante os dois anos de mestrado em Portugal, se eu pudesse resumir essa experiência em uma única palavra, seria: *superação*. E digo isso porque, olhando para trás, vejo a quantidade de

obstáculos que consegui superar ao longo da minha caminhada.

Nesse sentido, o momento mais doloroso pelo qual passei foi a perda da minha avó materna. Era uma pessoa que eu amava muito e também minha grande incentivadora. Confesso que estar longe dos meus familiares numa hora dessas não foi tarefa fácil. Porém, nesses instantes de solidão e saudade, estiveram ao meu lado as amizades que construí; elas sempre serão lembradas por seus gestos de generosidade e gentileza.

Essas confidências, mais do que qualquer coisa, servem para mostrar que nem tudo são flores em um intercâmbio. Por outro lado, ao retornar para o Brasil, eu trouxe comigo muitas histórias e conhecimentos. Afinal, estudar em outro país é aprendizado e autoconhecimento, é expandir os próprios horizontes, é buscar ser forte e exercitar a fé quando ela for colocada à prova. Após vivências tão intensas como essas, passamos a valorizar ainda mais nossas origens, nossa família e o nosso país.

Encerro esse capítulo agradecendo a Deus por cuidar de mim o tempo todo, à minha família, que sempre foi o meu porto seguro, à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) por ter autorizado a liberação das minhas atividades profissionais, e a todas e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse sonho.

# CAPÍTULO IV

## A EXPERIÊNCIA DE JÉSSIKA MONTEIRO CORDEIRO

### DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL

#### A PARTIDA

*“Deixa-te levar pela criança que foste”*  
**(Livro dos Conselhos, José Saramago).**

Desde a minha mais tenra infância cultivei sonhos dentro de mim. Muitos pareciam distantes demais, mas eu permanecia convicta de que um dia tudo aquilo se tornaria real. Com os livros didáticos da escola particular da minha prima, eu estudava o Inglês com meus 7 anos, aproximadamente, e sonhava em conhecer outras culturas.

Olhando para trás, posso dizer que fui muito privilegiada por dois grandes motivos: tive uma mãe que colocava a educação como prioridade e tive os livros que fizeram parte de tudo que vivi. Por isso, mesmo sendo de uma comunidade periférica e oriunda de uma família com poucas condições financeiras, aprendi desde cedo que o meu futuro era estudar e sonhar com uma nova realidade.

Com isso, entrei na Universidade Estadual da Paraíba com uma certeza: eu daria o meu melhor todos os dias porque era duro demais ver a minha mãe trabalhando tanto como agente de limpeza urbana e ao mesmo tempo manter acesos os sonhos que tinha dentro de mim.

Por isso, abri essa seção com a citação de José Saramago: a criança que eu fui nunca deixou de existir e foi por causa dela que eu me

candidatei ao Programa de Mobilidade Internacional (PROMIN) para concorrer a uma vaga de algo que parecia surreal demais para a minha vida. Para a minha surpresa, a minha nota do CRE propiciou a aprovação na primeira etapa. E aí começou um longo percurso...

Após isso, fui para as demais etapas do programa e fiquei na expectativa. Não sabia ao certo se havia me portado da melhor maneira na entrevista e se era a hora certa para esse grande sonho acontecer. Voltei para casa com o coração na mão. Dias depois, recebi o telefonema da CoRI me avisando que eu havia sido selecionada e faltou chão! Eu mal podia acreditar... não conseguia disfarçar a emoção nem a vontade de chorar.

Agora era hora de contar para a minha família. A aprovação e alegria eram unânimes, pois meus sonhos nunca foram segredos. Comecei então todo o processo burocrático que ia desde a escolha da universidade até a retirada do visto. Nesse momento, passei por muitas dificuldades! Lembro perfeitamente que para pagar a emissão do passaporte eu contei moedas com a minha mãe. Queria chorar todas as vezes que o processo exigia de mim algo financeiro. Claro, é preciso dizer que saber que todas as minhas despesas estariam pagas durante os 06 meses (incluindo passagens, seguro e tudo mais) me deixava muito tranquila. Mas isso não me isentou desse momento de muita luta em que, por vezes, eu pensava que não concluiria.

Mesmo assim, eu persistia. Aquele era o meu sonho e estava tão perto de se realizar! Juntando bolsas do PIBIC com o apoio financeiro da minha mãe, conseguimos realizar as viagens para Recife/Campina Grande/Patos para organizar toda a documentação. Lembro que teve um dia em que liguei para o atual diretor do meu campus na época, Marcelo Medeiros, e disse: “Marcelo, por favor, me ajuda! Se o carro da UEPB não puder ir comigo para solicitar o visto, eu não tenho mais de onde tirar dinheiro!” e, prontamente, mais uma vez a universidade estava ali para me apoiar.

Fui a Recife naquele dia sem acreditar que tinha vencido todas as dificuldades. No entanto, ao chegar ao atendimento, o funcionário do Vice-Consulado me disse que eu não poderia obter o visto apenas com a bolsa que a universidade estava me oferecendo; precisava de uma garantia a mais. Lembro que na hora faltaram forças e eu queria chorar ali

mesmo, na frente de todos porque meus pais não tinham imposto de renda declarado e, por isso, não podiam ter a responsabilidade financeira extra que eles desejavam.

Voltei para casa e não dormi nas noites seguintes. Dentro de mim eu ainda acreditava que tudo daria certo, mas não sabia como. Depois de muito choro, encontramos a solução: uma tia me ajudaria com isso e passada toda a tempestade, venci todos os obstáculos e consegui o meu visto estudantil. Que alegria, tudo ainda parecia um sonho!

## A CHEGADA

*“A cidade para quem passa sem entrar nela é uma, e outra para quem é tomado por ela e já não sai; uma é a cidade a que se chega pela primeira vez, e a outra que se deixa para nunca mais voltar” (Italo Calvino).*

Ao começar a descrever tudo que vivenciei no meu intercâmbio, preciso dizer que utilizarei trechos dos livros que li naquele período para me auxiliar nessa tarefa. Apesar de o espaço ser curto para tanta coisa que fomos capazes de vivenciar em 6 meses, vou tentar exprimir aquilo que, ao meu ver, seja de maior importância.

Para começar, escolhi fazer a mobilidade na Universidade de Coimbra (UC) porque era o lugar que tinha maior semelhança com o meu curso aqui, Letras-Língua Portuguesa. Ao decidir isso, descobri que não iria sozinha, mais quatro contemplados do PROMIN estariam comigo nessa viagem inesquecível!

Marcamos o voo para o mesmo dia e, ao chegar ao *hostel* em Coimbra, decidimos que íamos morar todos juntos. Por coincidência ou não, havia um apartamento que tinha 5 quartos disponíveis. Escolhemos assim a Casa Feijão, como era conhecida.

Naquela casa, vivemos dias tão intensos quanto os raios de sol do verão europeu que muito se assemelhava ao nosso até os dias mais frios e acinzentados que pareciam não ter fim. Fizemos ali muito barulho, cantamos e dançamos inúmeras vezes e quando tudo ia mal, um bom jantar e um vinho português era tudo que precisávamos. Aprendemos a ser família! A apoiar quando alguém tinha dificuldades na universidade, a ajudar quando não sabíamos lidar com as finanças e muito mais!

A nossa casa ficava a dez minutos da UC e, por isso, tudo se tornou

fácil. A adaptação correu muito bem. Apesar de nunca ter conseguido regular meu relógio biológico – o que me custou algumas noites mal dormidas –, viver em Coimbra não era nem de longe uma tarefa difícil. Tínhamos exatamente tudo que precisávamos e, no meu caso, não precisei de dinheiro algum além da bolsa ofertada pela minha universidade de origem.

Durante todo o tempo, busquei vivenciar tudo com equilíbrio: não podia me deter apenas a experiências acadêmicas ou culturais, precisava provar de tudo um pouco. E assim foi. Na UC, cursei 04 disciplinas e, apesar de ser uma das mais antigas e renomadas instituições da Europa, percebi muito tradicionalismo e, por isso, me incomodava. Isso me fez valorizar mais ainda a UEPB, pois via em muitos momentos que tínhamos um espaço para o debate e a reflexão muito maior.

Ainda assim, não quer dizer que não tenha sido uma experiência e tanto. Aquela universidade era muito global e eu pude aprender muito por ter de ler em outros idiomas e conviver com pessoas dos mais variados lugares. Fiz muitas amizades durante as aulas, geralmente com outros intercambistas porque, apesar de gentis e solícitos, os portugueses pareciam um pouco fechados para nós.

## EXPLORANDO COIMBRA, A CIDADE DOS AMORES

*“Vou pela rua a semear presença,  
Corpo atirado à fome das janelas,  
Olhos das casas, ávidos, vazios...  
A tarde é um ermo que não tem cancelas  
De intimidade.  
E no mesmo impudor doutros vadios  
Entrego-me à volúpia da cidade”  
(Miguel Torga).*

Tal qual o poema de Miguel Torga, grande escritor conimbricense que descobri durante os meus dias em Coimbra, eu tinha fome de explorar aquele lugar. Apaixonei-me pelas ruas, casas, flores e pelos desconhecidos nas janelas. Por isso, semeiei presença por tantos becos e vielas, sem ao menos saber o que procurava. Queria fotografar com a minha

retina cada pôr do sol, cada lugar que me trazia tanto afeto. Queria morar ali para sempre, pois desde as atividades rotineiras como ir à padaria até os eventos culturais da cidade, tudo me encantou.

Eu não me cansava daquele lugar! Durante todos os meses, diariamente, eu saía às ruas e aproveitava mais um pouquinho. Amava me deitar para ler no Parque Verde do Mondego. Depois, com a chegada do outono e inverno, a cidade parece que mudou um pouco. Ou eu mudei, não sei. Mas não foi algo ruim, eu só tive que me adaptar para viver novas estações e nem imaginava o quanto isso valia para tudo na minha vida, não só em termos geográficos.

O frio me deixou um pouco cabisbaixa... meu humor oscilava muito e, por vezes, eu queria retornar ao calor do Nordeste. A saudade de casa aumentava todo dia, mas ainda havia muito para se viver e, por isso, vivi. Saía com amigos quase todos os dias, cumpria com minhas obrigações acadêmicas, mas não deixava de viajar por Portugal. Conheci as cidades de Aveiro, Serra da Estrela, Évora, Batalha, Alcobaça, Lisboa, Matosinhos e Porto.

Tive muita sorte por encontrar amigos tão incríveis para dividir experiências! Convivi com pessoas da Itália, Rússia, Alemanha, Marrocos, China, Japão... e com todos aprendi e também ensinei algo! Sei que deixei uma parte de mim com todos aqueles que me acompanharam e certamente levarei na memória cada um que amei durante esses dias.

Saber que tínhamos uma data para voltar às vezes era angustiante, pois eu pensava: “Será que vou reencontrar uma amiga da Rússia?”, mas todos tinham que seguir seus caminhos e, ao chegar ali, sabíamos que não se entregar era uma bobagem! Por isso, permiti-me conhecer e amar pessoas até o último dia. Desejei ter cruzado o caminho de algumas antes, desejei nunca mais ver algumas, tudo isso faz parte da experiência humana.

Igual a Mia Couto, percebi que “antes eu não tinha hora. Agora perdi o tempo. (...) Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs”. Foi isso! Em Coimbra, perdi a noção do tempo e das horas. Tinha uma rotina como tenho aqui, mas tudo lá parecia ser mais intenso e transformador. Acredito que nunca cresci tanto em tão pouco tempo.

Aprendi a ser mais independente e autônoma, cometi os meus

primeiros erros em carreira solo, sem a influência de familiares. Voltei mais madura academicamente e com uma visão ainda maior sobre o futuro. Valorizei mais ainda as minhas raízes e quis propagar para todos o quanto éramos privilegiados por um ensino tão bom e uma universidade que acolhe e acredita em nós!

## QUASE DESPEDIDA: PARAGEM EM GRANADA

*“Esa ciudad es un sueño”*

**(Pichação de uma escadaria em Granada)**

Aproveitando que os meus colegas do PROMIN estavam em Granada, combinamos que faríamos uma visita. No Ano Novo, fui então para aquela cidade. Ali, com o mesmo afeto que eu demonstrava por Coimbra, Olívia, Nadson e José Neto me apresentaram tudo. Visitamos a casa de campo do poeta e dramaturgo García Lorca e foi emocionante!

Sem dúvidas, ir a Granada foi um dos momentos mais marcantes da minha viagem, pois nem imaginava que me apaixonaria por aquele país perdidamente. Foi muito bom passear pelas suas ruas, ouvir nativos falando o idioma que sempre estudei e, apesar das dificuldades na comunicação pela falta de prática, entender os guias dos museus e ver que aprender um idioma nunca é perda de tempo, muito pelo contrário.

Conheci os pontos turísticos de Granada, mas também conheci os lugares que só se revelam para os que ali vivem. Assistimos ao pôr do sol no miradouro mais alto da cidade e eu me senti mais viva do que nunca! Tomamos tapas juntos e comemos churros (dois grandes hábitos dos espanhóis) e a experiência só agregava conhecimentos.

Depois de tudo que vivi, mudei muito a minha visão de mundo. Passei a respeitar mais ainda as culturas e crenças que não eram iguais às minhas, aprendi a me colocar no lugar do outro, mudei de hábitos alimentares, repensei tantas coisas. Por isso, posso dizer com toda certeza que uma era a Jéssika que chegou e outra totalmente diferente era a que veio embora.

## A PARTIDA

*“Entre a casa e o mundo*

*nenhuma porta cabia  
que fechadura encerra  
os dois lados do infinito?”*  
**(Mia Couto).**

Eu sabia que esse dia ia chegar e sempre achei que estaria pronta. Prometi não escrever textos e mais textos nem pensar nas distâncias que percorreria, mas falhei. A iminência da volta nunca foi distante, tinha um bilhete de viagem que contava meus dias nas terras portuguesas. Mas eu decidi deixar meus medos e me entregar a esse tempo; envolver-me com pessoas e me permitir amá-las mesmo com o aperto de saber que talvez o tempo e a distância nos atrapalhem no futuro. Bem, o fato é que me permiti viver o que tinha para viver e levo comigo as melhores impressões desse país que mesmo no inverno insiste em ser primavera!

Amei Portugal com todas as suas particularidades, desde os portugueses que falavam muito rápido numa língua que me parecia tão distante até a saudade antecipada que já sinto desse mesmo sotaque.

Lá está, sobre o amanhã pouco sabemos, mas, no hoje, procuro palavras para descrever meu tempo de intercâmbio e só consigo pensar na gratidão! Mais uma certeza carrego: eu vou, mas eu volto, pois “entendi que por muita que fosse a estrada, eu nunca ficaria longe desse lugar.” (Mia Couto parafraseado).

Ao chegar em casa, deparei-me com um grande desafio: readaptar-me à vida que eu deixei aqui. Esse processo, principalmente nos primeiros meses, foi muito difícil, pois eu pensava todos os dias na vida que eu levava lá. Era inevitável comparar as duas vivências, mesmo que em muitos momentos eu reconhecesse que o Brasil e o nosso povo fazem com que aqui de fato seja a minha casa. Depois, descobri que a síndrome que assalta a muitos após o retorno de outro país tem vários nomes na psicologia.

Cada um sente e vive as experiências de modo único, isso é inegável; e cada um de nós processa tudo isso de maneiras distintas também. O fato é que ninguém nos conta o que vem depois de uma vivência tão linda e quase indescritível como é o intercâmbio.

Ferida do retorno é o deslocamento que pode parecer coisa do primeiro dia, mas pode também persistir por vários. Pode tirar o sono ou

nos fazer querer dormir sem parar.

Passando pouco ou muito tempo fora, voltei e descobri que a vida de todos seguiu muito bem sem mim. E quanto ao país que se deixou? Se vivi ou se sonhei, já tenho minhas dúvidas. Será que o país era assim tão belo e encantador ou a euforia do momento me fez vê-lo assim? Compensa voltar um dia?! O que eu faço da minha vida agora? Perguntas demais, tempo e cabeça de menos para pensar.

Bom, gosto de encarar tudo como um processo que precisa ser vivido. Foi bom ir e foi bom voltar! Longe de mim dizer que um desses momentos trouxe arrependimento. Só que a gente se perde no caminho para depois perceber que às vezes se perder é a melhor forma de se encontrar! Mudar tanto em tão pouco tempo é assustador, mas retomar a vida que ficou pausada aqui é mais ainda! Ferida do retorno: o que dói hoje tem tempo de sarar amanhã. Vamos um dia de cada vez!

## **CAPÍTULO V**

### **A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ TRAJANO MENDES NETO**

#### **DESTINO: GRANADA - ESPANHA**

#### **AS ESTAÇÕES DE UM INTERCÂMBIO**

Um intercâmbio é capaz de nos proporcionar milhares de novas oportunidades, experiências e sentimentos que jamais pensamos em vivenciar em toda nossa vida. Durante todo o período em que o decorreu, posso fragmentar essas experiências em algumas fases, que demonstram de uma maneira mais sensível como o intercâmbio pode, não completamente, ser descrito.

#### **O VERÃO E A ADAPTAÇÃO**

Desde o primeiro passo que dei no processo de inscrição para bolsa de intercâmbio, até o primeiro dia em que realmente pude perceber que “é isto, cheguei à Espanha”, milhares de pensamentos rodeavam minha mente, reflexões sobre como seria minha vida em outro país, como iria me adaptar com o adiamento para conclusão da minha graduação, deixar toda minha vida de lado, família e amigos por um tempo, pensamentos como esses me deixavam acordado noite após noite.

Porém, tudo tem que partir de um primeiro passo, certo? Se eu não me permitisse estar aberto a novas experiências, novos desafios, como poderia sequer pensar na possibilidade de vivenciar um intercâmbio em um país do outro lado do oceano?

Após todo o processo de assimilar que iria realmente viver em outro

país e de todas as fases necessárias para o intercâmbio, chegou a hora de dizer adeus, por um tempo, à vida que seguia. Posso afirmar, com clareza, que não é uma tarefa fácil a ser cumprida, contudo, é necessária.

Todas as inseguranças surgem de uma vez só, pensar em morar sozinho, longe dos pais, para quem nunca ficou mais que uma semana longe não é nada fácil. A incerteza da adaptação em outro país com outro idioma, a hesitação de assumir riscos, a vulnerabilidade emocional disfarçada de entusiasmo, todos estes aspectos se manifestam de modo surpreendente.

Apesar de todos os aspectos que podem ser descritos como ferramentas chave para nos deixar com um pé atrás, é interessante evidenciar que nem tudo são aspectos negativos, como poder nos permitir experimentar novos ares, culturas, pessoas e constatar que somos capazes de seguir nossos sonhos, traçar metas e cumprir obrigações de maneira sábia e honesta consigo mesmo e com todos, permitindo-nos descobrir algo que não sabíamos que existia em nós mesmos.

## **O OUTONO E A DESCOBERTA**

A descoberta pode parecer um sentimento bem infantil, mas, apesar disso, um intercâmbio é capaz de nos proporcionar novamente essa emoção de descobrir algo novo pela primeira vez. Uma das coisas que mais me fez resgatar esse sentimento foram exatamente as estações, nas quais pude presenciar, admirar e contemplar como as paisagens se transformam no decorrer de alguns meses e com elas o dia a dia das pessoas em uma região.

Isso me deixou encantado, em razão de nunca ter enxergado tantas mudanças de formas tão expressivas. E é, assim, que percebi o poder e a beleza da natureza, a capacidade de transformar e revelar nuances de cores que jamais pude ver. Pela primeira vez, fui capaz de descobrir como o outono pode ser tão maravilhoso e transformar o verde da primavera para o laranja e amarelo, e com isso modificar completamente tudo que se via diante dos nossos olhos.

Granada, Espanha, uma cidade que caiu nas minhas mãos meio que aleatoriamente, mas não sabia eu que pelas ruas dessa cidade minha história estava sendo traçada. Granada me acolheu como um verdadeiro morador, apesar de sua imensidão e relevo que me obrigavam a

andar em lugares altos e longínquos, essa cidade demonstrava cada vez mais ser um lugar tranquilo para se viver, palco para tantas aventuras que estavam por vir. Uma das cidades com mais história que já tive a oportunidade de conhecer e com a capacidade de viajar no tempo, por eras de cultura de diversas influências, reunidas em um só momento. *“Que és bonita Granada, nunca te olvidaré”*.

Logo após todo início do processo de adaptação em outro país, idioma e costumes, outro momento que posso destacar como momento de descoberta foi quando comecei de fato a perder a vergonha de falar em outra língua, uma vez que cheguei sem conhecimento nenhum do espanhol e no decorrer das semanas fui capaz de perder o medo e a insegurança de começar a conversar de uma maneira mais tranquila com os amigos que fui conhecendo. Apesar de todo receio em me permitir aventurar no idioma, a necessidade nos obriga a arriscar e, com isso, desenvolver coragem para enfrentar os desafios.

Mesmo com toda insegurança no início, a capacidade de interagir e vivenciar com outros alunos de intercâmbio acaba se tornando mais fácil, colocando-nos no mesmo nível de incertezas, alunos de outros países que estão em intercâmbio estão mais suscetíveis e abertos a novas amizades, diferentemente dos próprios nativos do país.

Não sei como realmente descrever, mas posso afirmar que nós, brasileiros, somos bem diferentes do resto do mundo. O calor e a alegria do povo brasileiro foram umas das coisas que mais me fez lembrar do Brasil durante todo o intercâmbio. Durante toda minha permanência na Espanha, pude perceber que não há este sentimento de forma tão intensa como há em nosso país. De todos os amigos que fui capaz de criar laços, grande parte eram alunos de outros países ou eram brasileiros, posso contar dois ou três amigos que eram realmente espanhóis. Apesar de poder ter novas amizades e estar feliz comigo mesmo, sempre me pegava lembrando dos amigos que deixei. Experimentava um sentimento novo que não estava acostumado, a saudade.

## **O INVERNO E A SAUDADE**

Por muitas vezes, escutei pessoas próximas a mim dizerem que eu não demonstrava sentir saudade, que eu era bem desapegado de tudo e de todos, e isso era o que eu pensava também por algum tempo. Os dias

passam e com eles aquele aperto de saudade, que muitas vezes não expressava, começava a aparecer.

O inverno chegava e com ele o dia de voltar para casa ficava cada vez mais perto. E a ansiedade e a saudade apertavam meu peito dia após dia, mas tinha que ser forte para não desabar e deixar as emoções tomarem conta.

Pessoas entram em nossas vidas todos os dias, mas só aquelas que realmente são verdadeiras permanecem. Posso afirmar que se não fossem as pessoas com as quais convivía, minha vida durante o intercâmbio não seria nada boa. Tudo fica diferente quando estamos acompanhados por pessoas que nos fazem bem, que emanam uma energia boa, que nos fazem sorrir mesmo estando tristes, que nos fazem companhia em momentos de solidão, que dão o melhor de si em todos os momentos, esses sim podem ser chamados de amigos.

A saudade pré e pós-final de intercâmbio acontecia, saudade da família e amigos que deixei como também da segunda família que pude criar durante intercâmbio. Da minha colega de apartamento que me ajudou desde o começo a me adaptar, dos meus amigos da UEPB que vieram comigo para a mesma cidade e sempre estávamos juntos em todos os momentos, de uma amiga que conheci durante o intercâmbio, brasileira, que sempre estava presente e que se aventurava comigo nas tentativas de recriar receitas brasileiras e que apesar de termos nos conhecido no intercâmbio e de morarmos em lugares distantes, levamos nossa amizade de volta ao Brasil, dos amigos de outros países que sempre demonstraram carinho e puderam agregar ainda mais conhecimento sobre outras culturas e, por fim, uma senhora brasileira, mas já morava na Espanha há muito tempo, dona de uma pequena padaria ao lado do apartamento, que sempre passávamos horas conversando e que considero como uma pessoa incrível, e aos outros que não mencionei, mas marcaram presença durante este tempo, a saudade nesse ponto do intercâmbio já dava as caras e será sempre eterna.

E, por fim, mas não menos importantes (pois chegaram no fim mesmo) não posso deixar de mencionar as pessoas que chegaram, de repente, em minha vida e que apesar do pouco tempo juntos, transformaram esse curto período em laços eternos de amizade. Aos que eu chamava, em forma de brincadeira, de colegas, mas que no fundo os chamava

de amigos, que me acolheram de forma inexplicável e deixaram sua marca na história da minha vida e do intercâmbio, a saudade sempre será pouca.

## **A PRIMAVERA E O LAR**

E o grande dia de voltar para casa, que para alguns pode ou não ser um dia tão esperado, chega e com ele todas as lembranças voltam de uma só vez em um *flash*. Voltar, depois de seis meses e ver como o tempo passou tão rápido, poder reencontrar a família e amigos que deixei, e enxergar a felicidade expressa no olhar de cada um, porque voltei bem e em segurança não tem preço.

É possível afirmar que regressar de um intercâmbio se assemelha à fase de adaptação que descrevi no início desse texto. Quando voltamos de um intercâmbio, todas as coisas que deixamos pausadas quando partimos iniciam como se nada tivesse acontecido, que o intercâmbio nem existiu, parece que apertamos o botão *play* na nossa rotina antiga e nossa vida retoma normalmente.

Precisamos tentar nos readaptar às nossas antigas obrigações. Lembrarmo-nos do que aprendemos durante todo o intercâmbio e, com isso, tentarmos mais uma vez organizar a nuvem de sentimentos que novamente volta a nos rodear quando retornamos.

Por muitas vezes, pensei que tudo que aconteceu durante o intercâmbio, fosse como a expressão criada na internet, um delírio coletivo, me perguntava se tudo aquilo que eu me lembrava, se eu realmente vivi, só acredito realmente que foi verdade, pois tenho fotos e textos para provar cada momento e cada história.

Todos os momentos ficaram e ficarão marcados por todo o tempo, desde os momentos mais simples e sensíveis aos mais complexos e deslumbrantes. Tenho certeza de que a história antes iniciada nesta pequena jornada, ainda seguirá passos jamais esperados.

O intercâmbio acabou e, todos os dias, vamo-nos lembrar dele, e pensarmos que ele não foi apenas um momento passageiro. Alguns acharam o lugar em que queriam estar enquanto outros continuarão procurando.

## **E POR FIM**

Posso dizer que foi uma experiência incrível e única, coisa que eu nunca esperei realizar, só era na imaginação mesmo. Muitas pessoas pensam que o intercâmbio foi só diversão, mas isso por que não estavam lá, noites dormindo tarde para tentar entregar projetos e cumprir prazos, saudades infinitas de casa, o controle financeiro necessário e entre outros pontos.

A experiência de poder vivenciar um método de ensino diferente do que nos é proporcionado no Brasil, é incrível em todos os aspectos. E é claro que possui seus lados ruins também, mas tudo funciona com um propósito.

Hoje, percebo o quão importante foram todos os projetos de pesquisa, de extensão, monitorias, eventos participados. Cada um contribuiu efetivamente para que eu pudesse chegar a esse momento. Terminei o intercâmbio feliz, bem e realizado pessoalmente e academicamente, tendo aprendido um novo idioma, conhecido outros países, culturas, comidas e hábitos. Cada um com sua particularidade e com algo para deixar marcado.

Digo e volto a repetir, pode parecer uma coisa horrível, deixar a família, amigos e atrasar um pouco o curso, mas afirmo que valeu a pena cada dia. Aos amigos que fiz e que espero encontrar novamente um dia, obrigado, por fazer parte desses momentos.

## **CAPÍTULO VI**

### **A EXPERIÊNCIA DE KARLA SABRYNA VALENÇA SOARES**

#### **DESTIÑO: LIMA - PERU**

#### **A BOLSA**

Realizar um intercâmbio durante a graduação sempre foi um sonho, eu buscava oportunidades de bolsa em diversos sites na internet, porém ainda achava a oportunidade longe de ser alcançada. Já estava na metade do curso de Relações Internacionais no ano de 2018, quando fiquei mais alerta para as oportunidades da Coordenadoria de Relações Internacionais (CoRI) da UEPB. Nesse ano, tentei todos os editais de seleções que eu podia!

Fui aprovada para a segunda fase de dois programas: o Programa de Mobilidade Internacional da UEPB (PROMIN) e o Top Espanha 2018. E, mesmo assim, de primeira não fui aprovada em nenhum, fiquei feliz por ter chegado perto e triste por ainda não ter conseguido. Porém, para minha felicidade, ocorreu uma reviravolta, e devido a um problema com um dos selecionados, eu fui selecionada em uma segunda chamada no PROMIN.

#### **A UNIVERSIDADE**

Já com a bolsa, o novo desafio seria escolher um país e universidade. Depois de muito ponderar, decidi ficar na América Latina, afinal, todos sempre escolhiam Europa e dentro da visão que meu curso me deu pensei que como forma de resolver os problemas de nosso país temos

que buscar conhecer mais dos países próximos a nós não só geograficamente como também culturalmente. E ainda conseguir treinar um outro idioma. E, assim, escolhi o Peru, um país que divide uma fronteira importantíssima com o Brasil, a Amazônia, e que devido à força de sua civilização pré-colombiana também tem uma história e cultura grandíssima.

Cursei meu período de intercâmbio na Universidade Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM), considerada a primeira universidade da América fundada em 1551 e objeto de respeito para os peruanos. A UNMSM não possui o curso no qual estou, porém decidi aproveitar a oportunidade para conhecer mais de uma área correlata que me ajudasse muito no meu curso, estive no curso de Ciência Política.

Uma surpresa muito boa foi conhecer o Club ONU, um clube que faz treinamento competições e organiza Modelo de Nações Unidas (MUN, sigla em inglês). Fiquei muito feliz, pois na UEPB participei desde meu primeiro período de um projeto de extensão que tem o mesmo objetivo, o MUNDI. Além de todos os aprendizados, também foi possível passar um pouco da nossa visão para a equipe.

A participação nesse grupo também me possibilitou outra experiência incrível, contato com Oficina das Nações Unidas para Drogas e Delito: Peru – Equador (UNODC, sigla em inglês). Fiz parte do treinamento de um programa de voluntariado que está sendo realizado entre a cidade de Lima e UNODC, chamado Educação para a Justiça que visa apoiar a integração do estado de direito e a prevenção criminal em todos os níveis educativos.

## **EVENTOS ACADÊMICOS**

Como integrante do grupo Club ONU, participei de um MUN, o PUCP MUN, realizado pela Pontifícia Universidade Católica do Peru. A experiência foi diferente da que tinha conhecimento aqui no Brasil, mas, certamente, senti que me proporcionou uma gama de conhecimento mais forte que vai me ajudar muito nas atividades que vier fazer nesse retorno.

Tive a oportunidade de ser voluntária na Feira Internacional San Marcos +, uma feira na UNMSM que levou embaixadas, universidades estrangeiras e outras organizações internacionais a apresentarem seus

recursos como meio de facilitar intercâmbio para os alunos.

Durante minha estadia no Peru, ocorreu o Dia Mundial do Meio Ambiente, esse marco foi importante porque gerou um grande número de eventos acadêmicos voltados para o mesmo. Essas oportunidades, juntas com as demais experiências que tive, proporcionaram-me construir uma nova consciência sobre o tema.

## **VIAGENS**

O Peru é um país de verdade riquíssimo para quem gosta de conhecer natureza, possui praias, deserto com um oásis, as montanhas dos Andes, nevados, muitas cidades culturais e sítios arqueológicos de milhões de anos atrás. Com toda essa diversidade, ali mesmo não planejei nem sair do país para visitar outros lugares. Visitar tudo que citei era meu sonho, mas organizar horário e dinheiro não é fácil, por fim, a maioria das viagens que fiz foi inesperada.

A primeira vez que saí de Lima, foi para acampar, e essa foi também minha primeira vez acampando. O lugar escolhido foi Marcahuasi, um planalto que fica na Cordilheira dos Andes a aproximadamente 4000 metros acima do nível do mar, rodeado por abismos. Há 80 séculos, o local era habitado por povos originários que ali viveram e deixaram diversos vestígios, como rochas em formatos de pessoas e animais que são um mistério pela maneira como foram feitos e sua permanência até os dias de hoje.

No caminho a Marcahuasi, conheci as pessoas que formam o grupo do Plan Cero Basura, grupo que realiza um trabalho de turismo sustentável. Acreditando em sua proposta, participei da limpeza da montanha enquanto conhecia mais desse lugar mágico. Esse grupo me ensinou muita coisa, sobre o lugar, uma relação mais harmônica com a natureza e uma maior conexão também com as pessoas. Essa viagem foi meu primeiro desafio e fiquei muito feliz de todos os efeitos que ela trouxe.

A próxima viagem que fiz foi ainda menos planejada, fui conhecer Trujillo, a noroeste do Peru. Não conhecia muito sobre o lugar antes de ir e me surpreendi muito. Apenas quando tive a chance de estar lá soube que, neste lugar, existe um enorme complexo de adobe da cultura Chan Chan, parte de uma cidade abandonada que, no passado, foi lugar do antigo Reino Chimú, uma comunidade pré-inca e que teve uma

cultura muito bem desenvolvida.

Minha última viagem foi a Cusco, essa sim foi muito bem planejada, afinal, conhecer uma das sete maravilhas da humanidade fica sempre no topo da lista de quem visita o Peru. Porém, depois da minha viagem a Trujillo, estava um pouco desanimada, pois acreditei que nada mais fosse me impressionar. Mas, no final, como me impressionei!

A caminho de Macchu Picchu, a experiência começa na estrada, escolhemos a rota mais em conta e com um pouco de aventura. Foram 7 horas de carro até chegar num ponto que caminharíamos 2 horas e meia na chuva até um povoado onde descansaríamos para subir até Macchu Picchu. Antes do sol nascer, já saímos a caminho da rota da montanha, foi mais de uma hora de pura subida de escadas. E, enfim, chegamos à antiga cidade sagrada dos incas.

Esse caminho com tanto contato com a natureza já me deixou muito em reflexiva, imaginava como tantos povos antigos passavam por rotas como aquela e como aproveitavam de maneira tão harmônica a natureza. Tudo se fez ainda mais especial dentro do local quando nos explicaram das razões pelas formações que víamos e o quanto cada coisinha falava sobre a cultura inca. O mais impressionante foi me dar conta que os incas fizeram de tudo para proteger essa cidade dos espanhóis, já que para eles esse era seu lugar sagrado, ali só iam os intelectuais, engenheiros, sacerdotes e as mulheres escolhidas para o líder. Só foi redescoberto no século XX.

Cusco tem muitos lugares turísticos nas proximidades, desde esta cidade as pessoas partem para diversos destinos. Outro lugar que passei foi a Montanha de 7 Cores. Localizada a 5000 metros acima do nível do mar, essa viagem exige mais esforço dos que se atrevem a ir. A montanha tem uma coloração diferente e a vista neste lugar é realmente de deixar qualquer um emocionado. Apenas no meio do passeio, no entanto, descobri a história dessa coloração, bem perto de montanhas de picos nevados, a Montanha de 7 Cores é resultado de um degelo.

## **ALÉM DO ESPERADO**

Além dessas experiências e descobrimentos que comentei, o intercâmbio me impressionou de outras maneiras. Uma delas foi a descoberta da salsa, um gênero que é escutado em todos os lugares no Peru, e, como

vim a descobrir, também em toda a América hispano-falante. Existem rodas de cassino, inspiradas nas raízes cubanas do gênero, eu cheguei a conhecer e fazer parte de uma enquanto estive lá, e foi incrível a maneira como fui recebida pelas pessoas do meio. É uma grande conexão.

Também falando em conexões, mas dessa vez as humanas, conheci muita gente incrível. Dividir casa com 15 pessoas não é uma experiência pequena. Estive rodeada por um grupo de pessoas de diferentes nações. A busca por tentarmos nos entender era divertida. É incrível como nos tornamos família uns dos outros. Quando um adoecia o outro levava sopa, acompanhava ao médico, tornamo-nos apoios uns dos outros.

Bem, para finalizar, creio que está mais do que exposto que eu não tinha muito claro como ia ser esse intercâmbio, mas aproveitei as chances que me apareceram e me levaram a adquirir um conhecimento que eu jamais havia esperado. O resultado de toda a experiência foi incrível, pois o tanto de conhecimento acadêmico, profissional, cultural e espiritual que consegui, com certeza, vai moldar meus rumos a partir de agora.

Um intercâmbio muda uma pessoa. Você é posto a prova, testa seus limites e suas liberdades. É algo que não importa o que aconteça vai ser incrível porque além do conhecimento acadêmico vai te fazer conhecer mais de si mesmo e essa é a maior marca que o intercâmbio vai deixar.

## CAPÍTULO VII A EXPERIÊNCIA DE ÊNIO DE ALMEIDA BRITO NEVES DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL

### DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO?

*“Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”*

**(Ecléa Bosi, Memória e Sociedade).**

Memória é reconstrução, é cozer pequenos pedaços de momentos vividos com os sentimentos que eles despertam. É juntar realidade e fantasia numa mistura que se transforma numa bela história para aqueles a quem dirigimos a palavra.

Esse trabalho de (re)construção, que também se assemelha ao de um pedreiro com o cimento e seus tijolos, já foi feito por mim diversas vezes: contei e recontei as experiências da minha vida, trouxe novos fatos que eu não lembrava, esqueci outros, pus emoção, frieza, incrementei com gestos, sorrisos, fiz pausas dramáticas.

Aqui, serei um contador mais uma vez, quase como um Pero Vaz de Caminha às avessas (ou talvez não chegando nem perto). Serei o relator da descoberta de uma terra distante, quase que desconhecida pelo meu universo e que me revelaria muitos tesouros e belezas, mas também seria o palco de desafios e que caracterizariam essa jornada como única na minha existência.

Sairíamos eu e mais quatro desbravadores em busca dessa aventura, que começou em Campina Grande, Catolé do Rocha e Monteiro em direção à Coimbra. Assim como Colombo e Pedro Álvares precisaram do apoio da Coroa para a realização das suas expedições, a Universidade Estadual da Paraíba foi a nossa incentivadora, acreditando que já estávamos preparados para essa jornada e para, também, trazermos as nossas descobertas de volta às nossas terras brasileiras e paraibanas.

Quem reduz o intercâmbio à experiência acadêmica perde, talvez, a essência de uma experiência como essa. É quase como abrir a panela de galinha de capoeira, comer alguns pedaços sem graça e esquecer-se do molhinho para comer com farinha. É perder a sua dimensão, a meu ver, mais importante: a dimensão de transformação de nós enquanto seres humanos.

Num ato de transgressão, escrevo esse capítulo fugindo quase que totalmente dos padrões trazidos pela academia. Deixo as memórias fluírem e vou lapidando-as como pequenos diamantes. Algumas fugas dos padrões acabam tendo seus limites, por isso resolvi escrever esse “relato” em três partes.

Não garanto a pureza das memórias nem que todas serão aqui descritas. Apenas vou desejando fazer disso um pequeno baú de memórias que se tornaram palavras e agora, mais do que tudo, podem ser eternizadas. E, sim, tudo em primeira pessoa, pois, afinal, quem vos fala é um sujeito que constrói a sua história.

## **A FAMILIARIDADE DO ESTRANHO E A ESTRANHEZA DO FAMILIAR**

No meu percurso pela vida, uma coisa sempre me intrigou e ainda me intriga: como um objeto, um lugar, uma pessoa, que antes eram tão estranhos para nós (por não fazerem parte do nosso universo) se tornam tão familiares? Em que milésimo de segundo há aquele estalo interno em que nós nos sentimos parte dali ou aquilo começa a fazer parte de nós?

Escavando as minhas memórias de Coimbra, ainda continuo me fazendo as mesmas perguntas e me vem uma cena que criei em minha imaginação da chegada dos portugueses ao Brasil. Que terra era aquela com pessoas tão estranhas, com costumes tão peculiares, com modos

de vida tão diferentes? E que terra era essa, que mesmo com as suas estranhezas se tornou casa para alguns que de lá vieram? Tornar o lugar casa não é apenas transformá-lo, mas deixar-se transformar.

Portugal não era lá tão estranho para mim: já havia dado uma passada por essas terras, mesmo que brevemente; a língua, apesar das suas singularidades, era-me mais ou menos familiar; os costumes pareciam um pouco brasileiros. Porém, quando cheguei lá, parecia que tudo isso havia sumido e mudado. Estava sendo estrangeiro numa terra de estrangeiros. A língua pareceu mais difícil, as localizações do GPS mais complicadas de ler, as perguntas mais difíceis de fazer. Afinal, ser estrangeiro é ser um estranho num lugar talvez ainda mais estranho.

Chegando a Coimbra, depois de alguns pequenos desafios, nossa maior tarefa seria a de procurar uma casa. E, detalhe, os cinco que foram queriam morar juntos. Seria, talvez, o início do que podemos chamar da nossa “Família Feijão” que, depois de achar uma casa, tomou-a como sua e, se posso dizer, o início do trabalho de também nos tornarmos casas uns para os outros.

Família é sempre por onde começamos, é o espaço do coração, mesmo que não tenhamos laços de sangue. Família é, como diz Álvaro Azevedo, “prato difícil de se preparar”. E quantos pratos não rolaram naquela casa em que ficamos? As invenções das comidas, as mãos pesadas no sal, a pia cheia de louça, a gritaria dos amigos numa noite de jantar. Casa bagunçada nada mais é um sinal de uma casa que tem vida e que nos dá vida.

Nessa nossa família, que misturava tantas cabeças diferentes, recebemos o presente de conviver com as diferenças, de aprender a lidar com as opiniões, com os modos de estar no mundo, de se mostrar em algum momento com as suas fragilidades para que o outro também ajudasse. Literatura, linguística, química, jornalismo e psicologia dialogaram de uma maneira nunca antes vista. Não só os saberes acadêmicos, mas também as experiências de vida.

Posso dizer, já nesse primeiro momento, que a nossa casa foi a primeira universidade. As madrugadas lendo poesia para mim foram inesquecíveis. Por isso, trago para finalizar essa primeira parte um poema de um escritor que, para mim, foi um grande achado: Miguel Torga. Esse poema, que descobrimos numa das nossas andanças em um

monumento dedicado à poesia, contém uma das verdades que aprendi nesse intercâmbio.

## SÍSIFO

### (Diário XIII)

*Recomeça...  
Se puderes  
Sem angústia  
E sem pressa.  
E os passos que deres,  
Nesse caminho duro  
Do futuro  
Dá-os em liberdade.  
Enquanto não alcances  
Não descanses.  
De nenhum fruto queiras só metade.  
E, nunca saciado,  
Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.  
Sempre a sonhar e vendo  
O logro da aventura.  
És homem, não te esqueças!  
Só é tua a loucura  
Onde, com lucidez, te reconheças.*

### A MAGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

No aniversário de 42 anos do curso de Psicologia na Universidade de Coimbra, a professora Manuela Vilar, que ministrava a disciplina de Avaliação Psicológica I junto com o professor Mário Simões, trouxe em um momento da sua aula uma reflexão mais do que especial para nós, alunos de Psicologia. Ela pediu para que, de olhos fechados, nós nos lembrássemos do primeiro momento em que pisamos os pés na Faculdade de Psicologia daquela universidade.

A partir daí, conduziu a nossa imaginação. Gostaria de, assim como ela, conduzir-lhe por essa pequena jornada... começando a nossa

trajetória num dia de muito sol e calor, o inverno ainda não tinha chegado. Estamos subindo uma ladeira muito íngreme, toda coberta por pedras que lembram paralelepípedos e já se encontram lisas, desgastadas pelo tempo. Quantas pessoas, em 729 anos de Universidade, já não passaram por ali?

No topo dessa ladeira, encontra-se um prédio branco, antigo, com uma parede muito alta, uma porta gigantesca de madeira circundada por um portal de pedra, algumas pequenas janelas retangulares com umas grades de ferro e um letreiro que dizia:

## **FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Depois, fazendo-nos entrar, fez-nos olhar para um outro de portal de pedra adornado que dava para a Associação Acadêmica e depois, um pouco mais à frente, entramos no primeiro corredor escuro com o teto forrado com pequenos tijolos já envelhecidos pelo tempo.

Em meio a essa condução, já estou com o coração acelerado: aquela seria a universidade que eu iria estudar! Queria sentir tudo aquilo, apreender em mim cada pedacinho daquele lugar que já me impressionava e estava de braços abertos para me receber.

Ainda no corredor que conferia um ar de mistério com a sua penumbra, uma porta à nossa esquerda nos chamava a atenção e a luz que por ela entrava nos convidava a ir até lá. Andamos pelo corredor, subimos uns poucos degraus e fomos de encontro à porta. Ali entramos e nos deparamos com algo mais do que impactante: o claustro da faculdade. Uma grande área situada no meio do edifício, rodeada de colunas que formavam arcos e, mais acima, janelas com suas pequenas varandas. As paredes que rodeavam forradas com azulejos azuis que contrastavam com o tom amarelado das pedras que sustentavam o prédio. A luz tomava conta. Pessoas iam e vinham, estavam sentadas fumando, tomando seus cafés. Foi com essa visão que fui transportado à minha lembrança do impacto que eu tive nesse prédio que, talvez, por coincidência, foi o primeiro que entramos no nosso desbravamento pela Universidade de Coimbra.

Viver a UC é também viver a sua materialidade, é tocar as suas pedras, é sentir os seus cheiros e texturas. Lembro-me de uma impressão

que tive em uma das Serenatas ao Luar, proferida no Paço das Escolas. Estávamos ali em grupo contemplando a grandeza da Universidade que, naquele momento, em meio à escuridão da noite, estava iluminada com holofotes com tons de violeta. Em frente ao público que estava sentado, a orquestra com suas pequenas luzes amarelas que acendiam as partituras. O vento soprava e a neblina começava a chegar acima das nossas cabeças. A música tocou e o encanto estava feito: não havia emoção maior de contemplar a grandeza daquela universidade que tem uma história ainda mais antiga do que a do nosso próprio país.

## INTELECTUALIDADES

Por recomendação para o intercâmbio, só escolhi três disciplinas. Posso dizer que, por um lado, me arrependi dessa escolha, visto que poderia ao menos ter colocado uma ou duas a mais. Quatro dias inteiramente livres todas as semanas parece ser algo tentador, mas que mostrou também o seu lado mais tedioso e paralisante.

Fiz três escolhas: *Psicopatologia Infantil*, a disciplina que mais eu estava esperando, por ser de base psicanalítica e relacionada à infância; *Saúde Mental Comunitária*, que na ementa anunciava a existência de uma parte prática para traçar um plano de ação numa comunidade, chamando-me a atenção; e, por fim, *Avaliação Psicológica I*, que estava já planejada para fazer um aproveitamento ao meu retorno para a UEPB.

*Psicopatologia Infantil* foi uma das maiores surpresas para mim. Eduardo Sá é referência nos estudos com bebês e crianças em Portugal e no mundo, também vindo ao Brasil para proferir conferências e estando em contato com autores que lemos cotidianamente no ambiente acadêmico brasileiro, como Maria Cristina Kuffer. Sua primeira aula anunciou o que teríamos pela frente, que seria uma visão totalmente diferente do saber e fazer psicanalítico ortodoxo com o qual tive contato. Uma leitura da psicanálise pelas neurociências fez meu queixo cair tratando de questões que aparentemente seriam inconciliáveis nos dois saberes, mas que faziam todo o sentido depois de reorganizadas pelo professor.

A vinda de novos conceitos como “transferência estimada”, uma perspectiva de uma estrutura psíquica saudável para além da neurose

e psicose, a ideia de uma análise com tempo determinado, a concepção de uma estrutura *borderline* foram conteúdos abordados que me tiraram totalmente da zona tradicional de pensamento e que tomaram muito tempo de reflexão, rendendo ótimos frutos.

Nessa disciplina, fizemos uma trajetória que ia desde o momento da gravidez e suas psicopatologias (das “gravidezes” do pai e da mãe) ao sofrimento psíquico na pequena infância. Saí da universidade e poucas semanas depois foi inaugurado o BabyLab, o laboratório de pesquisa e atendimento aos bebês, da própria Faculdade de Psicologia. Fui guiado para esse componente pelo desejo, visto que é uma área que tenho interesse em me aprofundar.

*Saúde Mental Comunitária* foi uma disciplina ministrada pela professora Maria Jorge Ferro. Houve um ganho em termos de ampliação do conceito de Saúde Mental Comunitária. Um fato curioso que se deu ao longo das aulas dessa disciplina foi que durante muito tempo, na época das eleições e depois delas, amplas discussões sobre a política brasileira, seus impactos na saúde mental dos cidadãos do país, suas repercussões internacionais, deixando sempre nós, os 5 alunos brasileiros que ali estávamos, sempre conectados com a realidade do outro lado do Atlântico.

Essa disciplina, além de outras experiências que tivemos, foi de fundamental importância para valorizarmos o nosso país. Nela, eu e mais duas amigas brasileiras traçamos um panorama da saúde e assistência social no Brasil e as relações com o paradigma de promoção da saúde mental comunitária, expondo, inclusive, a complexidade dos nossos sistemas e nos fazendo perceber que, apesar da operacionalização deficitária, estes ainda cumprem um papel de extrema importância em nosso país. As aulas eram verdadeiros espaços de discussão (pois vi pouca abertura nas outras disciplinas) sobre racismo, ética, uso de drogas, praxes, entre muitos outros assuntos.

Por fim, em *Avaliação Psicológica I*, tivemos como professores o Mário Simões e a Manuela Vilar, também referências nos estudos de Avaliação Psicológica em Portugal. Professores atualizados, que se mantêm inclusive em um trabalho exaustivo de produção e validação de instrumentos psicométricos. A prova das suas competências era que líamos as produções deles na sala de aula: os artigos, capítulos de livros

publicados, etc. Foi interessante a existência de uma parte prática de análise de algumas escalas. O nosso maior ganho nessa disciplina foi justamente a experiência profunda de estudo, a qual eu pessoalmente não estava tão familiarizado no Brasil. O “mastigar” dos conteúdos não era tão exaustivo como na realidade na qual eu havia sido educado, sendo eu obrigado a também aprender a estudar por conta própria de uma maneira mais aprofundada.

## **MERGULHOS NA CULTURA**

Se estávamos numa expedição, seria necessário mergulhar de cabeça aonde iríamos. O objetivo-mor seria tentar apreender o máximo que pudéssemos sobre aqueles lugares que passamos e, para isso, era necessário se abrir ao novo. Vejo que a primeira ponte para a terceira e maior contribuição do intercâmbio, o ganho cultural, foram as amizades. Por Coimbra ser uma cidade predominantemente universitária, toda a Europa e outras partes do mundo circulavam por ali. Alemães, chineses, italianos, marroquinos, franceses, coreanos, russos, espanhóis, brasileiros, belgas, além de tantos outros sujeitos de nacionalidades diferentes compunham o dia a dia conimbricense. Falar inglês ou espanhol era uma realidade frequente, mesmo estando num país em que a língua-mãe era o português.

Por estarmos convivendo com toda essa miscelânea de povos, também fizemos os nossos amigos. Mais uma memória que eu trago à tona é a de um jantar que fizemos, a convite das nossas amigas italianas, que acabou sendo um encontro de nações: brasileiros, espanhóis e italianos reunidos em torno de uma mesa. O acordo seria o de que cada um iria falar a sua língua, da maneira mais clara possível, para que pudéssemos entender o que o outro falava. Foi um dos melhores momentos do intercâmbio, em que íamos aprendendo as palavras novas, os costumes, as semelhanças, as diferenças. Mais uma vez as cozinhas e as mesas sendo esses espaços tão importantes de troca das nossas experiências.

Mais e mais jantares aconteceram: com nosso amigo alemão, nossa amiga russa, nossas amigas italianas, nossos amigos portugueses e brasileiros. Parecia que a cada encontro nosso maior prazer era buscar, cada vez mais fundo, as palavras mais estranhas e engraçadas que pudéssemos ensinar aos nossos amigos, era visitar enchendo de ainda mais

afeto os nossos costumes que eles não tinham familiaridades, era dar os presentes dos nossos países através das histórias.

Certa feita, estávamos todos da Casa Feijão reunidos e andando na rua com nossa amiga russa, Polina. Passando pela Rua do Comércio e seu mundaréu de lojas de um lado e do outro, estávamos brincando e rindo. Não lembro quem foi que falou, mas alguém havia dito a Polina que rir no Nordeste brasileiro era também “mangar”. Depois de uns segundo processando aquela palavra nova, e de uma maneira muito espontânea, ela chegou e nos disse “gosto muito de mangar com vocês”. E todos “mangamos” juntos, num momento de profunda alegria.

Nesses momentos, viajamos sem, literalmente, sair do lugar. Mas também viajamos saindo dos nossos confortos de casa. Meu intuito, nessas viagens, era ver o que nós víamos nos livros de história e que tanto me chamavam a atenção. Minha paixão por culinária me levou a Turim, na Itália, para o Terra Madre Salone del Gusto, o maior evento de Slow Food do mundo. Lá em Turim também pude visitar o Museo Egizio, com uma das maiores coleções de egiptologia do mundo.

Fui passando pelos maiores museus do mundo, como o Louvre e o Museu do Prado, a Galleria Degli Uffizzi. Corri atrás de tudo o que remetia a Leonardo da Vinci, uma das figuras que me inspiram no olhar para o mundo: encontrei a exposição do Códice Madrid, um dos cadernos de anotação de Da Vinci, na Biblioteca Nacional de Madrid. Vivi um momento de extrema emoção quando, em Florença, pude visitar, na Galleria Degli Uffizzi, a exposição do Códice Leicester, também de autoria de Da Vinci e pertencente a Bill Gates. Ver a genialidade daquele gênio italiano grafada por suas próprias mãos foi uma experiência única. Subi as ladeiras de Florença atrás da casa de outro pensador que me inspira, Galileu Galilei.

Assim, fui nessa busca pela história do mundo e do pensamento humano, enchendo meus olhos de lágrimas e sentindo aquela empolgação correr pelo meu corpo, apesar do cansaço que batia em alguns momentos e do frio que desencorajava um pouco. Em Viena e em Londres, visitei a casa de Freud, que guia os meus interesses pela psicanálise e saí profundamente emocionado em ver os espaços da gênese desse pensamento que, para mim, foi tão revolucionário. Fui ao Campo de Concentração de Sachsenhausen guiado por umas amigadas que fiz em

Berlim, conheci o Muro de Berlim e os espaços da antiga Gestapo de Hitler e tantas outras coisas que agora me fogem à memória.

Se eu tivesse que pagar o peso extra de bagagem cultural para entrar no avião, talvez esse fosse o caso. Voltei cheio. Cheio de novos olhares, cheio de novas ideias, cheio de novos amigos. Dizem que quando se viaja, nunca se volta o mesmo. Aquele Ênio que havia tocado com seus pés o continente europeu lá ficou, deixando que voltasse um novo para as terras brasileiras. Não pude trazer muitas coisas físicas na mala, mas as lembranças são os bens que se eternizam e que nós podemos levar aonde formos e presentear as pessoas que vivem conosco com as nossas histórias.

A expedição acaba, mas as vivências continuam reverberando em nossas mentes e corações por muito tempo. Os laços, criados pelas circunstâncias e afinidades parecem que não medem distância e continuam fortes em nossos corações. A estranheza que se transformou em familiaridade trouxe alguns frutos preciosíssimos.

*Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair.*

*Pra que somar se a gente pode dividir.*

*Eu francamente já não quero nem saber*

*De quem não vai porque tem medo de sofrer.*

**(Vinícius de Moraes – Como Dizia o Poeta)**

Termino esse capítulo dedicando-o aos meus amigos, àqueles que moraram comigo fisicamente e que hoje carrego dentro de mim, àqueles que não moraram, mas que também vivem aqui comigo. Por fim, trago uma foto que para mim resume toda essa experiência que vivi, que, mesmo tendo um lado tão complexo e difícil, me ensinou a valorizar a simplicidade das coisas da vida e saber que, nessa jornada pela existência, o que vale mesmo é ir nos caminhos que se abrirem para nós, como heróis em buscas das suas missões e dos seus sentidos.

## **CAPÍTULO VIII**

### **A EXPERIÊNCIA DE OLÍVIA MARIA PEIXOTO FLÔR**

#### **DESTINO: GRANADA – ESPANHA**

#### **OLÍVIA NA ESPANHA**

Escrever, em si, para mim, sempre foi meio terapêutico. Eu fui uma criança que sempre teve vários diários: fossem convencionais ou meros blocos de notas, em que eu anotava trechos de música e frases ligeiras sobre o que eu sentia no momento. E, com isso, já dá para sentir como a música sempre esteve presente na minha vida, de uma forma ou de outra.

Sendo uma pessoa acostumada a escrever, eu não sei o que tem me feito ter tanta dificuldade em começar, e até mesmo em desenvolver esse relato. Deveria ser muito fácil: expor os pontos principais da minha jornada ultramarina de seis meses...

Agora, analisando direitinho, talvez essa dificuldade se dê porque eu sempre escrevi para entender – nunca para explicar. E, dessa vez, eu sinto que eu preciso explicar. Mas, como explicar a primeira vez que se sobe ao Mirador de San Nicolás? Como explicar o pôr do sol dourado em San Miguel Alto? Como falar sobre o céu azul do inverno de Granada? Bem, de verdade, eu não sei se dá para explicar. Mas, eu prometo que vou tentar...

Sejam bem-vindos a um pedacinho da minha história. E saibam desde já que ela vai ser regada por música – porque, sendo eu, não dá para dissociar.

## “UM SONHO DENTRO DE UM SONHO, EU AINDA NEM SEI SE ACORDEI”<sup>1</sup>

Sem muitas delongas, meu nome é Olívia Flôr, e eu sou estudante de Direito, do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba.

Acho que no meu coração sempre existiu uma certa vontade de estudar fora. Mas, para falar a verdade, eu nunca achei que seria possível...

Fazia um dia meio cinza, chuvoso, e eu encasquetei que tinha que fazer um teste de proficiência em língua estrangeira. Procurando por isso, comecei a fuçar o site da UEPB, e encontrei uma página que tinha vários formulários de inscrição, para várias coisas diferentes. E eu? Bem, eu saí fazendo todos, sem ver nem para o que eram.

Depois disso, esqueci. Até que, em um feriado igualmente chuvoso, eu recebi uma mensagem de um amigo (obrigada, Balbino!) me parabenizado por ter sido selecionada na primeira fase do PROMIN (Programa de Mobilidade Internacional, da UEPB, que, na época, estava debutando).

Eu não acreditei! Mas, o engraçado é que, a partir daquele momento, sem ter nem sido completamente aprovada, a cidade de Granada, na Espanha, passou a habitar no meu coração. E eu não sei bem o porquê, mas algo muito forte me conduzia para lá.

Pensando agora, seis meses depois de ter voltado, eu acho que meu coração escolheu aquela cidade antes que eu pudesse racionalizar tudo o que estava acontecendo. Eu não consigo até hoje entender o amor e a vontade de estar naquele lugar, desde o primeiro momento!

E aí, com muita alegria e emoção, eu recebi o resultado definitivo, dias depois da realização da segunda fase: eu tinha sido aprovada! Lembro que eu estava no estágio quando vi a lista final de classificação, e, de verdade, nada daquilo parecia real.

Comecei, com a ajuda do pessoal que também tinha sido aprovado, a providenciar a documentação para o visto e todas as coisas burocráticas correlatas.

Mesmo com toda a correria, eu sempre senti que tudo o que se deu era, de fato, o que devia ser! Seja pela promoção em que conseguimos comprar a passagem para tirar o visto em Salvador (obrigada pela

1 “Um sonho” – Romário Menezes de Oliveira Júnior / Jorge du Peixe / Lucio Maia / Alexandre Salgues da Costa.

parceria, José Neto!), seja pelo seguro saúde ter saído no dia em que deveríamos viajar para a capital baiana, tudo sempre se encaixou. Sempre como tinha que ser. E, depois da ligação do Consulado dizendo que o nosso visto tinha sido aprovado, era só esperar o dia da viagem. E ele chegou...

Mais de vinte horas depois, desembarcávamos em Granada. E eu não sei explicar com exatidão o que eu senti no momento em que coloquei, pela primeira vez, os meus pés naquela cidade – mas, com certeza, era uma coisa muito bonita!

## **“LLÉVAME A CIUDAD DE SOL/ LLÉVAME, LLÉVAME, DONDE DEJÉ MI CORAZÓN”<sup>2</sup>**

Chegamos a Granada sem casa para morar. Queríamos visitar os apartamentos quando já estivéssemos lá. E assim fizemos.

Ao chegar, fomos direto para um Airbnb que tínhamos reservado e lá ficamos até o final da semana. No total, a gente tinha cinco dias para encontrar apartamento. Começou, então, uma verdadeira corrida contra o tempo!

Eu acho que o que mais incomodou nos primeiros dias foi o *jet lag*. Chegamos totalmente perdidos no fuso horário, bastante cansados, e, por isso, não conseguimos sair do apartamento antes das duas da tarde. Com isso, só tinha um problema: na Espanha, há o que se chama de “siesta” – ou seja, alguns estabelecimentos, a partir do meio dia fecham, e só voltam a abrir às seis da tarde! Dessa forma, praticamente toda a nossa primeira semana se resumia em: não conseguir acordar cedo, e se espantar porque a cidade parecia um deserto no horário em que saíamos.

Eu fui a primeira a conseguir apartamento. Logo depois, Nadson. José Neto só recebeu a confirmação na quinta-feira à noite, quando tínhamos que deixar o Airbnb na sexta-feira pela manhã.

Nisso, vale ressaltar que, em Granada, os proprietários de imóveis têm o costume de alugar os quartos (“*habitaciones*” em Espanhol) dos apartamentos. Então, por mais que nós não tivéssemos definido se moraríamos juntos ou não, no final só encontramos apartamentos com

---

2 Suncity - Jamil Chammas / Jerome Christophe Potter / Khalid Robinson / Lorely Rodriguez / Ryan Vojtesak / Samuel Zadoc Griesemer.

uma única vaga disponível – então, era certo que viveríamos com outras pessoas, de outras nacionalidades.

Levei minhas coisas para o meu apartamento definitivo, limpei meu quarto, organizei as coisas nas prateleiras e no guarda-roupa e, só então, conheci as meninas que morariam comigo. María, uma argentina, e duas alemãs, Dorothea e Maria.

Sobre isso, eu vou só abrir um parêntese dizendo que um dos meus maiores medos era não me dar bem com as pessoas que eu iria morar. Sobre não as conhecer previamente, e sobre a possibilidade de não me adaptar com os costumes, com as diferenças culturais, entre tantas outras coisas... Em relação a isso, é engraçado falar como se constroem os laços em intercâmbio. Eu sinto que eu nunca criei laços tão intensos em tão pouco tempo! E essa foi a primeira vez que isso aconteceu. Eu ainda muito insegura no meu espanhol, e as meninas sempre muito doces e gentis, começamos ali mesmo a construir uma relação de muita parceria.

Para demonstrar um pouco de como a gente se deu bem, eu só vou citar um episódio: retornando de uma viagem de um dia com alguns amigos, eu cheguei em casa exausta. Enquanto subia os degraus do apartamento, comecei a ouvir a María argentina cantando. Ao abrir a porta da nossa casa, então, eu senti o cheiro da comida que ela estava cozinhando e pode parecer estranho, mas, nesse momento, eu senti muito forte no meu coração que eu tinha chegado em casa. Talvez seja meio doido pensar em se sentir “em casa” num país estrangeiro, que não fala a sua língua, que não segue os seus costumes... E, sobre isso, é bonito também perceber que essa sensação permaneceu mesmo depois de as duas Marias voltarem para os seus países, e chegarem Alejandra, uma espanhola, e Franco, um argentino – duas pessoas igualmente incríveis, e que sempre permanecerão no meu coração.

Mas, voltemos à nossa linha do tempo, à cronologia dos acontecimentos.

Logo depois de me estabelecer no apartamento e de fazer minha primeira feira, eu fui à UGR (Universidad de Granada) para fazer a matrícula. Aí, então, começaram as aulas.

**“CADA SEGUNDO DE INCERTIDUMBRE / CADA MOMENTO DE NO SABER / SON LA CLAVE EXACTA DE ESTE TEJIDO / QUE ANDO CARGANDO BAJO LA PIEL”<sup>3</sup>**

Ainda no processo seletivo, a UEPB tinha orientado que nos matriculássemos em, no máximo, três disciplinas. Pode parecer muito pouco, porque aqui nós somos acostumados a cursar oito, ou até dez disciplinas, muitas vezes. Mas, pela diferença da língua, da carga horária, e até do sistema de ensino, realmente é o mais prudente a se fazer.

No final das contas, eu me matriculei apenas em duas: Cooperación Internacional contra el Crimen, e Criminalidad Económica y Financiera (porque essa última era dividida em três partes, com três professores, e, na realidade, era como se fossem três cadeiras distintas).

Sobre isso, é um pouco curioso o fato de que eu comecei a estudá-las pensando que me interessaria mais por uma e, ao final, acabei enveredando mais pela outra – o que inclusive resultou em um projeto de iniciação científica, que eu começaria a desenvolver no semestre letivo 2019.2 na UEPB.

Ainda, em relação à minha experiência acadêmica, é preciso destacar que em muitos momentos não foi fácil. Fosse porque eu ainda não estava completamente habituada com a língua ou com o sotaque, ou porque eu era a única estrangeira não hispanohablante em uma das turmas, o certo é que, em algumas aulas, eu não entendia quase nada e, nesse sentido, é indispensável agradecer ao auxílio que alguns colegas de turma me deram, em especial Walter, que é argentino, e Yolanda e Marta, ambas espanholas.

Acho que talvez essa tenha sido uma das experiências que mais me fizeram sair da minha zona de conforto. Estudar sobre as leis de um país estrangeiro, com uma turma do último ano da graduação, e fazendo provas dissertativas na maior parte das vezes, me fez repensar muito os meus limites e ver que tudo é possível. Hoje, olhando para trás, eu vejo que no processo seletivo eu não tinha o melhor CRE nem o melhor currículo, mas tinha o suficiente. O suficiente e muita força de vontade. E muito sonho. Muito brilho nos olhos por ter a possibilidade de ver e viver coisas lindas! E, com toda certeza, eu vivi.

Relendo umas notas que escrevi na minha última semana em

---

3 Hasta la Raíz - Leonel Garcia Nunez De Caceres / Maria Natalia Lafourcade Silva.

Granada, eu consigo ver que a palavra que mais se repete é “gratidão”. Eu sempre me senti e me sentirei muito grata por tudo que pude viver do lado de lá do Atlântico. Nas minhas próprias palavras de outrora “(...) olhando a Serra Nevada resplandecer com toda sua brancura refletindo no azul do céu, e notando todos os cármenes<sup>4</sup> escondidos nas casas do Albaycin, eu percebo o quanto eu sou grata a essa cidade, a esse povo, e a esse país, por tudo que me foi permitido viver do lado de cá. Reiniciei-me e me reinventei tantas vezes, que talvez essa seja a melhor versão de mim que já existiu”.

Granada me ensinou tantas coisas, que eu não sei mensurar. Tanto pelas pessoas que conheci e pelos laços que construí – e, nisso, eu devo um agradecimento especial a Jéssika e Lukas, também intercambistas da UEPB, mas em Coimbra/Portugal; a Sirin, Colin, Manon, Anouk, Soňa, Talita e Constanza, além dos que eu já citei, por terem me ensinado tanto, mesmo no silêncio, e mesmo em pouco tempo –, quanto pelas coisas que eu pude experienciar sozinha.

Por outro lado, eu também não podia deixar de agradecer à minha família e a Júlio, meu namorado que, mesmo tendo ficado no Brasil, apoiaram-me e acreditaram em mim desde o primeiro momento. Quando nem mesmo eu acreditava. Quando nem mesmo eu sabia o que isso significava. Nada disso teria sido possível sem vocês!

E, por fim, mas não menos importante, é preciso agradecer à Coordenadoria de Relações Internacionais (CoRI) e à UEPB, não só pela oportunidade, mas por todo o suporte em cada momento. Hoje, mais do que sempre, eu tenho orgulho em fazer parte dessa instituição.

---

4 Jardins, em Granada.

## CAPÍTULO IX A EXPERIÊNCIA DE ÂNGELA ROBERTA CARNEIRO DE SOUSA DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL

### “TRANSBORDAR-SE” É O SIGNIFICADO QUE ENCONTRO PARA “INTERCÂMBIO”

*“E, assim, chegar e partir são  
os dois lados da mesma viagem”.*

**(Milton Nascimento)**

Não tenho marcado no calendário o momento em que ansiei conhecer um lugar distante, mas, em 4 de setembro de 2018, pisei onde, nem olhando o horizonte do oceano ao qual Camões tanto temia, conseguisse enxergar. Cheguei, fiquei, morei e voltei, trazendo, além das vagarosas lembranças de súbitas felicidades, que hoje me causam dolorosas saudades, nomes, paisagens, postais e a “marca do intercâmbio”. Em mim, estão tatuados *Coimbra e seus amores*.

Eu, cheia de sonhos, assisti a filmes, li histórias, vi fotos e idealizei, como ninguém, essa viagem. Queria experimentar o que estava longe, queria sobrevoar o oceano, ser aquela garota que troca seu endereço atual por um novo lar distante e ultrapassa qualquer expectativa. É como algo que queremos, buscamos, persistimos, entendemos ser possível, mas não sabemos quando acontecerá, como diz Saramago “a vida ri-se das previsões”.

Estava no primeiro semestre da universidade, cursando Letras – Português, estudando algo que ainda não tinha certeza ser o certo para mim quando encontrei dois garotos contando sobre terem viajado para a Europa através de uma bolsa de mobilidade internacional oferecida pela faculdade. Logo me aproximei para ouvir e perguntei meio nervosa: “Como conseguir?”.

A resposta foi parecida a de outras perguntas: “Como conseguir dinheiro?”, “Como conseguir cozinhar?” e “Como conseguir seguidores nas redes sociais?”. E a resposta veio em seguida: com compromisso em atingir o necessário, informando-se e estabelecendo metas. Assim, comecei pelo básico. A estratégia era simples e fundamental para outros objetivos pessoais, acadêmicos e profissionais. Seguiram-se as ações, madrugadas escrevendo, dias lendo textos teóricos, tardes indo às aulas. Dessa forma, os corredores da faculdade tornaram-se palco para que eu pudesse mostrar ser capaz de chegar ao meu objetivo. Assim, minhas notas mantinham-se altas, meu currículo ia aumentando e eu crescendo.

Os períodos foram passando, quatro semestres quase completos, cerca de dois anos de curso, em média de 700 dias. Quando por volta das 13:00 horas, a Caravana CoRI chegou ao auditório do meu *campus*. Li a notícia na noite anterior: a Coordenadoria de Relações Internacionais iria expor programas de intercâmbio.

No início das apresentações, perguntaram – “Quem já se inscreveu em alguma bolsa?”. Olhei ao redor, várias pessoas estavam com a mão levantada enquanto eu não sabia nem mesmo onde encontrar a plataforma. De maneira rápida, procurei o *link* no *folder* distribuído e fiz a inscrição.

Após o fim da palestra, falei com os professores e repeti aquela pergunta: “Como conseguir?”, pensei que ainda havia um segredo que pudesse descobrir, sentia estar cedo demais, apesar de tanto sentia ser pouco, por um longo instante achei que não deveria ter feito aquilo, questionei a várias pessoas inclusive a mim mesma, “eu realmente tinha chance?”.

Sim! Depois de dúvidas e medos que me tiravam a concentração, 14 de maio de 2018, eu li deitada no sofá da sala, após um dia exaustivo na faculdade e de incontáveis vezes, na semana, ter atualizado o *site* da

universidade, buscando a confirmação para a viagem que abriria meus olhos aos caminhos do mundo, a notícia: “CoRI divulga resultado final dos estudantes contemplados pelo PROMIN”.

Não chorei, não gritei, nem acreditei ter alcançado algo tão alto como é um sonho. Olhei para minha mãe e irmã e uma amiga que também estava lá. Todas vibravam comigo, dizendo: “Você conseguiu!”. Na manhã seguinte, tudo ainda estava um pouco confuso, mas fui sentindo, aos poucos, o indescritível, como de gole em gole em uma degustação, como sentir o cheiro do livro antes de lê-lo, como pisar na água da praia antes de banhar-se, como se turbilhões de momentos felizes estivessem chegando e eu me preparando para vivê-los.

Comecei a avisar a família e aos amigos que iam me parabenizando, outros me julgavam. Em seguida, procurei informações sobre os países que poderiam me receber, que faculdades que acolhiam tantas identidades. Fui às reuniões para orientação, escolhi um destino, organizei as documentações, passeaporte, candidatura, recebi a carta de aceite da Universidade de Coimbra, obtive o visto, ganhei as passagens, arrumei as malas e decolei.

### **“CHEGAMOS DE MUITO LONGE DE ALMA ABERTA E O CORAÇÃO CANTANDO” – MÁRIO QUINTANA**

Em cada partida há uma chegada, assim, quando cinco estudantes paraibanos estavam no céu que testemunha tantas histórias, que ilumina pequenos lugares, espaço azul e infinito como as águas do oceano que se movimentam em ritmos a produzir poesias, trovava-se mais uma narrativa de desbravamento.

Calma! É necessária agora uma pequena pausa para vasculhar as memórias. Muitos já disseram o que aqui escrevo, lembrar o início do intercâmbio é como... imagine abrir uma carta que narra quando conhecestes alguém... um momento de entusiasmo e melancolia. De qualquer forma, ler essa carta é como reviver o passado com o olhar de outro. No meu caso, é o choque entre duas versões minhas olhando para o momento em que se encontraram.

Escolhi ir a Portugal. Posso dizer que, nas minhas fantasias, chegar nesse país era visitar a casa da minha avó, lugar onde, além de conhecer as histórias dos meus antepassados, é um segundo lar. Foi um pouco

disso, mas transcendeu qualquer coisa que pudesse imaginar no momento que desembarquei com uma futura família. É bom ter porto seguro, e em terras portuguesas, tinha vários.

Quando eu e os outros estudantes, contemplados pelo mesmo programa de intercâmbio, que também escolheram o mesmo destino, saímos do aeroporto de Porto – Portugal, estávamos cansados do percurso, mas ansiosos para chegar à parada final. Todos em um sentido só, pegar o metrô com destino a estação de comboios e depois Coimbra.

Ao chegar à cidade, parecia imensa, tudo era desconhecido aos nossos olhos. Mas, estava tudo bem. Juntos, era menos assustador. Nossa primeira casa foi o Serenata Hostel, ficava ao lado da Sé Velha, pertinho da universidade e da Rua Quebra Costas, informações essas que só tornaram-se fáceis de dizer depois de alguns dias. Enfim, lá despachamos as malas que só seriam refeitas novamente para ir a “Casa Feijão” e voltar 6 meses depois para o antigo lar.

## **NOS MEUS TÊNIS HÁ POEIRA DOS PEQUENOS MUNDOS EM QUE PISEI**

A “Casa Feijão” era engraçada, ressoavam músicas das manhãs às madrugada, tínhamos metafóricos sinos de catedrais que anunciavam a chega de quem ali vivia. Todo mundo podia entrar nela, gente de tantas formas e tantas falas, porque na casa tinha amor a se doar. Em cada quarto, dormia alguém, mas só depois de uma xícara de café e um poema. Lá tudo era permitido, tudo que fosse bem-vindo a alma dos viajantes que ali estavam. Ela era feita com muito esmero, na Rua Saragoça, número 56.

Percebo, nesse momento, que é um pouco engraçado como lugares podem invadir o ser. Digo, são apenas lugares. Mas, se pensarmos bem, espaços são algo aleatório aos olhos que as circunstâncias podem os transformar. Uma casa ser lar, uma rua ser moradia, uma ponte ser final, uma estrada ser destino, um campo ser calmaria, uma universidade ser universo.

Ler que “a Universidade de Coimbra é a mais antiga de Portugal”, leva-nos a refletir sobre estar em um país que guarda documentos relatando acontecimentos tão antigos e distantes ainda da história brasileira. Então tente pensar comigo: quantas mentes foram moldadas,

quantos estudos feitos, quantas teses comprovadas, outras refutadas, quantas memórias há de pessoas que se cruzaram no Paço das escolas, pátio em frente à Faculdade de Direito (FDUC), em sete séculos da instituição. É uma soma incalculável, e eu faço parte dela. Por esse motivo, escrevo esse texto na tentativa de conduzir alguns leitores a percorrer pelas minhas lembranças e ir à procura de um dos cenários em que se passa esse enredo, navegar por esse universo.

Antes de chegar a Portugal, nas pesquisas sobre a UC, encontrei um mapa da universidade. Existiam oito prédios/faculdades (Letras, Direito, Medicina, Ciências e Tecnologia, Farmácia, Economia, Psicologia e Ciências da Educação, Ciências do Desporto e Educação Física), três polos, dezoito museus, um jardim botânico, um hospital, uma capela, um estádio universitário e outras construções. Tantas coisas para conhecer que escolherei apenas algumas para descrever.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) fica em frente à Biblioteca Geral, entre a Faculdade de Medicina e da Porta Férrea. Ansiava tanto percorrer por ela que no momento em que a vi, era o segundo dia em Coimbra, e pensei: “Preciso entrar! O mundo lá fora pode esperar”.

O prédio possui grandes janelas, atrás de quatro enormes estátuas que representam a Eloquência, a Filosofia, a História e a Sabedoria, onde em uma delas há um sapato que uma universitária pôs num momento que apenas ela pode contar, mas eu ria sempre que via; era o convite para conhecer o interior de onde iria adquirir diversos conhecimentos acadêmicos e pessoais. Enfim, no prédio há sete andares, mas quando se entra pela porta principal você estará no quarto piso, há uma recepção, algumas pinturas, dois caixas eletrônicos, outras portas de vidro, quando inclina a cabeça para cima se vê um pequeno refeitório e quando ao descer para o segundo piso depara-se com uma biblioteca.

No quinto piso, aconteciam as aulas de “Literatura Portuguesa da Modernidade a Pós-modernidade” ministradas pela professora Arnault; no sexto piso eram as aulas de “Literatura e Outras Artes” também apresentadas por Arnault, e “Culturas Africanas” ensinadas por Pires Laranjeira; no segundo piso, havia as aulas de “Latim I” com a Doutora Cláudia Raquel Cravo; e apesar dos elevadores, sempre chegava atrasada, portanto, precisar ir pelas escadas. Dessa maneira, o número de

degraus que subi nesses seis meses pode talvez ser comparado a subir o Monte Everest.

O caminho da Casa Feijão à FLUC era mais rápido pelas “Escadas Monumentais” apesar dos 125 degraus antigos e desbotados pelo tempo e também onde tiveram início as várias breves histórias entre uma brasileira e um português, esta inclusa minha primeira paixão em outro continente, mas a verdadeira história clichê de amor que vivi só começa em uns dias depois, dessa vez em frente ao Jardim das Sereias.

Continuando nosso passeio imaginário, outro meio de chegar à faculdade era pelos arcos que convidavam os turistas ao Jardim Botânico, onde pude acompanhar as mudanças de estações e perder-me em meio a tantas árvores.

Outra localização, onde facilmente identificavam-se brasileiros, era na Biblioteca Joanina. As faces dos sujeitos de uma nação explorada no passado são estampadas quando se refletem nos olhos o ouro e as riquezas para tornar mais ostensivo um espaço, como se as abundâncias dos livros não bastassem.

Falar de lugares é tão extensivo, e se for de Coimbra, então, torna-se uma reta prolongada, pois não só a universidade é um baú de narrativas. Nas paredes da cidade, há poesias, o solo é regado pelas lágrimas de Inês de Castro e Pedro, na Rua da Sofia, passaram-se mentes extraordinárias. Na Rua Oito de Maio, aconteceram tantas manifestações, tantas idas de estudantes para banharem-se no Rio Mondego, ou lerem um romance no Parque Verde, verem as ruínas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha ou a Nova, em sentido contrário subirem para o Penedo da Saudade, passarem pelos cafés e bares na Praça da República, uma lista de sítios a irem.

Vasculhar tantos endereços e não trazer pessoas para preencher cada espaço é silenciar quem constrói os momentos. Compreenda! Eu sou a narradora da minha própria história, nela trago um tempo marcante de seis meses, dois espaços separados por um oceano e, no enredo, passam-se personagens que são guias, professores e pequenas felicidades.

### **“HÁ AMIGOS DE OITO DIAS E INDIFERENTES DE OITO ANOS” – MACHADO DE ASSIS**

Talvez o maior mistério do intercâmbio seja explicar a intensidade que

damos àquelas pessoas que cruzam nossa vida constantemente, entender que nem todos são passageiros e revelar a marca que cada um deixa em nós. Talvez a maior certeza seja que todas as identidades e as culturas podem se misturar e formar um embaralhado belo, a verdadeira arte. Talvez a pior mentira seja que iremos esquecer e se afastar daqueles que conhecemos, pois precisamos de pouco para reviver as amizades.

Há várias afirmações sobre o que é a amizade durante um intercâmbio, mas diante disso Coimbra tem um certo misticismo. É inexplicável viver relações de amizade, em uma cidade de vai e vem, de tantos intercambistas que chegam e partem sem pretensão de carregar tanta bagagem, podem concentrar infinitos laços.

Durante o meu intercâmbio, conheci alemães. Um deles, costumávamos chamar de “o embaixador dos brasileiros em Coimbra”, porque ele era tão apaixonado por nossa língua, nossa agitação e nossa feijoada que não poderia ficar sem conversar ou ir aos “rolê”. Também conheci uma alemã que sabia dançar forró, outra que namorava um brasileiro...

As italianas foram minhas melhores companhias, não perdia o convite de ir a um jantar em suas casas, beber sangria ou tentar aprender seu idioma. E elas não perdiam a oportunidade de comer brigadeiro.

Os turcos que conheci eram engraçados e de cultura culinária mais estranha, as polonesas eram reservadas, o luxemburguês gostava da semântica brasileira, a marroquina sempre queria ouvir o hino nacional do nosso país, as coreanas estavam nas melhores festas, os chineses eram tímidos e os africanos um poço de energia.

Aprendi com os ingleses que pontualidade é fundamental, mas que eles perdoam o fato de os brasileiros não conseguirem segui-la. Aprendi com uma russa que devemos aproveitar cada momento, mesmo que seja pular ondas em águas frias.

Nas minhas viagens, cruzei com um mexicano, duas ucranianas, um italiano, um belga e vários brasileiros, preciso reafirmar que há um brasileiro em cada parte do mundo. E sobre ser brasileira, eu nunca havia sentido tanto orgulho pela minha nação. Aqueles que possuíam um passaporte igual ao meu eram donos de sorrisos contagiantes e corações abertos para darem-me moradia.

Por fim, os portugueses. Um país de palavras “distorcidas”, de sotaque forte, de altura média, de frases literais, onde estão mulheres fortes

e homens sensíveis. O fado, seu gênero nacional popular, expressa o cântico de um povo que ama demasiado.

## **SETEMBRO, O INÍCIO**

Uma coisa fique certa: no primeiro mês de intercâmbio e diante da lista de afazeres, bem como de descobertas, até seguir um mapa torna-se algo desafiador. Mas, posso contar alguns passos a serem seguidos e outros a serem evitados.

Primeiramente, procurar uma casa. É algo fácil, não precisa de medo, porém deve entender que quando tudo é tão desconhecido, só queremos algo para chamar de nosso. Necessita de apenas uns 3 dias, no máximo uma semana, para conseguir encontrar um cantinho agradável e com o valor dentro dos seus limites.

Após, procurar um supermercado. Vários gastos podem ser evitados quando fazemos uma feirinha para cozinhar e não gastarmos em restaurantes, pois ainda restam muitos dias e comidas típicas para experimentarmos. Particularmente, indico em Coimbra o “Pingo Doce”.

Em seguida, busquei as informações. Procurei a universidade para guiar-me, na UC recorri à “Casa da Lusofonia”, precisei ver o horário das disciplinas e as salas em que estas ocorreriam, além de pagar as taxas que eram necessárias. Em relação à questão financeira, procurei um banco e abri uma conta universitária, além de me informar sobre os aplicativos de transferências.

Em setembro, após verificar e concluir todas as burocracias requisitadas no momento da chegada, eu parti para minha missão de descobrimento. Os primeiros pontos que visitei na cidade foram: a Universidade de Coimbra, o Jardim das Sereias, o Jardim Botânico, o Rio Mondego, o Parque Verde, a Sé Velha e a Praça da República onde acontecem as “Terças Acadêmicas” e “Quintas Acadêmicas”, ótimo local para conhecer outros intercambistas que estão dividindo a mesma experiência.

Outro momento de descoberta foi nos primeiros dias de aula que começaram em 17 de setembro, o contato com pessoas de outros países é algo fascinante, mesmo sem trocarmos um verdadeiro diálogo e sentirmos estar perante um vasto horizonte de diferenças e semelhanças.

E foi, nesse mês, que viajei para algumas cidades portuguesas. A

primeira foi Figueira da Foz, cidade litorânea que fica próxima a Coimbra, fui de trem/comboio com um dos meninos que morava comigo e chegando lá encontrei outros brasileiros que tornaram o momento inesquecível. O segundo lugar foi Aveiro, conhecida como a Veneza portuguesa, fui com minha amiga russa e os outros meninos que moravam comigo, lá andamos de bicicleta, explorando os canais e os museus.

## **FEVEREIRO, O ATÉ LOGO DA CIDADE QUE ENCANTA MAIS NA DESPEDIDA**

E como foi no final? Paralisante. Quando estava guardando as últimas coisas na minha mala, as novas roupas que havia comprado, vinhos para transportar, postais das cidades que visitei, lembranças da Itália, da Espanha, da Bélgica e, sobretudo, de Portugal, fotografias, chocolates, livros, papéis e cartas, eu percebi que não conseguia continuar. Eu parei, sentei na cama, olhei fixamente para meu quarto e chorei enquanto pensava estar vivendo várias vidas em uma só, pensava que em sete fases o universo havia se transformado e no mesmo tempo eu havia renascido.

A primeira vez que “renasci” foi quando vi o resultado dos contemplados pelo programa, o pdf com meu nome em uma lista de selecionados me fez acreditar no possível, mesmo com meu catálogo de fracassos eu havia sido escolhida, então minhas portas abriram para o intercâmbio e para outras tentativas, agora eu enfrento e persisto cada vez mais no “sim”.

A segunda vez foi quando compartilhei uma casa, a “Casa Feijão”, com outras cinco pessoas, compreender cada uma, dar espaço, reconhecer os momentos delas, tentar falar dos meus e me abrir sem ter nada em troca foi desafiador.

Ir a outro país sem conhecer ninguém ou nada e com o propósito de experimentar o desconhecido foi a terceira vez. Parece pouco tempo e tanto o que sentir. Em todos os momentos, eu penso em como a cidade por onde passaram romanos, reis e rainhas, caminham hoje universitários com suas capas que carregam histórias da juventude, conquistou-me. Nesse lugar, que se tornou uma casa distante deixei-me guiar pelas serenatas e fados e apaixonei-me por outras realidades que fizeram meus simples momentos em inesquecíveis.

A quarta vez foi desprender de coisas passadas, centralizar em mim. E quando reconheci meu potencial, pude transformar-me uma quinta vez, estudando de uma maneira diferente, achando espaços para criatividade, lendo artigos em outros idiomas e escrevendo de outras formas, por ser uma requisição acadêmica maior.

Quando parti em janeiro para viajar sozinha, minha família não acreditou. Não tinha fluência em nenhum idioma e nunca havia viajado para outros lugares completamente sozinha. Mochilagem era uma ideia louca, mas tornou-se apenas uma breve aventura. Após o fim do período acadêmico e a chegada das férias, eu passei 27 dias conhecendo lugares em outros países, fui a Madrid, a Roma, ao Vaticano, a Florença, a Bolonha, a Milão, a Bruxelas e a Barcelona. Como nômade, vivi a fase mais fascinante, porque nesta fui a minha melhor companhia. Esta foi a sexta vez.

A sétima, e a última renascença, foi ter descoberto o quanto havia estado vulnerável às minhas emoções. Fiquei paralisada ao organizar a minha mala. Isso mostrava o quanto eu tinha para deixar e o quanto havia para trazer. Percebi que, durante um semestre, eu permiti que uma cidade e várias pessoas pudessem me tocar e mudar-me, autorizei-me até a me apaixonar por um português, mesmo sabendo que tinha data marcada para ir embora, consenti que outros soubessem meus medos e, sobretudo, concordei em ser livre para transbordar-me de capacidade, amor e saudade.

**Coimbra dos doutores, Coimbra dos amores e Coimbra das saudades.**

## **CAPÍTULO X**

### **A EXPERIÊNCIA DE NÁDSON RICARDO LEITE DE SOUZA**

#### **DESTINO: GRANADA – ESPANHA**

#### **NUEVAS CALLES, NUEVAS HISTORIAS**

*Historias.* Não, não falta um acento e a palavra não está escrita com a grafia errada! Início esse texto com a palavra que indiscutivelmente é essência na vida de qualquer pessoa que ousou descobrir que podia descobrir-se um pouco mais. Chamo-me Nádson, sou estudante, jovem, com vinte e poucos anos, tenho sonhos, metas e algumas histórias para contar, ou melhor, sou eu mesmo meus sonhos, metas e histórias. Esta que você agora lê contorna algumas memórias de uma experiência que transformou muitos sentidos de minha vida.

Brasileiro, nordestino, pernambucano e sertanejo são alguns dos gentílicos nos quais me encaixo e me identifico, mas penso que sou também os lugares por onde passo e onde aprendo. Vivi no Sertão pernambucano desde meu nascimento até o início da minha trajetória universitária. Em 2014, como muitos jovens, mudei de cidade para estudar na universidade. No meu caso, a cidade onde iniciei minha carreira de geógrafo foi Campina Grande, no interior da Paraíba.

Como muitos, novamente, movido pelo desejo de crescer intelectual e pessoalmente, aprendi incontáveis lições ao longo dos anos de graduação, fiz amigos, adquiri conhecimento, falhei e superei limites que antes considerava inalcançáveis. Mudanças assim nos fazem acreditar que crescemos e nos formamos para a vida. A propósito, “formar-se” é

uma palavra bastante comum entre nós, mas me faz questionar sua eficiência quando se refere à graduação. O que quer dizer “formar-se”, na verdade, se não assumir todos os dias um papel, um personagem original no teatro da vida? Nossa história requer uma formatura diária, não somente com significação acadêmica, mas pessoal. Formar-se é abrir-se aos mundos que coexistem no mundo.

Para minha carreira profissional, após trilhar alguns caminhos, escolhi estudar Geografia, gosto de pensar o mundo onde vivo, encanta-me entender os mundos que me rodeiam e sou bastante curioso em relação aos mundos que ainda não conheço, falar sobre eles, então, é nobre. Por natureza, somos curiosos e o novo quase sempre nos conquista a atenção, seja por prazer ou, mesmo, medo. Instinto, talvez, não ouse explicar, mas falo aqui sobre meu desejo antigo de partilhar a experiência do meu mundo em lugares e com pessoas inteiramente diferentes, de aprender outras coisas e de trazer para minha vida qualquer melhoria para o lugar onde vivo, que faça bem as pessoas com quem compartilho o espaço e meu tempo.

Que todos os lugares são diferentes entre si, é certo, assim como as pessoas, mas sempre há lugares com os quais nos identificamos de maneira especial, sem explicação, e muitas vezes sem contato prévio algum. O novo me atrai em demasia, mas há algo que me desperta tanto interesse quanto isso: o antigo. Assim, o presente se torna muito mais interessante. Quando experimentamos novos lugares, provamos, também, de novos tempos, tal como oferecemos algo de nós mesmos e do nosso tempo pessoal, e foi isso o que me motivou a viver a experiência do intercâmbio. É compartilhar mutuamente espaços e tempos, é oferecer algo comum de nós e ganhar muito mais com isso.

A nociva realidade ultratemporânea marca nossos tempos lembrando-nos constantemente várias necessidades que não são recentes ou dispensáveis, mas que não são postas com seu significado mais legítimo. Uma nova língua, por exemplo, um novo lugar, novas culturas, enfim, nos são impostos como mercadorias, adquirimos sem nos dar conta do sentido em letras miúdas de aproveitar tais novidades como ferramentas para o crescimento pessoal e humano. Abrir-se ao universo que é a universidade é uma possibilidade extraordinária de formar-se um pouco mais.

Quando iniciava meu curso de Geografia, tinha comigo a consciência que não queria apenas frequentar o espaço universitário por alguns anos e, depois de “formado”, iniciar um dia a dia de trabalho exaustivo e repetitivo, isso me parece pouco, comum demais para alguém que deseja contribuir em algo com o mundo. Como em toda academia, costuma-se fracionar o conhecimento e depositá-lo em “caixinhas” que não conversam entre si, na maioria das vezes. Penso que somos complexos demais para frequentarmos a universidade por vários anos da vida e nos contentarmos em conhecer o conteúdo de somente uma dessas caixinhas.

Pensando assim, busquei, no início da graduação, integrar-me a outras áreas, conhecendo novas “caixinhas” e absorvendo outros conteúdos que me parecessem interessantes para contribuir com minha formação. A Universidade Estadual da Paraíba, onde estudei, atuando como uma instituição eficiente e inovadora, adota vários projetos extensionistas, e um deles é voltado ao oferecimento de cursos de idiomas, os que mais me interessaram. No primeiro ano, passei a participar de cursos de espanhol e inglês, línguas que eu possuía pouco conhecimento, pela marca do insuficiente sistema de ensino e estímulo para a aprendizagem de idiomas nas escolas públicas brasileiras. Estudar idiomas, para mim, é como uma porta aberta para o mundo.

## **O INTERCÂMBIO**

O desejo de participar de algum programa de intercâmbio esteve em mim desde o início, pois, se o ato de mudar de estado e cidade para estudar já me trouxe um grande ganho pessoal, mudar de país, então, era algo que insistia em fazer-se presente em meus pensamentos como um objetivo a ser cumprido, ainda durante a graduação. A UEPB, além dos diversos projetos de extensão e pesquisa, também dispunha de ferramentas de internacionalização, e uma delas é a manutenção de programas de intercâmbio. Descobri a Coordenadoria de Relações Internacionais, a CoRI, e, a partir de então, passei a buscar constantemente em seu site institucional as oportunidades existentes para o meu perfil acadêmico. O Programa de Mobilidade Internacional (PROMIN) surgiu em uma das notícias da página e eu notei que se tratava de algo novo, como de fato era em 2018.

Candidatar-me a uma vaga no PROMIN, apesar de uma atitude esperançosa, foi, naquele momento, mais uma das várias tentativas que fiz, que só começou a ganhar força quando foi divulgado o resultado da primeira etapa, que, por meio do Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA), selecionou trinta estudantes para as próximas etapas, análises curriculares e entrevistas. O processo durou pouco tempo dentro do semestre e logo foi lançada a lista final dos dez selecionados para a primeira edição do programa. Tudo mudaria dali para frente, era como um marco para uma nova vida que jamais voltaria a ser a mesma depois da experiência.

O primeiro semestre se encerrava na UEPB e eu me preparava para viver em um novo lugar. A escolha? Espanha! A universidade e a cidade de Granada me pareceram um conjunto em perfeita harmonia com tudo ao que eu desejava experimentar, acadêmica e culturalmente, além de, claro, colocar em prática a língua que eu já estudava na UEPB. O impacto com a língua espanhola começou ainda dentro da aeronave com destino a Madrid, estava óbvio que, em algum momento, tal contato iria iniciar de fato, porém, apesar da certeza, aquele momento se fazia especial e completamente diferente de qualquer outra experiência, era o início de um caminho escuro, mas otimista.

Muitas diferenças foram impactantes nos primeiros dias em Granada, o fuso horário, a sensação de segurança existente nos ambientes públicos, onde, ao contrário do contexto cultural brasileiro, as pessoas utilizam os espaços públicos com segurança, zelo e respeito ao patrimônio. É válido realçar o respeito ao próximo, atuado como regra, e não como exceção, que pude experimentar e notar entre as pessoas. Não demorou que eu percebesse, no cotidiano, que pequenas atitudes, gestos e reflexões positivas eram agentes transformadores de uma sociedade, e tais características, tidas como exceções em meu contexto social de origem, começaram a prosperar naturalmente em mim, fazendo-me refletir e começar a melhorar muitos comportamentos e pensamentos pessoais.

A expectativa para os acontecimentos e transformações certas a vir nos próximos meses aumentava à medida que os primeiros dias passavam. O obstáculo linguístico, no início, foi mais relevante, não somente pelo conhecimento apenas básico do espanhol, mas pelo receio do erro, da possível ridicularização susceptível ao desconforto pessoal

ao qual eu estava exposto, no entanto, um dos principais aprendizados que o intercâmbio pôde me proporcionar foi a tomada de coragem de encarar novas experiências sem o medo de equivocar-me, enxergando a experiência do erro como uma oportunidade de aprender, não de envergonhar-me. Com tal pensamento, passei a utilizar o espanhol na totalidade das atividades dos meus dias, nas ruas, numa estação de trem, durante as compras num supermercado, em momentos de lazer e, claro, no ambiente acadêmico.

O ambiente universitário e o contexto cultural da universidade me fizeram aproveitar os estudos e as reflexões de maneiras diferenciadas, pensando e relacionando com o que já estudava e desenvolvia em pesquisas acadêmicas no Brasil. Diferentes professores, distintas metodologias de ensino, desde métodos tradicionais até métodos inéditos de apresentação dos conteúdos. Participei ainda de aulas de campo, essenciais à aprendizagem efetiva de Geografia, em regiões circunvizinhas da cidade de Granada, como o *Mirador de San Miguel Alto*, com vista estratégica para elementos de interesse de ordenação territorial da região metropolitana de Granada e de interesse geomorfológico da *Sierra Nevada*, áreas da *Vega de Granada*, principalmente.

A cidade de Granada, assim como outras cidades europeias que tive oportunidade de visitar, respira cultura em todos os sentidos, e, quando se vive em um lugar assim, inevitavelmente se adquire experiências positivas. Vivendo Granada, era impossível desperceber a cultura cosmopolita refletida pela cidade na presença de estudantes universitários de todas as partes do mundo e por sua própria história, viva e expressiva em cada *rincón* [recanto]. Uma cidade dotada de diversas tradições convivendo em um mesmo espaço, e tal diversidade trazia à tona o sentimento de respeito e curiosidade com as mais diversas maneiras de ser. As ruas contavam histórias, inclusive as minhas, que eram surgidas a cada momento. Foram seis meses recheados de dias intensos, nenhum igual ao outro.

Com uma história milenar, a cidade emite beleza, arte, poesia, história, genialidade e misticismo em cada detalhe, a *Sierra Nevada* parece abraçar, no coração da Andaluzia, uma joia rara, cravada de riquíssimas heranças culturais de todo o mundo, mas com uma mirada à parte para as culturas árabe, judia e cristã-romana, que facetaram no tempo

cada *rincón* como preciosíssimas pedras, a compor uma coroa sobre a definição do fruto da romãzeira, a Granada, especialmente em seu mais expressivo símbolo, a Alhambra.

O contato, a afinidade desenvolvida, a curiosidade estimulada e a necessidade de relacionamento, de ambas as partes, faziam com que cada dia se tornasse mais interessante e intenso. Aliás, *intensidade* é a palavra que mais define cada momento de toda essa trajetória, e o tempo, embora eu tenha embarcado achando que seria longo, pela larga distância e a saudade do meu lugar de origem, de minha família e de todos os meus costumes, pareceu passar demasiadamente rápido.

Descobri durante essa vivência na Europa que tempo e intensidade não são proporcionais, e que as impressões sobre isso dependiam inteiramente de minha própria disponibilidade de encarar o novo, que surgia cada vez que eu estava aberto a receber, desconstruindo (pré) conceitos para viver o que havia para viver, e quando preenchia tudo isso com boas ações, direcionadas ao objetivo de crescer, a contribuição mais certa era a certeza de que era capaz de oferecer tanto para o mundo quanto para o meu próprio bem.

A mobilidade proporcionou relacionar-me com o mundo inteiro, me fez perceber o quão imenso e complexo é aquilo que eu imaginava já conhecer, com minhas (pré)definições, baseadas em estereótipos generalizados, além da percepção do quanto que eu ainda tenho para buscar, constantemente, aprendendo sempre algo novo, e mais importante que isso: compartilhar o que aprendi. Aprendi que apesar de minha pequenez, também tenho a contribuir, e isso para mim foi de grande valor, especialmente pelo fato de que, enquanto brasileiro, não tinha noção desse valor, assim, passei a valorizar mais meu lugar de origem e ampliar a percepção das boas coisas que posso utilizar como ferramentas para trazer melhorias à pequena porção do mundo em que vivo.

Naturalmente, os impactos culturais de um novo espaço são sentidos já no primeiro contato com a cultura existente nesse destino, e quanto mais abrimo-nos a receber essas culturas, mais susceptíveis estamos ao estranhamento, contudo, considero que ao aceitar viver esse intercâmbio, acolhi todas as possibilidades e mudanças que certamente me atingiriam inteiramente.

Tive a felicidade de escolher a Espanha para viver, pois sua cultura,

apesar de muito diferente, tem as mesmas raízes latinas que a minha, e o que vivi de diferente causou, sim, bastante estranhamento, mas um estranhamento positivo. O frio, a língua, a diferença, a relação com estrangeiros, a comida e a diferente maneira de pensar deixaram de ser motivos de receios e passaram a ser particularidades das quais sinto um imenso sentimento de nostalgia, por ter experimentado e vivido intensamente esse país incrível, que tão bem me recebeu. Viajar pelo continente europeu é um desejo de muitas pessoas e, para mim, foi motivado pela riqueza cultural que o continente possui e pela história que preserva há milênios. Na conjuntura da mobilidade internacional em algum de seus países, a conveniência em realizar tais viagens é imensamente presumível. Tive a oportunidade de percorrer e conhecer as cidades que mais me pareciam interessantes naquele momento.

Dentro do território espanhol, cheguei a conhecer, além de Granada e de alguns *pueblos* em seu entorno, um deles, inclusive, no alto da Sierra Nevada, Hoya de la Mora, onde tive meu primeiro contato com a neve; as cidades de Sevilla e Córdoba, também na comunidade autônoma da Andaluzia, a cidade de Barcelona, na Catalunya, onde se pode sentir a forte interferência da Geopolítica, atrelada à cultura e à democracia direta de um povo que anseia por uma nação à parte da Espanha, além da estrutura do conjunto urbano da capital catalã e das surreais obras de arquitetura de Gaudí.

## AS VIAGENS

Fora da Espanha, o primeiro país que tive curiosidade de conhecer foi Portugal, através das cidades de Lisboa, Coimbra e Porto, experimentei a nação que colonizou o que hoje é o meu país, o lugar onde surgiu o idioma que me dá sentido enquanto membro de uma nação. Em Portugal, eu pude perceber que, apesar das notáveis diferenças culturais que nos distanciam, há muito que nos aproximam, às vezes, por pequenos detalhes, mas que demonstram com segurança algo que nos interliga, independentemente do tempo e da distância entre as duas nações.

Mais adiante, conheci a Itália, berço de uma cultura intensamente inspiradora, em muitos aspectos, à minha própria cultura, a começar pela maneira de contar o tempo, como o próprio calendário. Conhecer este país era um de meus maiores sonhos, uma vez que muitas das

histórias, personalidades, invenções, obras de arte e paisagens se passaram, viveram e encontram-se neste lugar. Na Itália, pude conhecer cidades surpreendentes, como, por exemplo, Milão, envolvida em uma atmosfera de arte; Veneza, edificada sobre o Mar Adriático, parte do Mediterrâneo, de maneira excepcional, com sua paisagem e estrutura urbana distinta de qualquer outro modelo urbanístico que já conheci, com suas vielas e canais milenares que ilustram, hoje, o passado de uma das cidades possuidoras dos mais influentes comércios do mundo, não deixando de perceber a dinâmica econômica da intensa atividade turística característica do local; Florença, na região da Toscana, berço de incontáveis artistas, cientistas e outras personalidades que, com suas contribuições, ajudaram a construir a humanidade tal como somos hoje, como Galileu Galilei, Michelangelo, Da Vinci, Maquiavel, Américo Vespúcio, entre tantos outros.

Pisa, uma pequena cidade muito próxima de Florença, conhecida em todo o mundo pela inconfundível torre inclinada construída em mármore, que tantas vezes foi utilizada em minhas aulas de Geologia, pelo exemplo do uso desta matéria-prima, e Pedologia, pela importância do estudo dos tipos e processos dos solos. Ver tudo isso de perto, sem dúvidas, foi de uma imensa satisfação; e, claro, a imponente cidade de Roma, hoje, capital do país, mas que no passado, foi, por muito tempo, o símbolo de um império que dominou grande parte do mundo ocidental e propôs transformações em todo o mundo. A grandeza e imponência de Roma, os detalhes incríveis de cada uma das cidades por onde passei na Itália provocaram em mim muitas reflexões que foram muito além do pensamento geográfico.

Na Suíça, pude visitar a cidade de Lugano, localizada quase na fronteira Sul do país, com a Itália. Ali, em meio aos gelados Alpes Suíços, provei, além das sensações térmicas negativas e da sensação da neve caindo pela primeira vez, a experiência de caminhar em mais um lugar diferente de todos os outros, que apesar da curta distância espacial entre eles, possui elementos naturais determinantes aos comportamentos das sociedades, neste caso, os grandes Alpes, que condicionaram, dentro de um único e pequeno país, diferenças culturais alarmantes, como a própria variação idiomática do país, entre o alemão e o italiano, o que me provocou bastante curiosidade, e me fez lembrar e refletir as

discussões sobre Determinismo e Possibilismo geográfico, realizadas ao longo de toda minha formação em geógrafo, pensador do espaço e suas dinâmicas.

Na Grécia, conheci a capital, Atenas, e essa experiência foi de uma cidade e um país que conseguiram superar todos os outros e me trazerem outras grandes descobertas culturais, não mais somente pela diferença idiomática, mas, inicialmente, pelo próprio alfabeto, com letras totalmente desconhecidas por mim. Nessa situação, estando eu sozinho, em um país onde eu não conhecia sequer o alfabeto, a solução foi praticar e desenvolver, em tudo o que eu fazia, o inglês. Além de toda a atenção à história grega que a estada no berço da Democracia é capaz de transmitir, não pude deixar de sentir a incomensurável cultura mitológica preservada, ainda hoje, nesse lugar.

Saindo da terra de mitologias, no cruzamento entre três continentes, Europa, Ásia e África, banhada pelos mares Egeu e Jônico, fui a outro dos lugares mais fascinantes que já pude conhecer, Londres, a capital da Inglaterra e do Reino Unido, lugar que, por séculos, foi o centro econômico da Europa e do mundo, a cidade transpõe o notável desenvolvimento e cultura, além da perceptível organização urbanística de que dispõe, fruto, inclusive, de um plano de ordenação territorial, o *Greater London Plan* (Plano da Grande Londres), ver e viver a aplicação eficiente de um plano desta magnitude me fez perceber que trabalhos desta natureza não são em vão. Ainda em Londres, senti de perto as atuais tendências geopolíticas que desconfortam a harmonia da União Europeia com a possível saída do Reino Unido deste bloco econômico.

Em todas estas cidades que passei, foi notável a preocupação social e política ainda no que diz respeito ao melhor relacionamento entre as necessidades humanas e a preservação ambiental, como a descontaminação de corpos hídricos, urbanos ou não, a preocupação com o destino adequado de resíduos sólidos, entre outras impressões inspiradoras. Conheci, ainda, Gibraltar, um território ultramarino pertencente à coroa britânica, mas especialmente localizado no sul do território espanhol, que também gera, na atualidade, desconfortos geopolíticos.

A oportunidade de vivenciar pela primeira vez uma experiência internacional faz-se, sem dúvida, uma das principais contribuições para o crescimento cultural de uma pessoa. As ricas impressões de uma série

de viagens e experiências de tal magnitude, para um futuro professor de Geografia, causaram em mim um entusiasmo sem igual, e isso aumentou ainda mais minha curiosidade de pesquisador do espaço, das *calles* e das histórias.

## **CAPÍTULO XI**

### **A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ RICARDO DE ALMEIDA SIQUEIRA JÚNIOR**

#### **DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL**

#### **QUINTAIS: JANELAS PARA O MUNDO**

O quintal da casa era maior que as Américas. Bastava fechar os olhos para explorar outros mundos. Não existiam fronteiras porque a infância sempre foi esta forma bonita de ser infinito. Em um milésimo de segundo, ele escalava o Monte Everest e travava lutas homéricas nas bordas do Coliseu; e quando se percebia aventureiro destemido, já estava desbravando os enigmas de Machu Picchu e preenchendo os espaços siderais. Traíçoeiro, o universo fez de conta que cabia na palma de sua mão.

Para além dos limites que cercavam o quintal, pairavam o desconhecido e seus perigos apócrifos. Os monstros grandes e horripilantes que rugiam qualquer coisa, as assombrações feitas de uma materialidade impossível, os palhaços com suas caras pintadas e risadas diabólicas — como se tramassem um desfecho. Ele demorou a entender que estas alegorias não passavam de metáforas forjadas por adultos sobre o temor que a liberdade impõe. Aquela compreensão desmistificou a poesia, não de ser, mas de estar criança.

Foi quando o menino franzino e esperto, inconformado com as convicções absolutas que outrora lhe confiaram, teimou em atravessar as barreiras invisíveis na busca por respostas. Não por acaso, foi seduzido pelo jornalismo de tal modo que se limitou apenas a reverenciar

o destino. Na universidade, o desejo de colonizar novos mundos, mais pulsante do que nunca, encarnou a vontade de fazer um intercâmbio, com direito a todos aqueles clichês de conhecer outras culturas, realidades e pessoas.

Mesmo desacreditado por seus próprios medos e inseguranças, arriscou um processo seletivo disfarçado de algo místico e visceral: a possibilidade de ser irreversivelmente transformado. As lembranças da noite de 14 de maio de 2018 foram tatuadas em um vão entre as suas costelas. Quando tudo se resumia a indício, ele foi agraciado com arautos de sins. A vontade era de gritar do arranha-céu mais alto da cidade até o inverno inteiro ouvir, anunciar pelos letreiros e outdoors das esquinas até os planetas mais longínquos aquiescerem.

*Ele sou eu e juntos somos o poeta-narrador que atende por Ricardo Júnior. Simbiose poética. Vital e irrefreável. A partir de agora, vou assumir o protagonismo da minha história através da pessoa última e primeira. Antes, porém, devo advertir aos leitores que nunca fui bom em caber nas palavras. Tendo a subvertê-las, inevitavelmente, em metáforas e conotações para me tornar esta revolução inédita que se estenderá pelas próximas páginas. Vocês estão preparados para embarcar comigo nesta jornada?*

## **CONSTRUINDO O INTERCÂMBIO**

Quando sentencio que o intercâmbio se equipara a uma construção, o que eu quero realmente dizer com esta analogia é que você não vai conseguir uma bolsa de estudos do raiar da lua para o minguar do sol. Trata-se de um projeto a longo prazo, iniciado a partir do instante em que se atravessa os portões da universidade. Por isso, vocês precisam saber aonde almejam chegar desde o princípio, tendo consciência de que podem ir muito além. Se me permitem, vou lançar uma pergunta com tons de profundidade: o que faz vocês acordarem com motivação para enfrentar mais um dia exaustivo de labuta?

As respostas para esta interrogação vão se alinhando para formar o que os japoneses chamam de *ikigai*, isto é, uma filosofia de vida assentada na busca pela razão de ser ou pela força motriz para viver. Com as possibilidades espalhadas pelo chão, fica um pouco mais fácil traçar as direções possíveis. No meu caso, eu sempre quis ser preenchido pelas

narrativas que não estão nos livros e experienciar as descobertas que escapam aos mapas, mas que, mesmo assim, existem lá fora.

Despir o *ikigai* que carrego nas costas talvez fosse o único modo de não conter o propósito da minha existência: encontrar e colonizar o pequeno espaço que ocupo em um universo tão vasto. Para conquistá-lo, tive de tomar decisões que me custaram o sono e abrir mão de coisas que, hoje sei, não fariam a gentileza de voltar à origem. Chego a perder as contas de quantas madrugadas revirei pelo avesso, de quantos fins de semana foram riscados do calendário sacro pendurado no corredor da sala e de quantos recessos pecaram pelo excesso de seda. Nas relações com o Outro, afrouxei laços com os de sangue e também com aqueles que escolheram caminhar ao meu lado.

Eu estaria sendo desonesto se não confidenciasse a vocês que esta construção foi dolorosa e extenuante. Todavia, olhando para baixo, consigo distingui-la como a pedra angular do meu amadurecimento. Sem a doçura de uma mãe, ela me aprontou para o que ainda estava por vir. E quer saber de algo sobre mim? Se pudesse, eu faria questão de reviver tudo outra vez, sem a hesitação de articular os mesmos erros e acertos. Afinal, foram eles que ergueram este prédio firme e seguro que eu me tornei.

## **DE CAPA E VARINHA, A UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Becos e vielas rasgam labirinticamente a cidade de Coimbra, situada na Região do Centro de Portugal; são como veias, por onde correm, de mãos dadas, uma juventude apressada e uma mocidade cansada pelos movimentos do tempo. Insisti muito em acessar atalhos já concebidos antes de me render à sutileza de viver sem rumo. Foi a partir dali que a rua e eu passamos a coexistir na mesma lembrança. Os sobrados decentes e esguios agarrando-se às calçadas em andares acanhados, as lojinhas repletas de quinquilharias e utopias, as suntuosas igrejas com suas lajes gastas e seus altares adornados em ouro.

A arquitetura da cidade desenha uma realidade urbana tão instintiva quanto a dos nossos ancestrais: todos os caminhos, mistos e quebrados, conduzem à Universidade de Coimbra. Assentada no topo de uma colina, ela se ergue com majestosidade e encanto contra o horizonte findo. Porque é lá, encoberto pela densa poeira de mais de 700 anos, que está

mistificado seu coração. Os batimentos da Cabra, mansos e soturnos, ecoam formas de não serem calados. Sobre os azulejos que atapetam o chão da própria História, as capas negras parecem dançar com o vento uma melodia distante.

Entre o visível e o dizível, aquela compreensão era a coisa mais racional que meus sentidos já haviam alcançado: a Universidade de Coimbra é mágica. E digo isso não pelo fato de a autora da saga literária de *Harry Potter*, J. K. Rowling, ter utilizado a capa e batina dos estudantes conimbricenses como fonte de inspiração para compor os uniformes da Escola de Hogwarts; tampouco em razão de a Biblioteca Joanina ter servido de referência estética para um dos cenários do filme *A Bela e a Fera* (2017).

Ela é mágica porque, em delicado código, suas tradições resistiram à fragilidade do tempo. O traje acadêmico continua sinônimo de prestígio, como se tecido e destecido com o fio da eternidade; servo de esperança, rende-se às convenções para que ninguém repare no que destoa. Ela é mágica porque, entre as paredes repletas de afrescos imponentes e os entalhes ornamentados com folhas de ouro de sua biblioteca, repousam inertes sobre o oceano a primeira edição de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, e a *Bíblia Hebraica de Abravanel*, do século XV. Ela é mágica porque conserva um segredo há muito cobiçado: a magia consiste em um simples truque de ressignificar a realidade. Eu, por exemplo, decidi transcendê-la.

## **A FALÊNCIA DA VERDADE**

Quando a noção de verdade, sem licença, despencou de um abismo pós-moderno, suas fraturas foram completamente expostas. Apesar dos esforços para tentarem soldá-la, os homens precisaram aceitar sua natureza quebrantada e forjar outro princípio. A Semântica gestou um neologismo com bordas flácidas e polidas, *pós-verdade*, que chegou a ser eleita, em 2016, como a palavra do ano pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. Aquele parto era o decreto que faltava à falência da verdade. A existência dos fatos subjugada pelas versões de si mesma.

Esta relativização do conceito de verdade é onde principia um rastro de rupturas em estruturas já consolidadas; se por um lado revela-se emancipatória e democrática devido ao seu caráter plural, por outro

altera subitamente a percepção do real, ventilando massas inconsistentes de desinformação — são as chamadas *fake news*. Certa vez, uma professora da Universidade de Coimbra, Isabel Vargues, combateu a inadequação do termo, afinal, nenhum texto que veicule informações falsas pode receber a alcunha de notícia, por sua vez a matéria-prima da indústria jornalística.

A preocupação com a qualidade da informação consumida pela sociedade diante de tal conjuntura levou à criação da Rede Lusófona pela Qualidade da Informação (RLQI), em novembro de 2018, durante o V Congresso Internacional de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público. O evento reuniu dezenas de estudantes, professores, pesquisadores e representantes de entidades ligadas aos meios de comunicação de nove países lusófonos. Contudo, foram poucas as pessoas que tiveram o privilégio de testemunhar, ao vivo e a flores, o apogeu rotulado de candura.

Com os olhos quase saltando das órbitas, eu percorria cada detalhe da Sala do Senado, local onde ocorreu a assinatura do acordo. As paredes rubras, um lustre reluzente pendendo do teto, a mobília com contornos imperiais. Sentados bem próximos de mim estavam os professores doutores Fabiola Tarapanoff, autora do livro *Escrever e pensar cultura na atualidade* (2016), e Guilherme Gonçalves — conheci os dois após assistir às oficinas por eles ministradas.

Do outro lado do ambiente, sob o brilho ofuscante dos flashes, o renomado pesquisador e autor da obra-referência *Ética no jornalismo* (2008), Rogério Christofolletti, derramava-se em prosa e lirismo. Aquelas palavras resgataram à memória uma fala do também professor e pesquisador Josenildo Guerra, proferida com o fervor de uma oração durante uma mesa-redonda do evento. Ele revelou que estudos científicos recentes legitimaram a importância do jornalismo para tornar o mundo melhor. E contrariando o próprio sobrenome, bradou: “Por um jornalismo de solidariedade, de compaixão!”.

Escrevi no cais para nunca esquecer. Desatei em lágrimas.

## **ESCONDERIJO DAS PRIMEIRAS VEZES**

Foi a primeira vez que vi a *Mona Lisa* e ousei sondar seus mistérios; e vi também a caligrafia de barro do seu criador, Leonardo da Vinci; vi a

*Guernica* de Picasso e testemunhei as formas brutalizadas pelo horror da guerra; vi Dalí e compreendi que a arte é uma resposta onírica; vi Miró dobrando as cores em traços livres e orientais; vi *As Meninas* de Velázquez lançando sombras para a nobreza última de seus reflexos; vi Goya humanizar esta matéria orgânica que somos todos, pecados e dores; vi Rembrandt encarnar o verbo a um modo de luz e breu; vi Botticelli perolar as Vênus e Afrodites.

Foi a primeira vez que ouvi o fado coimbreense e especulei que a tristeza é azul de tanto mar. Enquanto a lua espia as ruas boêmias e provincianas, o choro da guitarra entoa versos de amores jurados eternamente, de uma Coimbra venerada por seus filhos e de um bravo grito de resistência. Foi a primeira vez que assisti a uma ópera, e aquela era a performance mais artística que eu provei na vida; as sílabas galopando cantos, a orquestra dedilhando dramas e cicatrizes numa contradança. Foi a primeira vez que compareci a um recital de poesia e celebrei esta coisa mansa e etérea que é o poeta; aquele palco incerto despovoado por Pessoa, Camões, Torga, Garrett e Saramago.

Foi a primeira vez que voei de avião e me dei conta da inevitável pequenez de ser humano; andei numa roda gigante e resgatei as cirandas que embalavam minha molecagem; joguei boliche e compreendi a marcha dos sentidos; patinei na neve e experimentei o desgosto da queda, o vigor da insurreição; cruzei o Rio Mondego de pedalinho e flutuei sobre águas adormecidas; tomei trens e metrô, e descobri que para frente é o trilho mais doce e seguro; habitei castelos que não eram de cartas e fui coroado rei de mim; foi a primeira vez que a consciência protestou em solidariedade à voz que escala minha garganta, porque ela jamais deverá ser calada.

E se um dia eu for velho demais para morrer, que minha mente insonse seja o esconderijo das primeiras vezes. Recordar é sempre inédito.

## **AOS MESTRES, COM GRATIDÃO**

Luís Filipe Gouveia é um homem de passos firmes e latim requintado, com a veemência de quem carrega no peito respostas, às vezes, esquecidas. Em suas aulas, a tela ganhava as paredes, projetando planos e acasos, ângulos que propunham uma nova geometria. O cinema foi, de fato, inventado para ser refúgio de luzes e quimeras. Com Hitchcock,

descobrimos que a imagem é este dom imaculado de sugerir, e que somos capazes de montar fins ante princípios. Com Deleuze, apreendemos que a arte em movimento se refaz em constituição delicada por sua unidade primeira ser o tempo; que o ato de criação é também de resistência, e, por fim, que a cadeia se encerra num idealismo quase vão.

Isabel Nobre Vargues é uma mulher de fios grisalhos e elegância distinta. Em nome da evolução, ela nos concedeu a liberdade de esgotar a ciência de um jeito, simultaneamente, primitivo e visionário. Foi quando passamos a entender a cultura como um canteiro de humanização, onde florescem o terço, a palavra e o trato. Para não sofrer dissidências, violamos as tumbas da erudição e infiltramos a sabedoria dos velhos aldeões. Porque é preciso garantir que as sementes cheguem íntegras ao amanhã; só assim para salvar as flores.

José Carlos Camponez é um nome cuja reputação precede o homem expressivo e austero que ele o é. Entre movimentos de espera e de destecer o já-feito, reafirmava o compromisso estreito de o jornalismo confrontar a realidade com ética e respeito às convenções. Uma sociedade célere como a nossa exige que a informação se desfaça de seu radical e seja formação. Agora mais do que nunca, para que ninguém fique refém de enganos livres, faz-se necessário incitar a busca por um novo horizonte da leitura: a da mídia. A educação é uma via única e irreversível rumo à emancipação individual e coletiva.

Aos três queridos professores, deixo aqui registrada a mais bonita e eterna gratidão. Não apenas pelas lições e críticas edificantes lançadas durante os meses de intercâmbio, mas, sobretudo, por serem peças fundamentais desta escola que é a vida.

### **THAT'S OVER, BABY!**

A língua inglesa se apresentou a mim como os hieróglifos egípcios, numa época em que o mar cantava e meus heróis não morriam. Fascinado em decifrar sinais e faróis, insisti em mergulhar fundo nas águas e contê-las. A sentença veio quando o rádio sussurrava *Imagine*, do John Lennon. Os sons irrompendo da garganta, a brisa ventilada da boca, o persistente emendar de orações. Quando ganhei meu primeiro computador, preenchi e decorei as prateleiras do quarto com zeros e uns. As fronteiras, então, dissiparam-se, somente nos restando as dissimuladas;

os relógios desconsertaram os ponteiros, sobrando apenas a ilusão das eras.

Sobre a escrivadinha de mogno, eu arriscava notas com Michael Jackson, Coldplay, Maroon 5, Simple Plan, Kings of Leon e Plain White T's. Depois, nos fundos de garagens, fiz concertos ao lado de Ed Sheeran, Jason Mraz, James Arthur, Bruno Mars e Boyce Avenue. E assim fui aprendendo a traduzir saudades, pronunciar coros e escrever sem palavras. Houve um dia, porém, que a música e eu teimamos em enfrentar o mundo. A partir dali, a comunicação deixava de ser só uma área ocupada em minha geografia e passava a designar as relações e interações que eu estabelecia com o Outro.

Entender e se fazer entendido era tão vital quanto respirar. E nessa hora tudo vale, do lance de dançar mímicas a desenhar com as mãos no ar. Quando me perguntam se as técnicas funcionaram, respondo com o otimismo de um sobrevivente: “não passei fome nem dormi na calçada, então, sim, acredito que elas deram certo”. Imaginem a arte de dominar um idioma estrangeiro como uma epopeia moderna, em que a coragem e o desprendimento são ferramentas indispensáveis, mas é o estudo disciplinado e a prática recorrente que conduzem à glória. Não interessa se vocês terão como cúmplices a música, o livro, a escola, o cinema ou todos eles juntos; o que realmente importa é transformar o ato de aprender em outra de suas diversões.

Jason Mraz, num inglês sereno e íntimo, profetizou algo sobre o intercâmbio que apenas hoje pude reconhecer: “*You can always come back home*” (Você sempre pode voltar para casa). E eu voltei.

## **LISTA DE MEDOS**

Ao que me parece, conforme as ondulações do tempo vão agindo sobre o corpo, nossos medos crescem e continuam nos acompanhando — como se fossem bichos instruídos. A revelação de suas naturezas humanas, outrora disfarçadas de alegorias, não os torna menos assustadores. No decorrer do intercâmbio, eles se materializaram nas formas inusitada e capciosa. O primeiro ostentava um par de asas, turbinas silenciosas e um nariz levemente empinado. Para não haver fugas, tive de aceitar a morte como o ponto final do texto que somos todos.

O segundo chegou inoportuno, fazendo alarde e espalhando um

rastro de caos. Atendia pelo codinome de *Leslie*. Através da janela do meu quarto, testemunhei a seleção artificial varrer, com violência, glórias e vaidades. Tudo ali desmoronando tal qual um castelo de areia. Em prece, implorei pelo colo protetor da minha mãe, pelo abraço terno do meu pai e pelo ombro amigo do meu irmão. Resisti no meu lugar porque sustentava a certeza de que, após a tempestade, o sol alcançaria o horizonte. Radiante, pleno e soberano.

O terceiro, ao brincar com a ansiedade congênita, dilatou meus pulmões e desafiou minha paz. Por mais que alguns de vocês julguem uma espécie de charme na série de desventuras decorrentes ao ato de se perder entre os cafés chiques de Paris, as fachadas coloridas de Bruxelas e as ruas gélidas de Praga, eu só conseguia sentir os efeitos da hesitação. Contive o pranto, abafei o berro e até abandonei esta mania profana de maldizer a vida. Quando o equilíbrio reivindicou seu lugar de direito, saí pelas cidades como quem faz o próprio caminho. Fui me depurando ao longo do trajeto, deixando partes de mim em cada esquina e absorvendo a graça dos cenários.

O quarto, sem licença, roubava-me o sono. Aquela possibilidade nebulosa, mas real, de acumular perdas enquanto um oceano inteiro me separava dos meus. E as flores que eu não dei? E o perdão que adiei? E o amor que não confessei? E a quietude que não devolvi? E a solidão que não curei? E os corações que quebrei? E os sorrisos que escondi? Será que deixei uma saudade boa? O acaso é a coisa mais perigosa que existe.

Percebo, derrotado, que os piores medos são aqueles que criamos. Quantos você desconstruiu hoje?

## **CORAÇÃO TURISTA**

**Átrio português.** Em Fátima, galopei Ave-Marias com devoção, improvisei orações e descobri que a fé é mistério que ensina sem respostas; em Batalha, recordei que a História é contada por quem vence, na base de sangue e honra; em Alcobaça, voltei a acreditar no amor lendário, aquele que transcende a lógica e se perpetua para além dos tempos; em Óbidos, fui menino e rei; em Braga, sacralizei sementes, frutifiquei milagres; em Guimarães, deitei no berço da pátria amada, onde gestou o império; em Aveiro, desfilei estes carnavais que são os moliceiros; na Serra da Estrela, cume de Portugal, saudei os recém-feitos planetas, a

lua e seus módulos; em Belmonte, testemunhei o menino Cabral descolonizando Brasis; em Porto, brindei o triunfo com um bom vinho; em Lisboa, rimei versos com Camões, desbravei mares sem ondas ao lado de Vasco da Gama e redcorei as sacadas com a arquitetura manuelina.

**Ventrículo espanhol.** Em Madrid, pincelei a aquarela da subversão, conciliei as torcidas para o bem do paraíso e valsei durante a madrugada suspensa; em Salamanca, rendi-me à alquimia de converter a erudição em ouro, espalhando brilho e cor pela vizinhança; em Santiago de Compostela, fui peregrino e mensageiro de onde meus pés tocaram, de onde minhas mãos alcançaram, desta incessante busca por mim; em Barcelona, aplaudi a poesia revolucionária que é Gaudí, abstrata e concreta, disforme e cartesiana, fauna e flora.

Átrio italiano. Em Roma, vi o passado se mostrando tão antigo quanto o silêncio dos homens, e, em tons de sinos, reafirmando os ancestrais de que irá recusar a narrativa do tempo; no Vaticano, tive o privilégio de velar o túmulo de São Pedro, a rocha edificante, desbravar as criptas e os segredos que elas conservam; em Florença, renasci, ditei a língua-mãe e trouxe luz às trevas; em Veneza, encontrei-me no labirinto de suas mãos marítimas, fui aprendiz de gondoleiro e até arisquei um baile de máscaras como se fosse um par; em Pisa, sustentei a fundação trêmula para ela não esmorecer e fiz ciência com a natureza divina de Galileu Galilei; em Milão, entrei nesta moda de ser autêntico e insurgente.

**Ventrículo direito.** Em Bruges, vivi o conto de fadas do bardo provinciano que sempre fui, carruagens e candelabros; provei que o doce é o sabor mais precioso e fui revestido pelo manto sagrado, a qualidade do sangue; em Bruxelas, redesenhei a arte sequencial e constatei que dar-se as mãos é um gesto de paz; em Amsterdã, reivindiquei todas as liberdades que são minhas por suor e rubro, infringi as amarras que me prendiam e voei sem a pretensão do regresso.

Em Frankfurt, acompanhei o encontro quase romântico entre um passado com cicatrizes de guerra e um futuro dominado pela aridez dos sujeitos, escalei o arranha-céu mais imponente só para ter o prazer de tocar as estrelas e descobrir que números não preenchem meus conjuntos vazios, e sim valores; em Praga, destampeí as cem cúpulas, saboreei o amargo do álcool em uma taverna de pedra, e, com o vigor

dos pulsos, examinei os signos, astros e apóstolos.

Em Londres, tomei chá das cinco com Marias e Josés, especulei sobre as variações de um dossel indeciso e pontual, avivei o carmim das cabines e dos coletivos singulares, esbanjei o lado confuso de ser forasteiro; em dedução elementar, meus caros leitores, segui indícios e velórios; encenei a comédia e a tragédia que são os amores de Shakespeare.

Em Paris, espalhei candeeiros nas treliças da Torre Eiffel para que as chamas do conhecimento e do progresso científico não voltem a mergulhar no breu da ignorância; clamei pela fraternidade entre os povos, por uma igualdade que acolha as diferenças com o afeto de uma mãe, por uma liberdade impossível de ferir o que restou de humanidade; vi sua gente fina e elegante esgotando grifos, avistei gárgulas dançando em volta da catedral e baixei os toldos das luxuosas vitrines; jurei ter ouvido Édith Piaf nos pardais que assobiavam um canto rosa dos telhados.

Atravessei os sertões e confins arbitrários do planeta para atestar a solidão mais honesta: Coimbra, meu coração vos pertence!

### **MAR: ESPELHO DE NARCISO**

Hoje, visitei o mar. O sol se punha acima de qualquer poder. Sentei sobre o tapete confortável da abstração, a areia, e fui envolvido pelo azul. Por um momento, as águas cristalinas invejaram a minha imensidão. Vi as melhores versões de mim mesmo refletidas naquele espelho de Narciso e nem me reconheci. Não discuto as olheiras dramáticas, tampouco os quilos a mais — os quais insisto em culpar a ansiedade. As mudanças ocupam um vão sob a pele, entre trapos e tripas, onde ninguém ousa alcançar de tão íntimo. O intercâmbio, no fim das contas, consiste em uma paráfrase sobre a dádiva que é ser capaz de se reinventar.

Naturalmente, esta atitude principia um movimento de esvaziamento, em que o sujeito abandona seus preconceitos e julgamentos, suas visões reducionistas do mundo. Como sentencia a jornalista Eliane Brum, quando revela seu jeito único de conceber uma reportagem, é preciso estar aberto para o espanto, para ser surpreendido. Não há nada mais justo do que se entregar, de porto e calma, aos imprevistos da mera condição de existir. É este olhar amoroso sobre a vida, o tempo e o Outro que nos transforma de maneiras irreversíveis.

Somos frutos das lições que aprendemos, das lágrimas que

derramamos e retemos, das risadas que demos uns dos outros, dos silêncios que abafamos, dos gritos que deixamos escapar, dos segredos que guardamos e confidenciamos; somos frutos das decisões que tomamos, das permissões e concessões que outorgamos, dos erros e acertos que cometemos, das conquistas proclamadas e dos fracassos jamais confessados; somos frutos das pessoas que partem e também das que ficam. Coerentes ou não, somos apenas instantes, refêns das palavras e de nós mesmos.

Após experimentar todas as nuances que um intercâmbio oferece, voltei mais solidário e altruísta, tomando para mim sentimentos que não são meus, e sim dos outros; mais independente, tendo a liberdade de seguir meus próprios sonhos e projetos; mais perseverante, disposto a lutar pelas coisas que quero e acredito até depois do fim, se assim houver; mais criativo, inventando fugas impossíveis para colorir os dias e suas armadilhas; mais rico de conhecimentos, experiências e (in)formações; e, sobretudo, mais certo de que a gente não precisa de muito para encontrar a tal felicidade.

Agora que as ondas recuaram ao seu lugar de origem, eu consigo me perceber sem o véu traiçoeiro dos disfarces ou retoques. Oh, mar, se crescer é necessário, mudar é consequência.

## TRADUTOR DE SAUDADES

*Tè extraño, miss you, sehnsucht, tesknota, alistiyáqu "ilal watani.* Em vão, mil linguistas continuam tentando traduzir saudades como o fazem com as chuvas. Nunca entendi o paradoxo ridículo de um substantivo tão abstrato como este me causar efeitos físicos e dores reais: voz entrecortada, peito rasgado, olhos marejados e um vazio equivalente a socos no estômago. O que me incomoda neste cenário hostil é saber que os cientistas ainda não descobriram a cura para essa amálgama de sentimentos.

Enquanto isso não acontece, encontro salvação nas fotografias velhas espalhadas pelo chão, em rabiscos esquecidos nas últimas páginas de cadernos escolares, nos perfumes impregnados em recipientes internos, nas vozes graves e agudas que ainda ecoam em minha cabeça, nas memórias partilhadas que afetuosamente emergem dos diálogos, nas músicas que embalam o enredo novelesco em terras europeias.

Transbordo de saudades quando recordo dos amigos que lá deixei, das minhas andanças por territórios desconhecidos e de cada descoberta realizada ao longo dos caminhos; quando recordo do refúgio fortificado que era meu quarto nas tribulações e nos dias nublados; quando recordo da capa esvoaçante e majestosa a me guardar dos males e perigos; quando recordo dos sete amigos que se tornaram minha família e de todos os momentos que vivenciamos juntos; quando recordo da nossa varanda que mais parecia uma pintura a óleo de Jorge Xavier Morato; transbordo de saudades quando me volto para trás e reconheço, com a convicção divina, que tudo valeu a pena.

Encerro este capítulo da minha vida com uma frase do escritor Rubem Alves: “A saudade é a nossa alma dizendo para onde ela quer voltar”. Assim sendo, eu terei de regressar porque essa história não acaba aqui!

## CAPÍTULO XII

### CAMILA RAQUEL JORGE DE SOUZA RIQUE

### DESTINO: BUCARESTE - ROMÊNIA

#### DA TERRA DOS DINOSSAUROS À TERRA DOS DRAGÕES

Se eu pudesse dar um conselho para quem quer fazer um intercâmbio, seria: não faça! Parece loucura, eu sei, mas vou explicar o motivo. Meu intercâmbio começou antes mesmo de eu perceber.

Quando eu tinha 22 anos, apaixonei-me por um sérvio que conheci *online*. Comecei a aprender o idioma que é tão complexo e difícil, mas uma pessoa apaixonada não mede esforços. Comecei a ver formas de ir para a Sérvia, e descobri um rapaz que estava por lá, fazendo intercâmbio através de uma ONG. Ele me apresentou tudo o que eu precisava saber e o mais importante: que eu não era apta. Do rapaz ficou a breve amizade e, do sérvio, a indiferença por não ter tentado mais — ele até casou depois. E de tudo isso ficou a ONG.

Conheci o AFS Intercultura Brasil quando tinha 22 anos. Infelizmente, não podia mais fazer o intercâmbio *High School* deles, mas podia ser voluntária. Eu já sabia inglês, mas não praticava. Então, vi na ONG uma boa forma de colocar à prova todo o meu tempo lendo revistas com traduções de músicas norte-americanas.

Virei voluntária e fui tomando gosto pela coisa. Organizava a relação com as escolas e visitava as famílias que queriam receber e também enviar os próprios filhos. Nesse meio tempo, encontrei grandes amigos, um ambiente seguro, uma comunidade inclusiva e uma paixão em comum: o respeito.

Eu estudava Farmácia quando me tornei presidente do comitê em João Pessoa. Depois de alguns meses, decidi que não poderia terminar um curso que não amava. O bacharelado em Relações Internacionais (RI) nunca esteve nos meus planos, mas foi tão natural pensar em política, história, geografia, direitos humanos e idiomas quando se está inserido num contexto desses. A ONG me trouxe amigos, uma nova paixão e desespero para meus pais, pois trocar de curso quase na reta final não estava nos planos deles.

Comecei a viajar bastante e conhecer pessoas de outros Estados. Eu, que mal tinha saído da Paraíba, passei a ir com frequência para Natal e Recife, e, posteriormente, para Rio de Janeiro, São Paulo, Campo Grande e Brasília. Em todos esses lugares, conheci gente de todos os outros Estados, que partilhavam dos mesmos valores da ONG. Pode até não parecer, mas aquele já era o começo do meu intercâmbio.

## **O COMEÇO DO MEU INTERCÂMBIO, ANTES DO MEU INTERCÂMBIO**

O Brasil é tão grande e multicultural que basta você sair do bairro onde mora para sair de sua zona de conforto e aprender algo novo. Aprendi que no Rio Grande do Sul tem escolas que, ao invés do Hino Nacional, cantam apenas o hino do seu Estado; que no Paraná muita gente fala alemão e italiano; que o sotaque do Ceará é cantado e que eles comem coisas diferentes de nós paraibanos. Podemos até falar português, mas os sotaques e as palavras diferentes para designarem a mesma coisa imprimem uma peculiaridade que é sem igual.

No curso de Relações Internacionais, eu me tornei outra pessoa: mais focada no mundo, mais atenta nas notícias, mais crítica e, talvez, até mais chata. Comecei a fazer metas para cada ano, e cumpri-las era um prazer imenso. Fiz muitos amigos, mas o AFS sempre foi muito presente na minha vida.

Como voluntária, ocupei um cargo que chamamos de *conselheiro*, cujas atribuições incluem explicar, ensinar, aconselhar e acompanhar o intercambista durante sua experiência em outro país. Em uma das vezes, fui *conselheira* de um estudante francês. Durante uma conversa na praia, houve o famoso e esperado choque cultural. “Vocês, brasileiros, são muito...” — não recordo o que ele disse, mas lembro-me de que

aquilo já fazia parte do meu intercâmbio, pois eu só queria responder “Vocês franceses...”. Talvez soe bobo, porém sinto que meu intercâmbio teve vários começos antes do começo real; e vou continuar falando disso porque eles se encaixam perfeitamente na minha história de vida até agora.

Fiz estágio de um mês em uma escola, dando aulas de inglês para alunos de 5 a 7 anos. Ganhei quase R\$ 400. Meus pais tinham planos para o dinheiro, nesse caso, uma conta a ser paga, um investimento para melhorar nossa conexão de internet. Eu, por outro lado, só queria um passaporte. E contra todas as possibilidades, fui lá e fiz. Apesar de odiar o modelo do passaporte brasileiro que tenho, aquele documento foi a melhor coisa que fiz na vida, pois eu sabia que ele iria me ajudar a agarrar as oportunidades que poderiam aparecer. Tanto minha mãe como meu pai diziam que era bobagem ter um passaporte se eu não tinha para onde ir nem como arcar com os custos da viagem. Só queria dizer que as oportunidades aparecem para quem está pronto, e eu estava quando a oportunidade veio.

Um mês depois de receber o passaporte, a ONG lançou uma chamada para voluntários irem à Itália com o objetivo de escrever um manual. Fiz a inscrição porque o *não* eu já tinha. Assim, nada me custaria tentar, certo? As seleções passaram, entrevistas e mais entrevistas, até que um dia, à tarde, recebi um e-mail falando que eu havia sido escolhida. Senti que era um reconhecimento, uma chance de mostrar meu valor, de aproveitar, de ver o Coliseu, de rever meus amigos e também de fazer novos.

Eu só queria ver a neve e as montanhas, tudo o que não tenho aqui. Fui colocada em uma cidade que nunca tinha sequer ouvido falar, Torino, mas que ainda hoje me emociona quando a vejo em fotos. Vi neve, vi museu, vi montanhas. Comi uma pizza inteira sozinha e descobri da pior forma que sou intolerante ao glúten, mas tudo valeu a pena. Aproveitei a chance para conhecer outros países, rever amigos e fazer novos. Durante as viagens, vi coisas que só apareciam no programa *Fantástico*, que é exibido no domingo à noite. Eu vi, senti, chorei, sorri, emocionei-me e voltei para casa com uma mala cheia de lembranças. E minha geladeira bem sabe disso.

## O ACEITE PARA O FUTURO

Voltei para casa ciente de que, mesmo tendo adiantado o curso em um semestre, eu queria muito fazer um intercâmbio durante a faculdade. Para mim, a experiência na Itália era apenas um começo. Depois que retornei, só queria ter a sensação de pegar um avião para o desconhecido de novo. Começava, assim, a minha maratona de tentativas: tentei as bolsas do Santander Universidades e não passei, tentei as bolsas de Mobilidade Internacional e não passei. Fiquei frustrada, mas eu sabia que ainda poderia tentar mais vezes.

O coordenador do curso de RI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) me disse que a instituição tinha um convênio com uma universidade da Romênia. Apesar de não saber como funcionava, ele perguntou se eu tinha interesse. Na realidade, não. Eu queria estudar Direitos Humanos na Bélgica, mas, por educação, falei que *sim*. Fiquei me julgando muito por não querer ir a um país sem nem cogitar nada, e pensei em todos os intercambistas que vieram para o Brasil e não nos tinham como a primeira opção. Só por isso eles desistiram? Não! E eu também não desistiria. O coordenador enviou e-mails, ligou e eu o incomodei muito, até que ele salientou: “Camila, é uma bolsa *Erasmus*”. *Erasmus... Erasmus...* Eu conhecia aquele nome de algum lugar e, quando lembrei, um sorriso que poderia ser visto da lua tomou conta do meu rosto.

O Erasmus é uma bolsa da Comissão Europeia dada a alunos do mundo inteiro, na graduação e pós-graduação também. Normalmente, apenas europeus conseguem as bolsas durante a graduação, já que dependem de parcerias bilaterais e não existem muitas por lá. Que bom que a UEPB tinha! Ele nem precisou perguntar, pois eu disse que queria. Não pelos valores ou pela bolsa, mas pelo prestígio de ter isso no meu currículo.

Comecei a ter mais contato com a Coordenadoria de Relações Internacionais (CoRI) e pedi autorização para falar diretamente com a universidade da Romênia. Fui falando quase todos os dias, escolhendo as matérias, mas sem acreditar, já que não havia recebido nenhuma carta de aceite. Imaginava que vários estudantes da UEPB estavam concorrendo à bolsa, entretanto, era apenas eu. Isso, porque a parceria do Erasmus era só com o meu curso – apesar de existir outra modalidade

de intercâmbio entre as duas instituições. Respondi às questões que foram apresentadas, pedi a carta de indicação e fiz a de intenção, mas nada da carta de aceite.

Um dia, estava eu em São Paulo almoçando e conversando com alguns amigos, após o fim de uma edição da Convenção Nacional do AFS, quando recebi um e-mail da universidade na Romênia me perguntando se eu preferiria morar no dormitório ou alugar um apartamento. Fiquei meio perdida, afinal, era um grande passo a ser dado; além disso, não tinha recebido nenhuma mensagem de “*Welcome to our University, Camila*”. Naquele momento, deu-me coragem e perguntei: “Eu já fui aceita? Porque até agora não recebi nenhum e-mail”. Fiquei uns minutos contando a resposta que veio: “Claro, onde você quer morar?”. E comecei a rir descontroladamente.

Os amigos que estavam na mesa não entenderam o motivo e, para falar a verdade, nem poderiam. Optei por não contar a ninguém sobre o processo, pois, caso desse errado, ninguém precisaria saber disso. Passei meu celular de mão em mão até que todo mundo pudesse ler. Finalmente, eu disse: “Vou estudar dragões com Carlinhos”, fazendo referência à saga *Harry Potter*. Raiva por eu não ter falado nada, surpresa, felicidade e gritaria se fizeram presentes. Foram muitos parabéns, mas a ficha não caía. Na realidade, ela não caiu até agora — e olha que já faz meses desde que eu voltei para casa!

## OS PRIMEIROS PERCALÇOS E CHOQUES

Antes de fechar todo o processo da Romênia, perguntaram-me se eu queria ir no outono ou só na primavera. Não era algo que precisava pensar demais. Queria ir no outono para ver as folhinhas ficando amarelas, laranjas, e depois caindo; queria ver o frio chegando com o inverno e a neve caindo, porque eu sabia que nevava bastante na Romênia. Apesar de já ter visto a neve, nunca tinha visto nevar. Aquela era uma experiência da qual não abriria mão e não me arrependo de não ter aberto mão, tanto que se me fizessem a mesma pergunta hoje, eu escolheria de novo o outono. Ver algo que a gente não está acostumado chega a ser surreal e ao mesmo tempo supernatural, tanto que faz a gente ter inveja das folhas não caírem aqui como o fazem lá.

Comecei a contar os dias para viajar à Romênia. Literalmente. Teve

início, então, a saga de contar a todos que eu iria viajar e ficar seis meses fora. Comecei a ver os detalhes da cidade e hospedagem, os lugares que queria visitar e o que era perto de casa. Nesse tempo, continuei tendo problemas com o visto e consulado, com as traduções, com a falta de comunicação e clareza e até uma ameaça de perder o visto. Pensava que tinha que valer muito a pena tudo o que eu estava passando para chegar lá.

Fiquei uma semana começando a fazer as malas, pensando no que levar e no que não levar, no que seria útil e no que seria desperdício. Despedi-me das comidas que eu não teria, das pessoas que não veria e também da ONG, pois apesar de ser internacional, não existe na Romênia. E fui pegar meu longo voo de 28 horas, tendo de atravessar 8 mil quilômetros de distância. Não foi fácil. E digo isso não porque tive dificuldades na hora das despedidas. Minha mãe, inclusive, fica triste quando falo essas coisas, mas eu estava indo atrás do meu sonho, e dar adeus era algo que precisava ser feito. Eu estava preparada, mas...

Tenho um longo histórico de perder voos. Não foi por minha culpa, mas perdi esse e tive de ficar mais um dia no Brasil. A viagem que deveria durar 28 horas acabou aumentando para 42 horas. Tudo certo. Embarquei sem levar nenhuma comida sem glúten, passei mal e fiz a imigração mais rápida da minha vida, até que cheguei a Amsterdam e sentei para pegar o último voo. Ali, naquela sala de espera, deu um clique. Senti que estava fora do meu “habitat natural”. Havia só gente branca no local e eu, negra, numa espera angustiante para tomar um banho e acabar com a maratona de vários dias viajando e dormindo em cadeiras.

Um homem sentou ao meu lado e começou a puxar conversa. Ele perguntou para onde eu iria depois da Romênia, assumindo tratar-se apenas de um ponto de conexão. Respondi que moraria durante seis meses naquele país, o que o deixou chocado. Tanto esse homem como o agente de imigração de Bucareste, capital romena, perguntaram-me o que raios eu iria fazer por lá. Com meu visto, afirmei que o meu objetivo era estudar. “Aqui? Sério?”, retrucou o homem. Desde cedo, percebi que os romenos não tinham lá muita fé no próprio país.

Peguei as minhas malas e fui ao encontro de uma pessoa do *Erasmus* que me aguardava do lado de fora. Era meu primeiro contato com

alguém que, de fato, estava me esperando. Quando a avistei, saí correndo, larguei as malas no chão e a abracei, mas não fui correspondida. Enquanto fechava os olhos, pensava que não estava mais no Brasil, que abraços não eram tão comuns e que as pessoas respeitam o espaço vital dos outros — e, naquele momento, eu estava desrespeitando isso. Ela disse que não gostava de abraços. Pedi desculpas e tentei não tocar mais nela.

Vocês se lembram de que, no início desse relato, falei que meu conselho era para não fazerem intercâmbio? Bom, o começo da resposta está aqui.

## AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O intercâmbio proporciona uma mistura de sentimentos que quase não é possível explicar em palavras. Na verdade, não é mesmo possível, pois vão faltar aquelas que ainda não foram sequer inventadas. Existem a ansiedade e a expectativa, o medo e a coragem, as vontades de desistir e de dominar o mundo; tudo ao mesmo tempo, na mesma pessoa, no mesmo segundo. Eu sentia um medo imenso porque não sabia onde iria morar exatamente, ansiedade para pegar o primeiro ônibus que me levasse ao meu destino e expectativa para conhecer a minha *roommate*.

Conforme a paisagem da cidade tomava forma, eu ficava cada vez mais ansiosa e temerosa. Como não sabia o que esperar, tentava manter as minhas expectativas baixas — para ser sincera, criei poucas, exceto pela minha *roommate*. Ansiava por uma parceira de crimes, uma pessoa divertida. Além de ser muito fácil de lidar, eu nunca fui tímida para fazer novas amizades. Tive uma ótima experiência na Turquia em um outro intercâmbio: a minha *roommate* era incrível e somos amigas até hoje, no caso, uma menina da Indonésia, muçulmana, com direito a *hijab* e várias orações por dia, e eu sou ateísta; mesmo assim, éramos parceiras de crimes. Na Romênia, fui colocada em um quarto com duas chinesas que já se conheciam e que estavam morando juntas há semanas, portanto tinham uma rotina. Resultado? Elas me expulsaram do quarto no meu primeiro dia.

Aquele foi o meu momento de querer chorar e desistir. Normalmente, não divido quartos com ninguém. Por isso, coloquei como meta aprender a dividir as coisas. Confesso que já esperava ter um choque,

mas ser expulsa, nunca! Nunca fui sequer expulsa de nada. Falei com o coordenador do dormitório, que garantiu resolver o problema. Então, fui à universidade pela primeira vez. Decidi ir andando porque, além de a instituição ficar próxima, eu queria ver gente, respirar ar puro, ver cores, cumprimentar as pessoas e dar sorrisos – dei vários, aliás, mas nenhum foi correspondido. Comecei a achar que elas não sabiam ser educadas. Sério, retribuir um sorriso não dói.

De longe, reconheci o prédio da Școala Națională de Studii Politice și Administrative, em Bucareste. Senti que estava em um ambiente seguro, novo e que seria minha nova casa. Fui andando pela entrada, subi as escadas, empurrei as portas e quando pedi ajuda a um dos guardas já tive um choque porque eles só falavam em romeno e eu nem o idioma sabia ainda. Conheci a coordenadora do *Erasmus*, com quem falei várias vezes por e-mail. Gostaria de agradecê-la por ter sido a pessoa mais doce que eu conheci naquele dia. Além de ter explicado tudo, ela me mostrou a universidade inteira, um prédio de oito andares com elevadores que de tão lentos sempre me faziam optar pelas escadas.

Na ocasião, escolhi minhas disciplinas novamente. Então, decidi voltar para o dormitório porque precisava resolver a situação do quarto. No final das contas, acabei sendo realocada para um quarto “intercontinental”, dividindo o espaço com uma nigeriana e uma coreana, que me receberam superbem. Como não havia um lugar para guardar minhas roupas, elas ficaram durante três meses embaixo da cama. As duas malas ficavam abertas, de modo que eu sempre as puxava como se fossem gavetas. Se eu me importei? Sim. Reclamei? Não. Afinal, eu estava feliz por ser bem acolhida.

## **EXPECTATIVAS NÃO CRIADAS, MAS COM RESULTADOS**

Após tomar um banho e vestir uma calça, uma blusa e um moletom, fui para o meu primeiro dia de aula. Lembro-me de ter me sentido um peixe fora d’água: pessoas com botas de couro, roupas de pele falsa, plumas, cores e maquiagens; tudo o que eu não sou e nem gosto. Sentei no meio da sala e me apresentei. Na hora, fiquei constrangida, parecia que estava sendo acuada por vinte romenos dispostos a me comer viva. Enquanto isso, a professora me incentivava a falar mais. Aliás, ela me incentivou durante todo o semestre. Nas duas aulas que tive com essa

professora, ela foi minha advogada, quando os alunos atacavam a América Latina, e também minha médica, quando caí e abri o joelho a caminho de sua aula. Nesse dia, mesmo sangrando e com dor, apresentei meu primeiro artigo em inglês e fui superelogiada.

Antes de viajar, eu já tinha na cabeça a ideia de como seria o intercâmbio: fazer amigos rapidamente, aprender o idioma, conhecer muitas coisas no primeiro mês e fazer tudo o que estava escrito na minha *to do list*. Entretanto, a realidade me deu um baque. Não fiz amigos; conheci romenos nas aulas, mas eles não tinham interesse em me conhecer. Quanto ao idioma, eu conseguia entender, porém travava na hora de falar. Fiquei enclausurada por um tempo e cheguei a me sentir perdida, mas não falei nada para ninguém. Vivia dormindo, mal comia e me preocupava com dinheiro. Dessa forma, acabei emagrecendo muito no primeiro mês.

A situação só melhorou quando uma brasileira que eu havia conhecido pela internet disse que estaria na cidade e nós marcamos de sair. Nesse dia, tomei coragem e convidei dois colegas do *Erasmus*, uma alemã e um mexicano, para irem com a gente. Foi um dos meus melhores dias. Conheci várias coisas que eu nem sabia que existiam na cidade, tomei o açai que vendem na Romênia, conversei, ri e criei laços assistindo ao pôr do sol mais lindo que já vi na vida, acompanhada desses dois intercambistas por quem tenho um carinho imenso.

Depois disso, entendi a razão de não estar fazendo amigos: eu estava sempre de cara fechada, com medo de fazer ou dizer algo, enfim não estava sendo eu mesma. Nas aulas, passei a falar mais, a expor meus sentimentos e pensamentos; assim, comecei a ser ouvida, questionada e ainda mais incentivada. Eu precisava de incentivo e ele me foi dado por colegas do *Erasmus* e também pelos professores. Confesso que ainda esperava fazer amizade com os romenos, mas ela não aconteceu e isso parou de me frustrar porque eu percebi que meu plano, minha *to do list*, era algo muito idealizado e que ali, naquele momento, tratava-se da vida real. Fui convidada para escrever artigos, falar sobre política e viajar.

## **VIAGENS, PRA QUE TE QUERO?**

Ah, viajar... Um dia, uma colega me mandou mensagem falando que

ela e outras pessoas iriam viajar de carro e que uma pessoa havia cancelado, tendo sobrado uma vaga para mim. Fiquei triste com o fato de elas não terem pensado em mim antes, mas, sinceramente, eu nem tinha feito por onde ser a primeira opção e fiquei alegre por ser considerada. São sentimentos conflitantes, desiguais e complexos. Em menos de um minuto, senti todos eles. Mesmo assim, aceitei fazer uma *roadtrip* com três colegas (duas alemãs e uma italiana, todas da mesma universidade que eu) e Ursula, em nosso *Dacia* branco, o carro nacional.

Viajamos por várias cidades e conversamos muito. Foi o meu *bonding time*. Foi ali que fiz amizades puras e verdadeiras, em uma viagem regada a muito vinho e risadas, montanhas e animais silvestres, buracos na estrada e óculos quebrados. Nesse intercâmbio, viajei muito. Demorei a começar, mas quando comecei só parei na hora de voltar para casa. Minha mãe sempre mandava mensagem perguntando onde eu estava, e eu só respondia que estava no trem, no ônibus, no carro ou indo pegar o avião. Queria aproveitar o tempo de estada na Europa para fazer viagens rápidas, já que tudo é tão perto por lá.

Viajei sozinha quando ninguém queria ir comigo, aventurei-me em países que não falavam sequer inglês e descobri que o *Google Tradutor offline* é o melhor aplicativo que se pode ter; além disso, peguei trens para várias cidades, conheci romenos que me abrigaram por uma noite e que compartilharam comigo sua vida e histórias. Ao passo que meu intercâmbio demorou a começar, quando começou, ele correu tão rápido que só penso que não foram dias suficientes e que todos os dias da minha vida também não seriam suficientes.

## **A VIDA UNIVERSITÁRIA DE UMA INTERCAMBISTA**

Minha vida acadêmica foi melhor do que planejada. Escolhi disciplinas com base nos horários que queria estudar. Em *Ajuda Humanitária e Intervenções*, aprendi que existem mais formas de intervir e ajudar do que a gente normalmente pensa e que o fato de não serem famosas não as torna menos interessantes ou válidas; aprendi também que se todo mundo faz uma parte, dando o seu melhor, isso já é a melhor ajuda possível. Estudei sobre os *Sistemas Políticos da América Latina* e entendi que, apesar de latina, mal sei a história do meu país, quanto mais do continente. Enquanto meus colegas de classe queriam me usar como se

eu fosse o *Google*, tive de voltar ao básico para entender o que estava acontecendo no nosso continente.

Visitei museus nas aulas de *Romeno* e aprendi que apenas a sala de aula não é suficiente para se aprender; já nas de *Ética nas Relações Internacionais*, aprendi a conter as lágrimas quando o assunto era sobre racismo e privilégios. Recebi muito apoio das minhas amigas e dos professores quando as aulas tendiam para lados mais acusativos e violentos. Lá, as pessoas não têm medo de falar o que pensam, de contestar o professor ou de sair da sala caso não concordem com algo. Sinto falta dessa vivacidade, de discordar de verdade e poder demonstrar isso sem medo de ter uma nota baixa ou uma reprovação. Tirei várias notas dez e naquele semestre passei mais tempo escrevendo, lendo e debatendo nas bibliotecas e nos cafés do que em todo o meu curso no Brasil. E mais do que aprender apenas temas pertinentes, eu aprendi a ser uma estudante diferente.

Novas versões de mim nasceram lá: uma acadêmica e outra humana.

### **AFINAL, FAZER OU NÃO UM INTERCÂMBIO?**

Eu vi que o mundo é muito maior do que haviam me ensinado, que os meus problemas eram menores do que eu pensava, que era possível sobreviver sem geladeira como eu sobrevivi, que comer carne todo dia era desnecessário e não fazia falta, que eu mudei tanto que nem sabia o motivo de fazer tudo de uma forma tão diferente. A propósito, o óbvio para mim não era o óbvio para eles, e isso foi algo que me trouxe muito aprendizado. Conheci uma nova cultura, bem diferente da minha e que me ensinou tanto, que me fez ter vergonha quando eu não deveria e que me fez transbordar quando eu não poderia. Vi que precisava fazer mais pelo mundo e pelas pessoas, e fiquei triste de pensar que nunca seria capaz de fazer o suficiente para trazer alegria a todas elas. Apesar disso, disse para mim mesma que tentaria ao máximo impactar a vida das pessoas para que elas possam impactar a de outras.

As coisas simples, como aprender um caminho sem recorrer ao *Google Maps*, saber o que está escrito na embalagem do produto, pedir comida sem precisar do *Google Tradutor* ou da ajuda de alguém, foram fundamentais e me traziam uma alegria imensa. Lembro-me da primeira vez em que não precisei do *Google Maps* para algo e de como eu

contei para todo mundo que já sabia andar pela cidade sem precisar olhar a cada cinco minutos qual o número do ônibus que deveria pegar. Deitar na cama que foi minha durante cinco meses, com um banheiro bagunçado que me dava um estresse imenso, mas que me fez aprender algo importante: é preciso compartilhar; não discutir, conversar e achar um termo bom para todos. Aprendi a não verbalizar tudo o que eu queria porque, às vezes, apenas ações são suficientes.

Aprendi a ser a estranha do local, a que todos olhavam e pediam para fazer fotos ou mesmo tocar os cabelos, já que para eles não era comum ver uma pessoa negra. Aprendi a respeitar as reservas deles com pessoas de fora, sem julgar previamente. Aprendi a escutar e aceitar, discutir, contornar e ensinar. E o mais importante: aprendi a aprender. Quando não me lembrava das palavras em português, cheguei a me desesperar. Nunca pensei que diria isso, mas eu não senti falta. Amei não precisar do meu idioma por cinco meses. Um ambiente multicultural era o que eu mais queria e, naquele momento, era tudo o que eu tinha. Um ambiente com vários certos e errados, várias dúvidas e muitas certezas de que, de alguma forma, todo mundo estava certo.

Fiquei desesperada todas as vezes em que pensei estar acabando. E o mesmo me ocorreu quando passei o Natal e Ano Novo sem minha família, algo que para mim era diferente. Na época, recebi vários convites, inclusive, de professores e colegas romenos que mal me conheciam porque não queriam que eu não tivesse um ambiente familiar para passar o Natal, o que me deixou muito feliz. Agora, começo a escrever com os olhos cheios de lágrimas por ter recebido convites que nunca pensei que receberia. Apesar de não conversarem muito comigo em sala de aula, eles se importaram. Diferenças culturais que existem e até hoje descubro, afinal de contas, que demonstrar emoções e sentimentos é muito natural do povo brasileiro, mas não deles. Quando janeiro começou e as aulas voltaram, eu sabia que faltava pouco, que iria acabar e que ainda faltavam tantas coisas para fazer, ver, comer, beber, provar e conhecer, tanta gente que eu precisava conhecer.

Em poucos dias, Bucareste tornou-se minha casa e ainda é até hoje. Lá, fiz amigos, pessoas que eu quis conquistar, pessoas que eu poderia nunca ter conhecido, mas conheci; pessoas que, por causa do destino, também foram para a Romênia ou mesmo nasceram no país; pessoas

que, quando tenho saudade, envio uma mensagem, mando fotos ou áudios; pessoas que falam “Nossa! Que falta que você faz aqui!”; pessoas que me incentivaram a ser melhor, a não reclamar e a aceitar de bom grado, a falar quando gosto e também quando não gosto, a respeitar o espaço dos outros e a respeitosa e pedir respeito.

O meu eu foi dividido entre um antes e um depois, que tentam se encaixar perfeitamente o tempo todo. Mesmo sendo difícil, essa é quem eu sou agora: filha de duas pátrias, filha de duas cidades, cidadã do mundo. A música que fala sobre a metamorfose ambulante nunca fez tanto sentido na minha vida, pois é apenas isso que quero ser o tempo inteiro.

Se depois de tudo isso que você leu – esse turbilhão de sentimentos e acontecimentos –, você sente um friozinho na barriga e não medo pelo que pode estar por vir do lado de lá, então faça um intercâmbio! Renasça em si mesmo. Renasça o tempo todo. Tenha orgulho dos seus acertos e, mais ainda, dos seus tropeços. Tenha orgulho de quem você é e, mais ainda, de quem você se tornou e vai continuar se tornando. Eu renascia toda vez que voltava de uma viagem e ia para casa. Sentia-me orgulhosa de dizer “Estou indo para casa”, e quando me perguntavam se estava retornando ao Brasil, respondia: “Não, estou indo para Bucareste”.

Ao chegar à cidade, senti-me como uma recém-nascida, sem saber falar ou andar. Com o passar dos meses, cresci e me descobri. Eu renasci quando, após uma longa viagem, uma colega alemã foi ao aeroporto só para me receber e dizer “bem-vinda de volta”; renasci quando a abracei e senti o quão feliz e cheia de amor ela estava em me rever. Penso muito no que poderia ser da minha vida sem ter tido essa experiência. Muita gente falava que se tratava de uma perda de tempo, perda de um semestre letivo e, sim, foi uma perda, mas de medo, vergonha, preconceito e de apego material. O intercâmbio me trouxe confiança.

É preciso coragem e gosto pela adrenalina, pois se não for dessa forma, você não terá a melhor experiência que poderia ter em sua vida. Não importa o lugar, nem como e nem quando, quem faz a experiência é você! Ou melhor, você, sua vontade e seu esforço.

**Faça intercâmbio!**

## **CAPÍTULO XIII**

### **A EXPERIÊNCIA DE OLGA DA GAMA DIAS**

#### **DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL**

#### **O MERGULHO EM TERRAS LUSAS**

É um grande privilégio e grande oportunidade expressar nestas linhas a incrível experiência que vivi entre os meses de janeiro a julho de 2019, aliás, esta experiência tem início bem antes desse período.

Em 1933, nascia Aluizia Pereira de Alexandria, minha avó paterna. Nordestina, da terra natal de José Lins do Rego, estimado escritor paraibano. Naquela época, não se podia, na realidade que minha avó vivia, sequer se imaginar usufruindo do direito à educação. Em suas histórias, minha avó, não raro, expõe aos seus netos, e com orgulho, o quanto trabalhou na “terra” e, mesmo sem ter tido a oportunidade de ir à escola, o quanto aprendeu e foi feliz. E é feliz, apesar dos tempos difíceis que percorreu.

Mulher, jovem, nordestina, paraibana, pessoense. Lá estava eu. Dois mil e dezenove. Entrando em um avião, existindo no meu sonho de descobrir um outro mundo, outras histórias, outra cultura. Era eu indo para a Universidade de Coimbra, uma das mais prestigiadas da Europa, a mais antiga de Portugal. Vivendo a oportunidade de percorrer pelos corredores em que José Bonifácio de Andrada e Silva, Eça de Queiroz, Luiz Vaz de Camões, Gregório de Matos e mais uma infinidade de ilustres percorreram. O que eu ainda não imaginava era que eu ia viver o maior redescobrir sobre mim mesma.

Eu via a maior oportunidade da minha vida na minha frente, fui

contemplada através do edital do Programa de Mobilidade Internacional (Promin) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na sua primeira edição, sendo esta a cota de 2018, para viver um intercâmbio em uma das universidades conveniadas. Escolhi a Universidade de Coimbra, na cidade dos doutores, dos amores, dos clichês. Em que as paredes exalam tradição e grandiosidade. Ali se iniciava um novo ciclo na minha vida, era a página em branco de muitas cores e tantas histórias.

Compartilho então, a partir destas linhas, minha experiência particular no velho mundo, mas que era tão novo para mim. Posso de antemão afirmar a magnitude desta vivência no meu ser, evidenciando a palavra trajetória como símbolo de uma construção linear da minha nova realidade.

## **O SABOR DA TRAJETÓRIA**

Estudante do curso de Direito, bacharelada pelo campus III da UEPB, eu saía da cidade de Guarabira, lugar que sempre foi para mim de demasiados desafios, com o pensamento de que tudo até o momento da minha seleção tinha sido uma grande construção. O processo seletivo do Promin foi anunciado no mês de abril e ao analisar o edital pude ver, mais que nunca, a importância do planejamento e da disciplina para determinado fim.

A mobilidade acadêmica começou para mim ali, na seleção, no momento em que eu finalmente resolvi enfrentar o que eu imaginava ser impossível, pois me parecia a realidade mais distante. Não eram só os seis mil quilômetros que separam a Paraíba de Coimbra (pois eu já sabia que era lá que eu queria estar), mas era a distância entre mim e a autoconfiança.

Eu cresci escutando que meu futuro depende de mim, a gente sabe disso. A gente sabe que o foco e a determinação são fatores imprescindíveis. Mas o medo, o medo convive conosco silenciosamente, nas escuras minúcias. Eu não percebia isso até me encontrar diante daquela página de inscrição.

Qual o meu limite? Eu nem tinha fé o suficiente para acreditar na seleção. Foi o primeiro choque para a minha transformação. Eu cresci no mês de maio de dois mil e dezoito mais que eu posso dimensionar.

Neste sentido, convido e encorajo a todos que, assim como eu,

possuem alguns discretos e silenciosos medos, a acreditarem cada vez mais que os esforços e o planejamento nunca são em vão e que por mais que certa meta não chegue em determinado tempo, ela chegará.

Hoje olho para trás e vejo o grande quebra-cabeça que é a vida. Meu coração se enche de gratidão por todos os conselhos que ouvi dos meus pais, dos meus professores, dos meus amigos. Pelos erros e acertos que vivi na graduação, sendo estes de grande valia para eu me tornar capaz de alcançar a tão sonhada mobilidade acadêmica. A todos os estudantes: mantenham os seus sonhos, tornem a perspectiva da caminhada mais firme, pois apesar das usuais dificuldades, é incrível ver de perto tudo aquilo que os livros nos mostraram.

## **A CHEGADA À CIDADE DOS DOUTORES**

Finalmente cheguei a Coimbra, 31 de janeiro de 2019. Por sorte, fui recepcionada pelos estudantes da UEPB que também tinham sido contemplados pelo Promin. No entanto, eu estava a chegar e eles, por sua vez, nos preparativos para o regresso ao Brasil.

Foi um encontro necessário. Eram cinco estudantes, todos muito unidos. Ali eu via uma grande família formada pelo laço do afeto. Fui acolhida por eles e me senti em casa. Sabia que estava do outro lado do oceano, mas não sozinha.

O tempo que passamos juntos foi o suficiente para cada um deixar comigo um pouquinho dos seus olhares sobre aquela cidade que tanto amava. Aprendi com eles os melhores e mais satisfatórios caminhos, conheci a Universidade de Coimbra, percorri as margens do rio Mondego, fiz então os primeiros contatos que a mobilidade estudantil, como consequência, nos traz.

Eles, então, cumpriram com excelência o pronto auxílio ao me receberem, mas, poucos dias depois, a minha caminhada se iniciaria sozinha.

## **O DESBRAVAR PELO CURSO DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Relatar os estudos jurídicos na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra carrega em si a grande carga e responsabilidade pelo que a mesma reluz. A Universidade de Coimbra foi fundada durante o

reinado de Dom Dinis, situando-se entre 1288 e 1290.

Os cursos jurídicos desde os primórdios sempre ocuparam, nas palavras do Doutor Professor e Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Rui Manuel de Figueiredo Marcos, uma posição cimeira no Estudo Geral, pois estes cursos eram os que reuniam maior número de alunos. Por esta razão, o olhar dado à Faculdade de Direito desta universidade por toda a comunidade acadêmica é de respeito e admiração.

Não há quem não se deslumbre com a elegância dos prédios que a compõem. Além de tudo, quem a visita pode logo notar as famigeradas escadas monumentais que dão acesso à Alta de Coimbra, região onde se localiza a Universidade. As monumentais em seus 125 degraus nos dão as boas-vindas ao mundo acadêmico que logo ali em cima existe.

A tradicional Faculdade de Direito ressoa e impacta a cidade inteira. Nos arredores da universidade é comum ouvir as badaladas da Cabra, sendo este o nome pelo qual é conhecido o sino do relógio que fica na torre da Universidade, este tem a função de transmitir a informação horária através dos sinais sonoros.

Junto deste particular aspecto da vivência coimbricense, temos os quinze minutos acadêmicos, que também carrega o tradicionalismo das épocas em que se davam quinze minutos a partir do horário das aulas para que os alunos da Baixa de Coimbra conseguissem chegar às salas de aula na Alta de Coimbra.

Como estudante de mobilidade internacional, tive o privilégio de escolher algumas disciplinas para cursá-las durante o período acadêmico. A Universidade de Coimbra é uma universidade pública, no entanto, há o pagamento de propinas, que são as taxas devidas pelos estudantes pelos serviços da UC. Graças ao convênio entre a UC e a UEPB, nós, estudantes de mobilidade desta instituição, estamos dispensados do pagamento dessa taxa.

Meu primeiro mês, então, foi ocupado pela grande missão de encontrar disciplinas para compor o meu cronograma acadêmico. Acabei por optar as disciplinas de História do Direito Luso-Brasileiro e Direito Público Brasileiro.

A disciplina intitulada História do Direito Luso-Brasileiro muito me encantou. Ela é ministrada pelo professor assistente Ibsen Noronha.

Brasiliense, é o primeiro professor brasileiro dos últimos dois séculos. Em sua maestria, nos traz a história do direito na mais pura clareza de informações. Foi essencial para mim assistir àquelas aulas, ver a autenticidade daquele mestre que instigava uma sala repleta de alunos. Foram ensinamentos que me fizeram visualizar este campo do Direito com olhos ainda mais curiosos sobre o porquê da composição das coisas nos dias atuais.

Ainda tive a mais rica oportunidade de participar do grupo de estudos sobre Direito, Arte e Literatura conduzido pelo mesmo professor. Éramos eu e mais quatro alunos, além do Ibsen. Organizamo-nos em seis encontros durante o semestre, ocorridos quinzenalmente. Essa experiência me marcou ao observar o compromisso que o nosso professor dedicava àquele grupo. Não era por certificado, não era por uma remuneração a mais, era por amor ao ensino e ao aprendizado. Ele nos recebeu em sua biblioteca que se localizava ao lado da Sé Velha de Coimbra e se disponibilizou para estar às dez e quinze, nas quartas-feiras, e assim o fez.

Era como um pedacinho da Biblioteca Joanina naquele lugar. As cortinas, o tapete, os quadros e as janelas montavam o cenário do lugar em que cada um podia se expressar livremente sobre as obras analisadas. Não existia certo ou errado. Existiam debates, pontos de vista e o guia de visão dado pelo professor. Eu cresci ali. Nós passamos pelo filme do cineasta italiano Rossellini sobre Agostinho de Hippona, encontramos Rui Barbosa na obra *O Justo e a Justiça Política*, chegamos a *Amor e Morte de Enrico Ferri* e nos refizemos em pensamentos sobre outros temas. Acredito que se existissem mais profissionais com tanta paixão e conhecimento pelo que fazem a disseminação de cultura cresceria em proporções cada vez mais extensas.

A disciplina de Direito Público Luso-Brasileiro foi bastante interessante na comparação entre o Direito Constitucional brasileiro e o português, bem como na análise da organização do Direito Administrativo brasileiro e português. Não deixou de ser uma análise histórica, imprescindível para o conhecimento das atuais organizações. Pude entender o quão irmãs são as nossas nações, como andam juntas e como as influências de um país sobre outro modificam brutalmente a estrutura de organização dos ramos do Direito. Nesta disciplina, atua o professor

Jorge Correia Lima, profissional que demonstra bastante respeito pela nação brasileira e bastante competente sobre a sua responsabilidade de construir uma perspectiva crítica na análise da Constituição Federal do Brasil.

O ensino do curso jurídico de graduação em Coimbra me despertou ainda mais a vontade de entender como se desenvolve o curso de mestrado e doutorado. Talvez, por esse motivo, o círculo de amizades que formei em Coimbra era, em grande parte, composto por mestrandos. Com eles pude aprender quais os primeiros passos para chegar ao mestrado na UC e como eles sentem e percebem o curso. Mas, para entender verdadeiramente a metodologia, resolvi pedir autorização para assistir a uma das aulas de mestrado da disciplina de História do Direito e, para constituir mais um momento de unicidade, o professor desta disciplina é o diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, o Doutor Rui Manoel de Figueiredo Marcos.

Passei esta tarde a assistir às apresentações dos mestrandos e entender como se passa a construção das produções científicas. Por sorte, ganhei das mãos do citado professor o seu livro “A Faculdade de Direito de Coimbra em Retrospectiva”.

## **A CIDADE ACADÊMICA**

Não é difícil em Coimbra encontrar cursos, palestras ou momentos culturais. Fossem oferecidos pela Universidade, fossem oferecidos pela faculdade de Direito, pelas diversas associações que também compõem este universo ou promovidos pelo próprio município, é exorbitante a quantidade de oportunidades para a expansão acadêmica e cultural.

Pude participar, por exemplo, através da Secção de Defesa dos Direitos Humanos da Associação Acadêmica de Coimbra, de uma simulação de uma reunião do conselho da ONU. Momento marcante em que a pauta se cercava na questão da Crise Humanitária na Venezuela. Neste dia, pude aprender mais sobre retórica, conhecimento teórico e planejamento.

Também vivi a felicidade de aprender o básico de um novo idioma. Quem contempla a diversidade da Europa percebe a quantidade de árabes espalhados por todo o continente. Por criação do destino, uma das minhas primeiras amigas em Coimbra foi uma marroquina. Era

incrível perceber como a língua árabe possui uma fonética tão diferente e a repetição das vogais a faz tão única. Além da escrita, em que as letras se dividem em três diferentes formas dependendo das suas posições nas palavras.

No meu penúltimo mês em Coimbra, surgiu a oportunidade de participar de um curso de férias sobre cultura e língua árabe, estava ali a oportunidade de sanar toda a curiosidade e contemplar ainda mais aquela língua. As aulas se passaram então na Casa da Lusofonia, na Universidade de Coimbra. O professor competente se chama Calil Makhoul. Como todo início, as informações chegavam um pouco embaralhadas. Era um alfabeto totalmente diferente do que usualmente estamos a ver. Mas com persistência e dedicação fui memorizando os símbolos e a fonética e fui percebendo a língua como uma expressão artística daquele povo. Possuir um conhecimento mesmo que não tão profundo nos faz não ignorar as particularidades expressas em algum novo lugar. Mais uma vitória.

## **O INTERCÂMBIO CULTURAL**

Bem como os livros me tornaram quem eu sou hoje e me levaram em voos tão altos, as experiências que vivi quando viajei durante o intercâmbio me levaram a quilômetros de onde minha mente outrora esteve.

Viajei para nove países. Tive que aprender bastantes coisas e também perceber algumas que já existiam. Encontrei-me diante de dificuldades nas línguas dos diferentes países, mas percebi como falar pelo menos o bom inglês já resolve muita coisa. Também percebi que aprender as saudações dos locais não cai nada mal.

Fiz questão de visitar em cada cidade que fui as universidades que lá estavam, pois essa coleção me remetia à UEPB e ao quanto eu estava grata por ter sido essa instituição a promotora de tanto conhecimento.

Apreiei obras de arte famosas, conversei com nativos dos países que percorri, analisei o transporte público e como funcionavam tão bem, também encontrei solícitos brasileiros neste mundão, como nós somos.

Vi com meus próprios olhos o que os livros me mostraram. Vivi. E isso ninguém tirará de mim. O mundo que hoje cerca a minha mente se expandiu a cada novo detalhe.

## DE VOLTA AO BRASIL

Posso afirmar, mas sem receio, que os olhos com que vi o nosso país lá fora me encheram de uma nova força. Em certo tempo, passei a pensar o que eu, após essa estadia pelo velho mundo, poderia trazer de novo e de esperança para esta terra *brasilis*.

Eu visualizava nos mapas a riqueza dos países europeus, mas via com olhos ainda mais brilhantes o quanto somos ricos no nosso país. O quanto a educação ainda pode ser transformada, o quanto o pedacinho do que vive em mim pode ser passado para frente.

Congratulo demasiadamente a Coordenadoria de Relações Internacionais da UEPB pelos esforços e dedicação que depositam para o caminhar dos programas de mobilidade e de tantas outras oportunidades proporcionadas, há luta.

O período de mobilidade acadêmica trouxe para mim mais confiança e vontade. Trouxe autoestima para o meu campus. E eu carregarei para sempre comigo a insaciável sede do descobrir, do querer mais, do desbravar. Carrego as histórias de Portugal, o idioma e sotaque dos nativos das terras lusas, o mundo que ali vivi.

E sobre Coimbra... ah, Coimbra! “Uma vez Coimbra para sempre saudade”. Deu-me mais do que eu esperava. Despertou em mim novas paixões, novos sentidos, novas percepções. Coisas que eu não entendia encontrei ali.

Retomando a breve história que contei no início, aquela sobre a minha avó, ela toma sentido quando vemos a evolução que já foi conquistada. Onde estamos e aonde podemos chegar cada vez mais. E diante de todos os versos que poderia aqui citar, deixo aqui o que em intensidade permanece: “Se puder olhar, vê. Se podes ver, repara” José Saramago.

# **CAPÍTULO XIV**

## **A EXPERIÊNCIA DE YOSEPH EMANUEL DOS SANTOS VAZ**

### **DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL**

#### **PORTUGAL DE SAUDADES: RELATOS DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO “JURÍDICO” NAS TERRAS DE CAMÕES**

##### **INÍCIO**

Participar de um intercâmbio era um sonho antigo. A satisfação de realizá-lo transcende até o seu momento, e remete a fases anteriores à sua concretização. Fui intercambista da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) entre os meses de setembro e janeiro de 2018 e 2019. Com uma bolsa de estudos, advinda de uma parceria entre o Banco Santander, a Scuderia Ferrari de Fórmula 1, e a própria Universidade, recebi um apoio fundamental para o mantimento próprio e maior aproveitamento, por consequência, também, dessa experiência de troca.

Intercâmbio é, literalmente, “trocar” – do inglês, “Exchange”. Mas é trocar mais do que relações ligeiras entre povos, ou mesmo serviços turísticos por dinheiro, injetando valores na economia. O fazer do intercâmbio conectou jovens voluntários nos pós-guerras do século passado aos habitantes ajudados (soldados e civis) de outras localidades; e em outras comunidades, identificaram seus anseios, vontades, frustrações e sonhos, ainda que em outras pessoas completamente diferentes, em lugares muito distantes, e em realidades por vezes opostas. Daí nasceram as primeiras experiências e programas de intercâmbio, sendo

impulsionados, depois, por entidades não-governamentais, como a Cruz Vermelha Internacional, e logo após, por entidades educativas norte-americanas (Universidades e *High Schools*).

Identificar-se e ser identificado é, sem dúvidas, para mim também o centro dessa experiência. Estive em Portugal, naqueles meses que mencionei, e cursei um período de “extensão” (prefiro assim nomear) na secular Universidade de Coimbra, um dos símbolos maiores do desenvolvimento jurídico na Europa. Lá, pude vivenciar momentos que jamais esquecerei, e que me fizeram formar um sustentáculo fundamental para a compreensão/cognição em aprimoramento de pessoa (sujeito cognoscente e inter-relacional) do mundo, e também, embora menos importante, enquanto melhor profissional. Momentos que passo agora a relatar.

## **SELEÇÃO E PREPARATIVOS**

Estava no primeiro período da graduação em Direito, na Universidade Estadual da Paraíba, quando, num dia muito agradável, embora um pouco nublado, mas, portanto, “mais frio” numa região que é caracteristicamente muito quente – onde fica localizado nosso Campus III da UEPB, no agreste paraibano, na cidade de Guarabira –, passava naquele dia pelas salas de aula um grupo denominado “Caravana CORI”, o “CORI” se referia à Coordenadoria de Relações Internacionais da nossa Instituição de Ensino (que eu nem sabia que existia), promovendo e informando aos estudantes sobre os programas de intercâmbio e como alcançar as bolsas de estudo decorrentes deles. Uma aluna, que estudara no nosso Campus, no mesmo curso, mas havia transferido para o curso de Direito do Campus I (provavelmente por estar esse outro curso localizado em sua cidade natal) era um dos exemplos mais próximos de aluno intercambista que tínhamos, e falou a respeito para os alunos do primeiro período naquele dia. Maria Luíza, a aluna, exemplar, havia dito que “construa seus planos e comece agora, o primeiro período é o mais importante numa carreira acadêmica”. E foi seguindo esse conselho que busquei alguns objetivos, tendo como principal, o intercâmbio.

Em 2017, a nossa Universidade havia enfrentado uma greve de aulas por causa de manifestação advinda dos professores e técnicos. Ficou cerca de 4 meses parada. Este tempo coincidiu com o prazo referente

às inscrições para o principal programa de bolsas da UEPB na época, o programa “Bolsas Ibero-Americanas”, também em parceria com o Banco Santander. Ocorre que um dos pré-requisitos para participação nesse processo de seleção de bolsistas era justamente ter concluído o 3º semestre do curso (para cursos com 10 semestres, como era o meu caso), e, portanto, por causa da ausência de atividades na universidade, não consegui preencher todos os pré-requisitos.

Nesse entretanto (do prazo de inscrição), busquei informações com a CORI para saber se, nesse momento excepcional (de greve), eu poderia me inscrever e concluir o semestre assim que retornassem as aulas. Em resposta, embora não pudesse, pois infelizmente o regulamento era claro quanto a este pré-requisito, e não previa exceções, a CORI noticiou que não desanimasse, pois naquele mesmo ano, haveria um outro programa, de parceria recém-firmada entre a universidade e o banco.

Durante o segundo semestre do ano, e com a volta das aulas, foi lançado o programa “Fórmula Santander”, aquele da parceria entre a universidade, o banco, e a escuderia Ferrari da Fórmula 1, que além de uma quantia um pouco melhor para o custeio do semestre de intercâmbio, oferecia maior disponibilidade de países a escolher como destino, e uma viagem sem custos para conhecer o treino do grande prêmio do Brasil, no autódromo de Interlagos, numa visita privilegiada ao evento. Provisão divina, é claro.

Particpei da seleção com número recorde de alunos inscritos à época, segundo a Coordenadoria, e embora havendo muitos excelentes estudantes, consegui sair satisfatoriamente com a tão desejada bolsa de estudos. Agora, era arrumar malas.

No mês de novembro, estávamos em São Paulo, “na corrida”, e conhecer outros estudantes com sonhos similares e cheios de vontade e esperanças, sem dúvidas, foi motivação “extra” (se é que precisasse disso) para encarar não só a experiência de morar fora em breve, mas vendo nos olhos do outro anseios iguais aos seus, há uma conexão empática gerada, que conforta, é claro, e motiva a seguir em frente. Além disso, a experiência também trouxe a oportunidade de conhecer a equipe da Coordenadoria e o Reitor de nossa Universidade. Tudo fantástico.

Apenas em 2018, concretizei a viagem principal. Isso porque precisei

organizar pessoalmente outros objetivos para, então, partir e participar unicamente focado no que estava por vir. No final do mês de agosto, embarquei para as terras lusitanas.

## **PRIMEIROS DIAS LUSITANOS**

As primeiras semanas foram de planejamento, pesquisa por moradia, inscrição na universidade, recepção enquanto aluno, formação de novas amizades, e uma curiosa surpresa: a Europa também é bastante quente numa parte do ano!

As aulas na Faculdade de Direito começaram apenas na metade de setembro, e isso deu um tempo de organização, adaptação e planejamento, mais que necessário para sentir-se em Portugal como em casa. Ou melhor, numa segunda casa, a que sempre remete saudades.

No início das aulas, fiz muitas amizades com os próprios estudantes portugueses e outros europeus ou brasileiros que lá cursavam sua completa graduação. Foi muito interessante observar seus costumes acadêmicos e levar lições disso.

Para começar, as Universidades em Portugal (ao menos as mais tradicionais) conservam a tradição de vestir seus alunos com capas pretas. Esse costume remete a um tempo (na idade média) em que, entre estudantes de diferentes classes sociais, a diferença era muito notória, pois as vestes divergiam muito; para acabar com essa discrepância dentro do ambiente acadêmico, onde todos deveriam ser iguais, as universidades passaram a adotar uma veste igual para todos. A Universidade de Coimbra é uma das quais mais leva a sério a tradição, e nos primeiros dias de aula (bem como nos dias festivos) só se vê alunos “trajados” – como eles dizem.

Mas, na verdade, os alunos do “primeiro ano” (lá, não se divide em semestres, mas em anos, como já se fez no Brasil até pouco tempo) não vestem o traje, isso porque participam da “praxe”, que é o nome utilizado para denominar aquilo que conhecemos como “trote”, característico festejo de recepção a alunos novatos. Mas há uma diferença significativa: o “trote” lá, ou a “praxe” não compreende só um dia, ou alguns dias, mas **TODO** o primeiro ano. São eventos promovidos pelos alunos mais velhos, associações estudantis, grêmios universitários, ou mesmo pela universidade, para imersão do aluno no ambiente, formação de novas

amizades e fomento do espírito universitário. Esse “trote prolongado” tem início com a “Festa das Latas” (ou “Latada”), típico festejo de uma semana, reservada institucionalmente a isso, para que se comemore tradicionalmente o início do ano acadêmico. No final do ano letivo, os estudantes novatos, agora “praxados”, poderão vestir o traje típico, durante a principal festa da Universidade de Coimbra, a “Queima das Fitas”, de onde há também a formação dos estudantes concluintes. Ambas as festas se iniciam com um concerto de Fado Coimbreense, música popular portuguesa e marca histórica da cidade universitária de Coimbra, de onde saem grupos de fados dos próprios estudantes. As apresentações de fado são um espetáculo a se vivenciar e não mais esquecer.

Aqui um pequeno acréscimo: há uma peculiaridade inerente à Faculdade de Direito. É que, pelo tamanho (quantidade de alunos) e tradição, ao contrário do que ocorre nos outros cursos, em que os estudantes novatos são “praxados” pelos mais antigos, na escola jurídica há diversos grupos, que se assemelham às “irmandades” das faculdades americanas, denominadas em Portugal de “Tertúlias”. Essas, por sua vez, é que selecionam os estudantes do primeiro ano, que assim participam de “cerimônias de admissão” (em grande parte, festejos e aprendizados sobre história estudantil), e conseqüentemente das atividades de “praxe” ao longo do ano. Há Tertúlias masculinas e femininas.

A minha Tertúlia foi a dos “Tritões”, embora seja raro alunos de intercâmbio participarem ou serem convidados. E foi uma experiência excepcional, de completa imersão na cultura estudantil coimbreense, que reflete um sentimento universitário muito característico e arraigado à instituição e suas tradições; além de ter formado boas amizades que trago até hoje, mesmo em distância. O nome da Tertúlia, por curiosidade, é em remissão a um antigo e popular jardim da cidade, o Jardim da Sereia. Há também uma Tertúlia feminina irmã denominada “Sereias”, justamente em respectiva alusão. Os “tritões” e as “sereias” são as únicas “tertúlias irmãs” da Faculdade.

Após, portanto, os festejos de início, o ano letivo (já iniciado) ganha mais impulso, e tem seu ritmo, na Faculdade de Direito, no rigor que demanda uma das maiores faculdades do mundo: acelerado. Os conteúdos são lecionados em dois tipos de aula por disciplina. Há aulas “teóricas” e “práticas” para cada uma das disciplinas da “FDUC”. Acontece

que, nas aulas teóricas, um professor da casa, mais antigo, com maior tempo de dedicação, leciona. Em grande parte, são professores que aqui conhecemos como “titulares”, mas disso posso explicar mais à frente... já nas aulas práticas, lecionam professores mais novatos, em regra alunos que estão no Doutorado e iniciando a carreira do magistério. As aulas práticas servem, para além das disciplinas que comportam prática processual, para a realização de revisões dos conteúdos propostos na aula “principal” (que é a teórica), além da adição de alguns apontamentos complementares ao estudo da disciplina por inteiro.

Essa atenção em favorecer um aprendizado completo é acompanhada da mais estrita pontualidade nas aulas, chegando a ter institucionalizado um “atraso”, portanto regulamentado. O “atraso” funciona da seguinte maneira: há 15 minutos entre o horário marcado para a aula e seu efetivo início, de modo que pela manhã a aula é marcada em horas “fechadas” (exemplo: a aula está marcada para as 10:00hs, mas tem início certo às 10:15hs), já pela tarde, sempre marcadas numa hora e um quarto, só tendo início também 15 minutos depois (exemplo: aula marcada às 14:15hs, que tem início às 14:30). Esse “atraso” regramentado serve justamente para um pequeno intervalo, no qual os alunos podem fazer um lanche rápido ou irem ao banheiro, e estarem na sala antes de o professor entrar e fechar a porta para o início da lição.

A estrutura da faculdade é dotada de todos os suportes necessários a uma graduação jurídica de altíssima qualidade. Acompanhada dos prédios históricos como a Biblioteca Joanina, o antigo Palácio Real português (onde fica a própria FDUC), e a Capela de São Miguel, a Faculdade de Direito dota de salas próprias (em 2 anexos, quais sejam o prédio principal e o “Palácio dos Melos”) para todos os “ciclos” de ensino, ou seja, graduação (lá é chamada de licenciatura), mestrado, e doutorado em direito, estando oferecidas diversas áreas de pesquisa nas pós-graduações. Comporta ainda uma vasta biblioteca, com mais de 20 mil exemplares, dos quais ostentam orgulhosamente obras icônicas e referenciais da história da ciência jurídica, como a própria *Digesta Justiniana*, e a obra de Kelsen, Kant, Jhering e outros autores paradigmáticos. Possui também uma sala denominada “Sala das Revistas”, onde além de servir de ambiente tranquilo para um estudo concentrado, reúne exemplares semanalmente atualizados das principais revistas jurídicas

especializadas de Universidades do mundo inteiro. É fantástico.

Ainda sobre a estrutura, a biblioteca comporta uma sala onde se consulta o exemplar em computadores, e se faz o pedido para empréstimo do livro (não se pega o livro diretamente, um funcionário o buscará num acervo fechado, protegido para conservação das obras), e uma outra sala de leitura rápida (denominada mesmo “Sala de Leitura”), onde se pega um livro para ler ali e devolver ao final da leitura (ou um empréstimo rápido de apenas um dia, geralmente para cópia de parte da obra).

Há também um prédio recém-reformado apenas para receber eventos jurídicos e servir para as áreas de pesquisa das pós-graduações, denominado de “Casa da Jurisprudência”. A estrutura é fenomenal, e tive a oportunidade de participar de um evento com um dos maiores juristas filósofos da atualidade neste local, o professor “Manuel Atienza”, da Universidade de Alicante-ESP. Essa casa e os eventos jurídicos são todos mantidos sob a coordenação do “Instituto Jurídico”, órgão máximo de pesquisa científica, que reúne caixa própria e estrutura para o fomento da criação científica autêntica da FDUC, congregando várias revistas jurídicas especializadas. O cuidado e a importância recebidos mostram o quanto é levado a sério um estudo de alto nível. Há ainda um moderno auditório, no prédio da Faculdade, com capacidade para quase 500 pessoas, que recebe também os grandes eventos jurídicos.

Os professores da Faculdade são, em sua maioria, ex-alunos. Isso por que Coimbra é uma Escola por tradição. Significa que seu legado acadêmico é tão grande e numeroso em produção própria que se mantém por si; Coimbra é autossuficiente. Os alunos, que desejam ensinar, formam-se e mantêm-se (em maioria) na Faculdade, são contratados e iniciam como professores assistentes ou auxiliares (aqueles das aulas práticas). A jornada de um professor de Coimbra é: professor assistente, auxiliar, professor associado (estes geralmente possuem a coordenação de uma disciplina. São professores com maior tempo e dedicação àquela área que resolveram lecionar), professor associado com agregação, e professor catedrático, que é o topo da carreira (chamado tradicionalmente de “lente”). Há ainda o professor convidado (pesquisadores estrangeiros ou de outras universidades portuguesas que desenvolvem junto à FDUC e colaboram ligeiramente) e o “professor jubilado”, que

é o professor aposentado.

## **ROTINA DE ESTUDOS**

Antes mesmo de viajar, é necessário que o aluno faça uma espécie de “pré-matrícula” no sistema da instituição intercambista, compartilhada com a instituição de origem (de supervisão da CORI), pois será o plano de estudos.

No meu caso, havia concluído o 5º semestre do curso jurídico – a bem da verdade, por planejamento pessoal, este foi o espaço de tempo mais adequado para realizar o intercâmbio; importa lembrar que o aluno geralmente dispõe de 2 a 3 meses subsequentes à seleção, a depender do programa, para participar do semestre estrangeiro. Esse raciocínio é fundamental para que se aproveite ao máximo durante seu intercâmbio, e concilie da melhor maneira a carga horária que será aproveitada (ou os projetos desenvolvidos) na sua grade de horas brasileira.

É bom salientar que, no caso do curso de Direito, embora a maioria das disciplinas sejam muito similares ou mesmo idênticas (embora com cargas horárias maiores devido ao somatório de aulas teóricas e práticas) às brasileiras (e aos Planos de Curso da UEPB – Guarabira e Campina Grande), é importante que o aluno saiba escolher com sabedoria quais disciplinas alocar, é claro, sempre diante do que pretende. No meu exemplo, preferi selecionar quatro disciplinas, que foram: Direito Romano, por interesse complementar em formar uma base de conhecimentos de Direito Privado mais sólida (o Direito Romano está refletido inteiramente na doutrina e nos códigos brasileiros, bem como por todo o ocidente), bem como pelo fato de que é uma disciplina básica lá e faz parte da carga horária obrigatória do 1º ano, portanto de muita importância e atenção pedagógica; Direito Processual Civil I, pelo fato de poder dispensá-la no Brasil, e já aproveitar assim horas/aulas descontadas, bem como obter uma base de Direito comparado importante para reflexões acerca das mudanças recentes em nosso ordenamento processual. Embora muito semelhante, o Processo Civil português remete a institutos pouco estudados no Brasil, e uma base teórica muito forte, perseguindo uma introdução que percorre as ideias principais de autores marcantes como Windschied, Demolombe, Savigny, à Carnelutti.

Além dessas, também escolhi Direito Constitucional I, pois embora

já tenha cursado a disciplina, foi em complemento preferencial a um campo de pesquisas de gosto pessoal, a qual já foi objeto de estudos como atividade de Monitoria na UEPB; e, por fim, Metodologia Jurídica. De nome que remete a regras de pesquisa, a disciplina não tem, de fato, nada a ver com algum tipo de “ABNT portuguesa” ou europeia, mas sim com o estudo do conjunto de reflexões que levam à decisão jurisdicional, colocando o sujeito decidente (o juiz) como o foco de concretização do Direito em comunidade, e buscando compreender todo o escopo de elementos que influem num conjunto argumentativo decisório, ainda que apresente posicionamento filosófico completamente diverso de qualquer exaltação a protagonismos judiciais.

É uma disciplina paradigmática e que representa muito a Faculdade, pois era a disciplina do professor António Castanheira Neves, e que representa os frutos de sua contribuição à ciência do Direito por meio da proposta “Jurisprudencialista” de compreensão do Direito. Foi, para mim, a experiência acadêmico-didática mais impactante em razão do aspecto holístico no Direito – são conhecimentos aplicados não somente em todas as áreas, mas além delas e previamente às suas realizações.

As provas são escritas, e realizam-se em períodos específicos do ano (geralmente em janeiro, para a primeira parte do ano letivo; e em junho para a segunda metade). Entretanto, para os alunos de intercâmbio (chamados lá todos de “Erasmus”), há a disponibilidade de realizá-las oralmente (isto é peculiar aos professores da FDUC, e de proposição de cada professor). Por incrível que possa parecer, as provas orais, além de mais rápidas, não são de tamanho assombro, e com um bom preparo é possível obter notas mais do que necessárias para um bom aproveitamento.

As disciplinas renderam bons frutos, além de todo o aprendizado, boas amizades com alunos e professores. Observar e, por alguma empatia, tentar se colocar no lugar de um aluno português (didaticamente) é muito interessante, e impacta por perceber que a educação (mesmo superior) no Brasil ainda está um pouco distante das grandes universidades europeias. A maior diferença, talvez, numa análise muito superficial, é a base constituída nos ensinamentos fundamental e médio.

Os professores também são muito gentis e gostam bastante da participatividade dos alunos brasileiros. Sempre estão dispostos a tirar

dúvidas, e atendem após as aulas ou em seus gabinetes na Faculdade. Tive a oportunidade, após uma aula numa bela tarde de quinta-feira, de encontrar o aposentado Professor Catedrático José Joaquim Gomes Canotilho, referência máxima em Direito Constitucional no mundo, no pátio da Faculdade, em caminho à Sala das Revistas, onde provavelmente estava indo estudar, e de quem muito simpático recebi cumprimentos, demonstrando grande alegria por receber alunos brasileiros na sua Escola Coimbreense.

Nas palavras de Amália Rodrigues, “lente” do fado português, “Coimbra é uma lição, de sonho e tradição”, a encantar a todos que, com o coração aberto, buscam entre as seculares paredes portuguesas o saber por entusiasmo ou vocação.

### **GENERALIDADES CONCLUSIVAS: AMIZADES, VIAGENS E SATISFAÇÃO**

Quando lia depoimentos de estudantes sobre intercâmbio, confesso que sempre achava algo exagerado. Para mim, a felicidade está disponível em muitos lugares, bastando encará-la e nela ter o direcionamento de compreender as situações vivenciadas, mesmo que adversas, enfrentando-as com otimismo. A felicidade é mais agradecer do que ter ou acontecer.

Não estava totalmente errado, mas percebi que a felicidade também está na empatia, em enxergar as diferenças e perceber quão significativa ela, a própria diferença, pode ser para a evolução coletiva de grupos ou comunidades. Estar em ambientes com pessoas completamente diferentes me permitiu “sair da caixa” e enxergar algo que, talvez pela vocação gigantesca de nosso país, não seja possível, ao menos hoje, à maioria dos jovens em processo de formação intelectualmente maturada e cidadã: a importância do outro.

As curtas distâncias europeias propiciam uma migração mútua muito forte em todos os períodos do ano, além das atividades de turismo que fazem parte da “rotina anual” das famílias de lá. O favorecimento é, sem dúvidas, não só o aprendizado de línguas ou injeções econômicas e circulação de riquezas, mas sumariamente o reconhecimento do valor da pessoa humana, do outro, enquanto ser de dignidade existencial igualitária.

Essa visão é ampliada para nós, estudantes intercambistas, mas mesmo quem viaja poucos dias e vivencia práticas corriqueiras na Europa, pode perceber. As pessoas (geralmente americanos, latinos, do sul, ou do norte) ficam impressionadas com o senso de solidariedade altamente desenvolvido dos europeus.

As amigadas com a minha tertúlia, com os demais estudantes da Universidade, amigos de outros países e mesmo, também especialmente, de outros lugares do nosso Brasil (que oportuniza interessantes experiências, por meio do reconhecimento de diferenças também grandes, mesmo entre pessoas mais parecidas, mas devido a um país continental, de carga cultural diversificada e densa), além das muitas pessoas conhecidas em visitas, que contribuíram muito para minha ampliação da figura de sujeito cognoscente, influenciando mesmo em demarcações da vida pessoal que imaginava já ter compreensões sólidas e imutáveis. Algumas até, e inclusive, de reflexão no pensar sobre a ciência do Direito.

E, nesse período, tive a oportunidade de conhecer mais 3 países, além de visitar boa parte das principais cidades portuguesas (13, no total). Viajamos (um grupo de amigos) para a Espanha, locamos um carro para isso, e experimentamos o alto nível de estrutura viária europeia. Também visitei a Itália e a França, países próximos e de muitas diferenças, mas de muita riqueza e de anos e anos de história guardados e disponíveis para a contemplação de todos, nos museus ou nas ruas, além das belezas de pontos turísticos que são verdadeiras maravilhas históricas.

No fim de toda essa experiência absolutamente enriquecedora, só vem o mesmo sentimento elencado acima que como “cerne” da felicidade, a gratidão.

Gratidão a Deus, por crença e fundamento, e a todos que puderam de algum modo oportunizar esse momento para mim, que influenciaram ou bem intencionaram essa realização, familiares e amigos. Mas também, e de modo muito especial, a uma universidade voltada ao compromisso com a formação acadêmica e humanitária completa, vocacionada às oportunidades dos estudantes, uma universidade autenticamente nordestina, a nossa UEPB.

A você, leitor, provavelmente estudante, que chegou até aqui, espero não mesmo precisar perguntar o que pensa a respeito do Intercâmbio,

não só acadêmico, de Vida. Quero apenas aproveitar essas últimas palavras para desejar-lhe sucesso no prosseguimento desse objetivo. Que seja uma grande viagem!

# **CAPÍTULO XV**

## **A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ LUIZ DE SOUZA NETO**

### **DESTINO: COIMBRA - PORTUGAL**

#### **RELATO DE UM INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO EM SOLO CONIMBRICENSE**

A convite da Coordenadoria de Relações Internacionais da UEPB (CoRI), venho expor, com muita honra e satisfação, um breve relato da experiência que pude vivenciar durante o primeiro semestre letivo de 2018, período este em que participei do Programa de Mobilidade Internacional da Universidade de Coimbra, Portugal, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), minha instituição de origem, que me deu todo o suporte necessário para concretização deste sonho e para me tornar um Bacharel em Direito.

Antes de partir para o relato da experiência, para uma melhor compreensão do leitor, dividirei este relato em tópicos, nos quais irei contar-vos sobre todo o processo que me levou às terras portuguesas, bem como sobre minha experiência que lá tive até meu regresso ao Brasil.

#### **DE QUANDO TUDO ERA UM SONHO À MATERIALIZAÇÃO**

Ainda nos anos finais do Ensino Médio, fascinado pela história e cultura luso-brasileira – período este em que já me dava conta da vontade de ser um futuro jurista – surgiu em mim a vontade de fazer intercâmbio em terras lusitanas. A materialização desse sonho parecia distante,

tendo em vista a ausência de recursos e oportunidades para sua realização. Na época, não existia nenhum programa de intercâmbio pela rede estadual de ensino. Era, portanto, um sonho de difícil concretização, contudo, não impossível.

Em 2014, fui aprovado no vestibular para ingresso no curso de Direito da UEPB. Durante a academia, busquei conhecer melhor os programas de mobilidade internacional oferecidos pela instituição. Através do Projeto Caravana da CoRI conheci os programas de internacionalização os quais a UEPB oferta aos seus acadêmicos, quando pude, então, perceber que aquela era a oportunidade que eu buscava e precisava. Dentre os programas oferecidos, inscrevi-me na seleção do Programa de Bolsas Ibero-Americanas do banco Santander em parceria com a UEPB, o qual concede uma bolsa de 3 (três) mil euros aos selecionados. O processo seletivo do programa de bolsas consistia em três etapas: seleção dos estudantes com maiores coeficientes de rendimento acadêmico; análise do currículo acadêmico; e, por fim, uma entrevista.

Minha primeira tentativa foi em 2016, não tendo obtido êxito naquele momento. O insucesso da primeira tentativa não foi motivo para desistir de meu sonho. Em 2017, novamente, submeti-me à seleção, oportunidade em que consegui a aprovação, tendo sentido a indescritível sensação de ser contemplado com uma bolsa que me possibilitaria realizar o tão sonhado intercâmbio. Ao ser comunicado da aprovação no programa pela CoRI, fui informado também que, para além da bolsa concedida pelo Santander, a UEPB me ajudaria com o custeio da aquisição das passagens aéreas e com o seguro viagem.

## **PAPELADAS E MAIS PAPELADAS (TRÂMITES BUROCRÁTICOS)**

Após a aprovação, recebi orientações da Coordenadoria de Relações Internacionais da UEPB, que realizou um encontro entre os estudantes selecionados no programa e intercambistas egressos. Juntamente com os demais aprovados no programa, tive a oportunidade de ficar a par dos procedimentos para a candidatura em universidade estrangeira, emissão de passaporte e visto, abertura de conta no exterior, conversão de moeda, dentre outros assuntos, além de ouvir um pouco das experiências de cada um.

Escolhi a Universidade de Coimbra (UC) para fazer meu intercâmbio, a primeira universidade de Portugal e uma das mais tradicionais e renomadas universidades da Europa, fundada em 1290, considerada Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, tendo estudado por lá renomadas figuras da área jurídica e de outros ramos do conhecimento, inclusive integrantes da elite política brasileira. Cita-se como exemplo Frei Vicente Salvador, Alexandre de Gusmão e José Bonifácio de Andrada e Silva, este último conhecido como Patriarca da Independência do Brasil.

Minha carta de aceite ao programa de mobilidade da Universidade de Coimbra chegou pelos Correios. Foi um momento de grande emoção acordar recebendo aquele envelope lacrado com o símbolo da UC, que trazia em seu interior um ótimo comunicado. Logo me lembrei da saga do bruxo Harry Potter. Havia eu sido admitido a uma experiência em Hogwarts... Após a confirmação de que poderia participar do programa de mobilidade, chegara o momento de requerer o visto de viagem junto à embaixada de Portugal em Recife, que também fora aprovado.

Dessa etapa pré-intercâmbio, o que tenho a dizer é: ninguém se iluda achando que o processo de organização e planejamento de um intercâmbio é tão simples. É preciso fazer pesquisas, definir os objetivos, ficar atento à data de candidatura ao programa de mobilidade da universidade de destino, reunir vários documentos, autenticar uns, e solicitar outros, acompanhar a taxa de câmbio e ao noticiário político e econômico (que influenciam naquela), etc. Tive 7 (sete) meses para planejar o intercâmbio e providenciar todas as papeladas necessárias. Apesar do estresse que compreendeu esta etapa, foi tudo muito válido e consegui administrar o tempo sem maiores problemas.

## **TUDO PRONTO PARA PARTIR RUMO À TERRA DE CAMÓES**

Com a carta de aceite, passaporte, autorização de entrada (visto) e passagens em mãos, era chegada a hora de me despedir dos amigos e familiares. Ainda não tinha caído a ficha de que iria passar 6 (seis) meses longe de todos, em outro continente. Essa realidade só bateu a porta nos últimos minutos antes da partida, quando não foi possível conter

as lágrimas. Era um misto de sentimentos que pairavam sobre mim que até hoje não consigo explicar.

Malas prontas, no dia 27 de janeiro de 2014, saí de Guarabira-PB (cidade onde resido) com minha mãe e meu tio, com destino ao aeroporto internacional de Recife-PE, de onde, às 23h50min, decolei para Portugal em busca da concretização de um grande sonho. Foi minha primeira viagem de avião, e sozinho – já podem imaginar o quão ansioso eu estava...

## **A VIAGEM E DESEMBARQUE EM PORTUGAL**

Minha viagem para terras lusas durou pouco mais de 7 (sete) horas. Durante o voo, procurei descontraír e relaxar assistindo a filmes e conversando com uma brasileira muito simpática que sentou ao meu lado. Confesso que, ainda assim, senti um pouco de medo (o voo ainda enfrentou pequenas turbulências), mas tudo ocorreu bem.

Ao desembarcar em Lisboa, comprei uma passagem de autocarro (ônibus) com destino à Coimbra, onde, ao chegar, por volta das 15h30min, fui direto para a Praça 8 de Maio, local em que fica o *hostel* que havia feito reserva ainda no Brasil. Tudo isso sozinho, pois meus amigos, também estudantes da UEPB e que igualmente foram aprovados no programa de mobilidade, haviam decolado em outro voo e somente chegariam à cidade mais tarde.

Lembro-me de que, depois do medo de viajar de avião, minha segunda preocupação era o frio europeu, pois sou muito sensível às baixas temperaturas. Na primeira noite, senti a temperatura cair. Um aplicativo do telemóvel (celular) indicava o °C. Já estava eu todo agasalhado com as roupas de frio que tinha levado do Brasil, mas, rapidamente, fui me adaptando ao clima (o que foi uma surpresa para mim). Mais tarde, recebi uma mensagem de meus amigos, avisando que já estavam na cidade, foi quando saí para jantar e para ajudá-los a levar suas malas até o *hostel*.

Na manhã seguinte, fui até a Casa da Lusofonia comunicar minha chegada, onde fui recepcionado pelo corpo administrativo da Universidade de Coimbra e orientado quanto aos procedimentos burocráticos que deveria fazer.

Nos dias seguintes, começou a saga da procura e visita aos

alojamentos. Já havia selecionado alguns imóveis e salvo os contatos de alguns senhorios (proprietários de imóveis) para visitar quando chegasse a Coimbra. Inicialmente, dividi um apartamento com um de meus amigos e mais dois colegas brasileiros. A minha acomodação era ótima, ficava na parte alta da cidade de Coimbra, a 5 minutos de distância da Faculdade de Direito e ao lado da Igreja Sé Velha, construída no século XII.

## **CONHECENDO COIMBRA**

Com a acomodação definida, pude conhecer e aproveitar melhor a cidade. As aulas ainda não haviam iniciado, então, aproveitei o tempo vago para conhecer um pouco mais da história local e visitar os principais pontos turísticos e vias da cidade. Conheci o Paço das Escolas, a Faculdade de Direito, a Biblioteca Geral, o interior da Sé Velha, o Mosteiro de Santa Cruz, o Parque do Mondego e o famoso Rio Mondego que divide a cidade entre parte alta (onde se encontra a Faculdade de Direito) e parte baixa.

Ao pesquisar mais sobre a história da cidade, tomei conhecimento que a parte alta era antes cercada por uma muralha, construída no período medieval, sendo a Porta de Almedina a principal referência para acesso ao seu interior, onde existia um castelo que foi destruído em 1772. Descobri também que Coimbra foi berço dos primeiros monarcas de Portugal.

O primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, nasceu em Coimbra, e, ao assumir o trono, fez dela capital (transferida posteriormente para Lisboa). Além disso, o local em que hoje se instala o Paço das Escolas fora antes o Paço Real. Recordo-me que durante os passeios eu e meus amigos ainda não acreditávamos que estávamos vivendo aquilo.

## **O INÍCIO DOS ESTUDOS NA FACULDADE DE DIREITO DA UC (FDUC), A METODOLOGIA E A ROTINA DE ESTUDOS**

Foi dado início ao período letivo, pude assistir a várias aulas para depois escolher quais disciplinas iria cursar na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. As aulas, a depender da disciplina, tinham início

pela manhã, às 8h30min, e se estendiam até a noite, com uma pausa para o almoço ao meio dia. As salas de aula da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra se concentram no prédio anexo à Reitoria, onde fica o Paço das Escolas.

Por ser um patrimônio histórico, as instalações e os móveis seculares são conservados. Os pisos das salas possuem uma elevação, o que garante que todos os estudantes consigam atentar para as lições.

A metodologia de ensino adotada na academia difere muito da que está em voga no Brasil. Tínhamos aulas teóricas e aulas práticas. Nestas, o conteúdo explanado pelo Doutor (titulação acadêmica do professor) na aula teórica era aplicado em situações-problemas para resolução e melhor fixação do assunto, por meio de casos práticos. Impera o máximo respeito ao Doutor (professor) e a pontualidade nas atividades é observada à risca pelos acadêmicos. Ademais, não há tanto espaço para conversas informais com os Doutores após fim das aulas ou nos corredores. O estudante, em regra, deveria agendar horário por e-mail para melhor conversar com o professor. Da experiência que tive, percebi que a qualidade do ensino de nossa universidade não está a quem do ensino universitário português. O contato mais acessível com nossos professores, o incentivo à pesquisa e nossa didática contribuem muito para isso.

Dentre as disciplinas disponíveis naquele semestre, optei por cursar Direito Público Luso-Brasileiro e Direito da União Europeia. A primeira tinha como objetivo fazer um estudo comparativo entre o Direito Constitucional vigente no Brasil e em Portugal ao longo da história, tendo em vista que o Direito Constitucional convergia, ocorrendo a cisão somente em 1891, quando o Brasil se aproximou do modelo americano.

No entanto, ainda é possível identificar aproximação entre os sistemas, como, por exemplo, o fato de ambos adotarem a família Civil Law, embora o direito brasileiro venha se aproximando do Common Law; a adoção do princípio republicano; a previsão de direitos e liberdades fundamentais, a adoção do Estado Democrático de Direito, dentre outras características comuns.

No plano do direito privado, foi possível perceber uma grande influência do direito lusitano na ordem jurídica brasileira. Isto porque, ainda depois da Independência do Brasil (1822), as Ordenações

Filipinas continuaram a vigorar por aqui até o final de 1916, quando foram substituídas pelo Código Civil de 1916, o qual, assim como fez o Código Civil de 2002, preservou a influência lusitana, com adoção de institutos de origem na tradicional família romano-germânica.

Cursar esta disciplina foi uma grande oportunidade para visualizar aquilo que nos diferencia, mas, especialmente, identificar as proximidades político-culturais existentes entre ambos os povos, ou seja, o que nos aproxima, sem perder de vista aquilo que converge em nosso sistema jurídico. Também foi possível compreender o compartilhamento dos laços culturais, linguísticos e a nossa história em comum, o que legitima a existência de um espaço da lusofonia, com a instituição, em 1996, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, em 2002.

A segunda disciplina (Direito da União Europeia) me possibilitou entender o porquê e como Portugal e outros 27 países europeus superaram barreiras e buscaram unir os pontos em comum entre si com objetivo de permitir uma maior aproximação entre seus povos e a criação de uma identidade europeia. Para compreender este processo basta estudar os conflitos bélicos que devastaram aquele continente, em especial, a II Grande Guerra, que causou diversas atrocidades à humanidade com a consequente violação dos mais basilares direitos inerentes à dignidade da pessoa humana. As ameaças das forças soviéticas durante a Guerra Fria e a necessidade de harmonia entre França e Alemanha também impulsionaram a união entre os países que integram o bloco europeu.

Assim, os Estados-Membros abriram mão de parte de suas soberanias para formar a União Europeia, uma organização internacional de caráter supranacional que atua em regime de cooperação política e econômica, sendo dotada de órgãos próprios e independentes. Interessante destacar que um cidadão nacional de um dos Estados-Membros possui dupla cidadania, a de seu país de origem e a cidadania europeia, o que lhe permite viajar, morar, trabalhar ou estudar em qualquer dos Estados-Membros sem que haja restrição ou discriminação fundamentada.

Isso decorre do direito à liberdade de circulação de pessoas (uma das quatro liberdades fundamentais da União Europeia), assegurada com a formação do Mercado Comum, estágio este que o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) almeja alcançar, sendo a União Europeia

um parâmetro para nosso pretenso modelo de integração.

Ainda sobre a temática integração, a Universidade de Coimbra promoveu uma sessão solene, no início do período letivo, que contou com a presença da Embaixadora do Reino Unido em Portugal, Sra. Kirsty Hayes, onde tive a oportunidade de conhecer mais de perto as particularidades que gravitam em torno do “*Brexit*” (apelido dado ao processo de saída do Reino Unido da União Europeia).

Na ocasião, a diplomata proferiu a palestra “Sair da União Europeia, mas não da Europa”, pelo que ressaltou o forte elo socioeconômico e cultural existente entre o Reino Unido e demais Estados que compõem a Comunidade Europeia, revelando o desejo nutrido pelo Estado acreditante em manter as relações econômicas e os direitos dos nacionais britânicos, independentemente da decisão de retirada do bloco, tomada pelo seu país, por meio do “*Brexit*”.

Em Coimbra, também tive a honra de assistir a uma aula com os Doutores Constitucionalistas José Joaquim Gomes Canotilho e Vital Moreira, os quais juntamente lecionaram o Curso de Direito Constitucional da União Europeia: Constitucionalismo para além do Estado.

Foi uma excelente oportunidade de agregar mais conhecimentos jurídicos com renomados juristas que, com suas teorias, em muito influenciam e contribuem para o desenvolvimento dos movimentos constitucionais em Portugal, Brasil e em outros Estados.

Minha rotina de estudos não se resumia somente às atividades da Faculdade de Direito. Também participei de eventos acadêmicos promovidos pelo Núcleo de Estudantes de Direito da UC, pela Associação Europeia de Estudantes de Direito e participei de cursos de língua e cultura ministrados pela Faculdade de Letras da UC. Em casa, tinha um cantinho reservado para poder me dedicar às leituras e aos estudos. Todavia, perto da época de exames, optei por estudar na Biblioteca Geral e nas salas de estudos da Associação Acadêmica de Coimbra, para poder me concentrar melhor na investigação dos assuntos. Alguns desses espaços públicos ficavam abertos, inclusive, durante a madrugada e, acreditem, muitos estudantes madrugavam.

## **O CONTATO E A COMUNICAÇÃO COM POVO LOCAL E ESTRANGEIROS**

O contato e a comunicação com a população local, em geral, foram satisfatórios. Apesar de falarmos a mesma língua, o português falado em Portugal apresenta principalmente uma pronúncia diferente, sendo a entonação de voz mais fechada para pronunciar o final de algumas palavras, pelo que tendem a eliminar as vogais átonas, além de apresentarem maior celeridade no discurso. Com algumas semanas, adaptei-me a isto. Há ainda outras palavras que possuem significados diferentes em Portugal e no Brasil, inclusive, cito algumas no decorrer deste relato. Neste quesito, não há o que se fazer a não ser aprender o significado das palavras no dicionário português.

Outra percepção quanto ao comportamento do povo local, comparado ao brasileiro, refere-se ao fato de os portugueses, em regra, serem mais reservados e de breve conversa (são bem objetivos, exceto na escrita). Contudo, em geral, são educados e prestativos, principalmente os mais jovens.

O intercâmbio foi uma excelente oportunidade para fazer amizades com portugueses, com estudantes de outros países e inclusive de diversos estados do Brasil, os quais, assim como eu, estavam realizando seus sonhos particulares. Com isso, pude compartilhar vários momentos incríveis com uma malta (turma/galera) que tornou o meu intercâmbio ainda mais fixe (legal/agradável).

## **A GASTRONOMIA LOCAL**

No tocante à culinária local, posso dizer que o país, assim como o Brasil, possui uma enorme variedade gastronômica, o que me fez ganhar 8 kg durante o intercâmbio (para alegria de minha mãe). Dentre as comidas que mais aguçou meu paladar, cito o pastel de nata, o famoso bacalhau frito, a sardinha no pão com azeite, o queijo da Serra da Estrela e a francesinha.

Dentre as bebidas, gostei bastante do vinho alentejano, vinho do porto, vinho verde e a ginja ou ginjinha de Óbidos (um licor obtido a partir da maceração da fruta da ginja, similar à cereja). No dia a dia, costumava almoçar na cantina universitária que servia um prato mais similar ao típico “feijão com arroz” brasileiro, sempre complementado com uma porção de sopa e pão.

Foi em Coimbra, preparando jantares e almoços, que também

descobri que possuía algumas habilidades para cozinhar. Como bons estudantes, eu e meus amigos recorriamos ao mais prático, como espagete acompanhado ao molho de sardinha ou atum. Nos dias especiais, para matar a saudade de casa, fazíamos feijoada.

## **IMPRESSÕES E CONTRASTES**

Ao andar pelas vias públicas, quase não via sujeira naqueles espaços, que são muito bem conservados pelo Poder Público e pela população. Foi possível constatar maior respeito no trânsito: antes de o transeunte pôr o pé na faixa de pedestre, o motorista já percebia a movimentação e parava o veículo. O troco das compras no supermercado é rigorosamente repassado ao consumidor. Não se comete aquele mau hábito de se perguntar se o cliente aceita uma bala como troco, ou o de não se devolver os centavos (cêntimos, em Portugal) do troco. Ademais, a preocupação com a insegurança é quase nula. Eu e meus amigos andávamos pelas ruas a qualquer hora, portando celular e outros objetos sem qualquer preocupação.

A cidade é movimentada em razão das atividades acadêmicas, daí a razão de se dizer que Coimbra é um sítio (zona/lugar) dos estudantes, pois é uma cidade tipicamente universitária. Isso é bem perceptível com o encerrar do semestre acadêmico, quando estudantes locais, nas férias, retornam para a casa de seus pais ou de seus familiares e os estudantes de mobilidade acadêmica regressam aos seus países de origem. A cidade para.

## **APROVEITANDO OS MOMENTOS OCIOSOS**

Nas horas vagas, costumava ler livros, ir ao shopping, conversar ou viajar por Portugal com os amigos intercambistas, participar de algum evento promovido pela Universidade de Coimbra, fazer caminhada no Parque do Mondego ou ouvir Fado (estilo musical português, reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade pela UNESCO).

Coimbra respira cultura. Em cada ponto turístico principal da cidade era possível notar a presença de alguns estudantes ou artistas tocando instrumentos musicais, ressoando melodias que retratam a vida amorosa, acadêmica e urbana dos estudantes.

A animação era garantida nas noites de terça e quinta (terças e quintas acadêmicas), dias da semana em que os estudantes saem para se divertir nas choperias, bailes acadêmicos e outros eventos culturais que, normalmente, se concentram no entorno da Praça da República.

## **PARA ALÉM DE COIMBRA, PARA ALÉM DE PORTUGAL**

Além de Coimbra, durante os seis meses de meu intercâmbio em Portugal, também pude conhecer a cidade de Fátima e seu santuário, a cidade de Guarda, onde se situa a maior parte do Parque Nacional da Serra da Estrela, ponto mais alto de Portugal Continental e onde tive meu primeiro contato com a neve. Também visitei a Vila de Belmonte (local onde nasceu Pedro Álvares Cabral) e o Castelo de Belmonte (o qual pertencia à família Cabral), a cidade de Peniche e o Arquipélago das Berlengas, além de Figueira da Foz, Porto e a capital Lisboa.

Portugal é realmente uma terra de encantos. O país possui um pequeno território, mas consegue surpreender a todos com suas belas paisagens, sua riqueza cultural e com sua história. As viagens que fiz foram realizadas por empresas de turismo ou por meio de transporte público, sendo todas custeadas com a bolsa do intercâmbio.

Ainda durante o intercâmbio, pude viajar para 9 (nove) países europeus na companhia de amigos intercambistas brasileiros. Minha estadia durava no máximo 3 (três) dias em cada cidade. Durante este período, procurava conhecer os pontos turísticos e históricos dos locais.

Na semana da páscoa, quando a Universidade de Coimbra entra em recesso, visitei Frankfurt (Alemanha), Praga (República Tcheca), Wrocław (Polônia) e Madrid (Espanha). Com o fim das atividades acadêmicas, antes de voltar para o Brasil, fiz uma segunda viagem, dessa vez para Paris (França), Bruxelas (Bélgica), Amsterdam (Holanda), Milão, Florença, Veneza e Roma (Itália), e, por fim, o Vaticano.

O custo para viajar para outro país na Europa é bem acessível. É possível viajar na Europa para vários países pagando muito pouco. Foi uma oportunidade que eu e meus amigos aproveitamos para explorar e conhecer mais o continente europeu.

## **UM FESTEJO ACADÊMICO SEM IGUAL: A QUEIMA DAS FITAS**

Ainda no quesito cultural, não poderia deixar de falar sobre a Queima das Fitas, também chamada de Semana Acadêmica. Trata-se de um festejo acadêmico que ocorre normalmente no mês de maio (um mês antes da época de exames) para marcar simbolicamente o fim do ano letivo em Portugal. Os finalistas celebram a “libertação”, e os calouros passam a ter o direito de usarem os trajes típicos dos universitários lusitanos, o que inclui uma capa preta que inspirou o figurino da obra cinematográfica do bruxo Harry Potter.

A tradição festiva iniciou em Coimbra por volta do ano de 1900 e inclui diversos eventos e atividades culturais como a Serenata Monumental, Baile da Queima e o Cortejo. O nome provém das fitas de cetim que os estudantes de Direito colocam na pasta para sinalizar que são finalistas. No fim do último ano do curso, as fitas eram queimadas. Essa tradição se mantém nos dias atuais. Eu e meus amigos aproveitamos muito a festividade, que acabou sendo um paliativo para a os intercambistas brasileiros, já que em Coimbra não se comemora o Carnaval como tradicionalmente costumamos celebrar em algumas cidades do Brasil. Contudo, o folião brasileiro pode se contentar com o Carnaval de Lisboa, cujo festejo é semelhante ao nosso.

## **OS EXAMES (AVALIAÇÕES) BATEM À PORTA**

Após a Queima das Fitas, chegara a hora de intensificar os estudos para os exames. Tudo terminou bem, obtive aprovação e com bons valores (notas) nas disciplinas que cursei, o que me deixou muito contente. As avaliações acadêmicas em Portugal diferem do nosso modelo.

Há a prova escrita e a prova oral de melhoria (aplicada aos que não conseguirem aprovação na avaliação escrita). A forma de pontuação global dos exames também é diferente da nossa, sendo lá aplicada uma pontuação que varia entre 0, no mínimo, a 20 valores (pontos), no máximo.

## **WORLD CUP 2018**

Em meio aos exames, teve início a Copa do Mundo de 2018. Era difícil se concentrar nos estudos diante de tanta euforia e agitação. Nos dias em que a seleção brasileira ou a portuguesa estava em campo, a Praça da República se tornava palco de festa. Telões foram postos nas principais

praças públicas de Coimbra. A diversão era garantida.

Percebi que tanto os “tugas” como os “brazucas” (expressões que são utilizadas para se referir aos portugueses e brasileiros, respectivamente) se uniam e torciam um pela seleção do outro, desde que ambas não estivessem no mesmo campo, claro. Apesar de termos acreditado na conquista do hexa naquele ano, a taça acabou sendo entregue à seleção francesa, mas a diversão e a festa uniram e contagiaram a todos.

## **UM REENCONTRO INESPERADO**

Em pleno intercâmbio, tive a imensa satisfação de reencontrar, em Coimbra, com minha professora do Ensino Fundamental II, a historiadora Solange Freire, que estava levando a cabo um projeto de pesquisa.

Revê-la me fez lembrar um dado momento em que o que estava vivendo parecia muito distante, além de ter me feito refletir e concluir que os caminhos os quais havia percorrido até ali condiziam com aquilo que sempre almejei. O sentimento de gratidão imperou.

## **O MOMENTO DA DESPEDIDA**

O mês de julho já havia chegado e com ele também já dava para sentir a saudade daquele lugar e das pessoas antes mesmo da partida. Foi quando pude entender melhor a letra da música (fado) “Balada de Despedida” de autoria de Fernando Machado Soares, o qual afirma que “Coimbra tem mais encanto na hora da despedida (...)”. Não que isso estivesse em falta nos meses anteriores. É que aquele lugar incrível consegue encher o coração de saudade daqueles que por lá passam antes mesmo da partida.

Os amigos brasileiros que lá conheci começaram a regressar para o Brasil. Já havia encerrado as atividades acadêmicas junto à universidade, então, aproveitei os últimos dias para me despedir dos amigos, da cidade e daquele país. Iniciei fazendo um tour pelas instalações históricas da Universidade de Coimbra, a começar pela exuberante riqueza histórica da Biblioteca Joanina, de estilo barroco, construída no século XVIII. Depois visitei a Sala dos Capelos (ou Sala dos Grandes Atos), principal sala da Universidade, onde se ocorrem as mais importantes cerimônias solenes e onde se concede titulação acadêmica aos Doutores.

## **MAIS CURIOSIDADES SOBRE A UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

O mais curioso foi saber que havia uma Prisão Acadêmica nas dependências da instituição até o ano de 1834 (quando, por virtude da revolução liberal, se extingue a jurisdição do conservador). A cadeia fora construída no período medieval, onde funcionários, professores e estudantes poderiam ser mantidos lá com a aplicação de medida disciplinar. As instalações e vestígios históricos da prisão são conservados pela instituição.

Em seguida, chegara o momento de subir a Torre da Universidade de Coimbra. Construída em 1733, a torre possui 33 metros de altura e abriga o sino da cabra, cotidianamente usado para marcar o funcionamento da instituição. É por meio do som emitido por este sino que os acadêmicos são alertados dos horários de início e fim das aulas. Visitei também o Jardim Botânico da universidade, a Capela de São Miguel e o Museu de Ciência, entre outras instalações da universidade.

## **COIMBRA: PALCO DE UMA HISTÓRIA DE AMOR E TRAGÉDIA**

Meu último local de visitação em Coimbra foi a Quinta das Lágrimas, um jardim de origem medieval. Diz a lenda que o local foi palco de encontros amorosos entre D. Pedro (futuro Dom Pedro I de Portugal) e Inês de Castro. D. Pedro, filho do Rei Dom Afonso IV, era herdeiro do trono português.

Inês era dama de companhia de D. Constança Manuel, esposa de D. Pedro que, por sua vez, morria de amores por Inês. Contudo o relacionamento amoroso do herdeiro do trono com a dama de companhia não agradava aos conselheiros da coroa nem ao próprio monarca, o qual, num certo dia, aproveitando-se da ausência do filho, ordenou a execução de Inês.

Revoltado com o ocorrido, assim que ascendeu ao trono, D. Pedro deu ordem para matar os três assassinos de Inês de Castro. Conta a história que D. Pedro, em 1360, anunciou em segredo que havia se casado com Inês, tendo obrigado a nobreza a participar da cerimônia e a beijar a mão da defunta. Sobre o conto, Luís de Camões escreveu que Inês “depois de ser morta foi Rainha” em *Os Lusíadas*, Conto III.

Em seus jardins, encontram-se a Fonte dos Amores e a Fonte das Lágrimas. Nesta última, um fungo que deixa a pedra vermelha prolonga, no tempo, a narrativa. Diz-se que a coloração presa às rochas do leito é o sangue de Inês que ali ficou marcado para a eternidade.

## **DIA DE COIMBRA E DA RAINHA SANTA**

No dia 4 de julho, é celebrado o dia da padroeira de Coimbra, a Rainha Santa Isabel de Aragão (1271 – 1336), ou simplesmente Rainha Santa. D. Isabel foi Rainha Consorte do Rei D. Dinis de Portugal. Em vida, a rainha sempre se mostrou caridosa e sensível às necessidades dos mais pobres, enfermos, famintos e excluídos. O milagre das rosas é a história mais conhecida da Rainha Santa entre os portugueses.

Segundo a lenda, a rainha saiu aos fundos de seu castelo numa manhã de inverno para distribuir pães aos necessitados, quando fora surpreendida pelo Rei D. Dinis, que lhe indagou para onde iria e o que levava no regaço de suas vestes. A rainha, então, teria exclamado: São rosas, meu senhor! Desconfiado, pois já sabia de seus gestos caridosos os quais não aprovava, o rei teria questionado: Rosas em janeiro? Foi quando a rainha teria exposto o regaço de seu vestido e nele havia rosas.

Após sua morte, Isabel foi beatificada pelo Papa Leão X, em 1516, sendo canonizada, em 1742, pelo Papa Bento XIV. Atualmente, os restos mortais da Rainha Santa encontram-se no túmulo de prata e cristal, no interior do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. A cada dois anos, nos anos pares, durante uma semana, são realizadas diversas solenidades em memória à Santa Padroeira da cidade. No mesmo período, também ocorrem festividades profanas.

## **O REGRESSO PARA CASA**

Uma semana antes da data marcada para meu retorno ao Brasil, já havia feito as malas. Coimbra me acolheu num final da tarde, quando o sol, ainda radiante, me fazia contemplar a beleza daquele lugar. Minha partida foi durante a madrugada do dia 25 de julho de 2018, quando a cidade da saudade ainda dormia. Saí caminhando até a Rodoviária de Coimbra sem fazer muito barulho, sem, contudo, conseguir conter a emoção. Subi num autocarro (ônibus), veículo 21, com destino ao Aeroporto Internacional de Lisboa, de onde embarquei num voo, por

volta das 17h, com parada final no Aeroporto Internacional de Recife.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: COIMBRA DE LIÇÕES E DE SAUDADE**

A oportunidade de viver em outro país, distante de todos os familiares e amigos, a oportunidade de mergulhar em outra cultura e realidade, de atrair a total responsabilidade sobre si e adquirir autonomia que o intercâmbio me possibilitou, foi a melhor e inesquecível experiência que já vivenciei em minha vida. Estudei e vivenciei o dia a dia dos estudantes e da cultura local, conheci e construí amizades verdadeiras com pessoas de diversos países e também do Brasil. Tudo isso resultou numa experiência única e enriquecedora que me proporcionou crescimento acadêmico, profissional e, sobretudo, pessoal.

Em determinados momentos, prosseguir não era uma ideia de fácil aceitação: o intercâmbio requer adaptação cultural e a compreensão e aceitação às mudanças em diversos aspectos. Contudo, a persistência falou mais alto, e tudo o que vivi serviu para meu crescimento. Foram seis meses de muito aprendizado, cada dia com suas emoções e suas lições às quais jamais esquecerei. Voltei para casa com uma enorme bagagem, com excesso de peso em aprendizado. Essa fantástica oportunidade foi um marco em minha vida e mudou sobremaneira a forma como hoje vejo, interpreto, encaro e lido com as situações ao meu redor. Valeu a pena sonhar, acreditar e persistir. Realizei!

Mais uma vez, registro meus agradecimentos à CoRI/UEPB e ao Santander Universidades por terem me oportunizado realizar e viver este sonho inesquecível. Por fim, pertinente citar um famoso lema que ressoa entre os que já pisaram na terrinha: Uma vez Coimbra, para sempre saudade!

## **CAPÍTULO XVI**

### **A EXPERIÊNCIA DE WANDSON LUKAS DO NASCIMENTO AMORIM**

#### **DESTINO: COIMBRA – PORTUGAL**

#### **CAMINHADA ATÉ O ALCANCE E A CONCRETIZAÇÃO DO SONHO**

Eu não sou um escritor nato, nem muito menos alguém que entenda muito de uma escrita mais literária, mas como aprendi desde a minha infância nos livros e nas lindas narrativas que ouvi e tive a oportunidade de ler, o narrador da sua própria história deve ao menos se apresentar para que aqueles que vão ler a sua narrativa possam ter noção de quem ele é e se sua história é ao menos interessante e gostosa de se ler.

Bom, apresentando-me, eu me chamo Wandson Lukas do Nascimento Amorim, mas podem me chamar de Lukas, bem mais fácil, atualmente tenho 23 anos. Dizem meus pais que o nome composto veio de uma ideia em conjunto tanto do meu pai que americanizou o nome Wando, o seu próprio apelido, e da minha mãe que queria um nome que levasse a primeira letra do seu nome, todos sabemos que é a letra “L” de Lenilza. Já trago aqui dois nomes, duas pessoas fundamentais que logo mais à frente contarei e darei prioridade a grande importância que elas tiveram nessa jornada. Portanto, já que sabem meu nome, preciso continuar a minha história meus caros, afinal tenho muita coisa para compartilhar com vocês.

Então, continuando a minha história, tenho que dizer que sou um idoso no corpo de um jovem, pelo menos é como me considero. Nasci

em Campina Grande mesmo, sempre vivi na Paraíba, tenho orgulho de ser brasileiro, porém moro desde que nasci num pequeno distrito que tem por nome Jenipapo, que é dividido até hoje por três cidades, a própria Campina Grande, Puxinanã e Lagoa Seca. Jenipapo é um local bem pacato, com poucos habitantes, um ambiente rural onde meus avós e praticamente toda a minha família viveram e ainda vivem da agricultura, sendo que, atualmente, os mais jovens, como eu e alguns primos, resolvemos escolher outras profissões, seguindo nos estudos, buscando uma graduação e até mesmo uma formação mais avançada, não desvalorizando o que os nossos avós e pais fizeram e ainda fazem por nós através do seu trabalho.

Assim como meu pai, que hoje é mecânico, não quis me prender muito ao que herdei para fazer. Sempre fui curioso, obstinado e fui encorajado desde cedo a estudar muito para tentar alcançar aquilo que sonhava e desejava, tanto é que nunca parei de estudar. Passava em uma série atrás da outra. Para mim eram como etapas, desafios que eu tinha de vencer para chegar onde eu sempre quis. Um dos primeiros desafios que consegui vencer resultou na minha entrada num dos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB-CG) aqui em Campina Grande mesmo.

Em 2011, ano que comecei a estudar no IF, era uma realidade bem diferente. Poucas pessoas conseguiam passar pela prova de seleção, mas consegui passar, lá fiz o curso técnico em Petróleo e Gás integrado ao ensino médio o que me abriu muitas portas e me trouxe um vasto conhecimento sobre as etapas posteriores, como a universidade, a graduação e uma possível pós-graduação, bem como sobre um possível intercâmbio que até esse momento era algo bem distante para um simples jovem do interior da Paraíba.

Em 2015, foi a hora de me despedir do IF e de vencer mais um desafio, dessa vez o objetivo era ingressar na universidade. Fascinado com tudo que havia visto no IF, com tudo que aprendi sobre a área do Petróleo e inspirado por uma professora de Química do instituto resolvi cursar Química Industrial na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-CG), certo do que eu queria fazer, consegui passar e ingressei no curso. A UEPB e ainda mais o meu curso foram primordiais para que eu pudesse atingir o meu sonho de fazer um intercâmbio, sabia

que ao entrar no curso não poderia parar, teria que continuar vencendo muitos desafios e passando por mais etapas.

Meu envolvimento com programas de pesquisa, extensão e monitorias foi essencial, além da produção científica desde o IF e do contato com meus professores que já vivenciaram experiências semelhantes. Tudo isso me ajudou a manter meu currículo em um patamar que pudesse competir por bolsas e programas de intercâmbio.

Tendo mais certeza de que poderia estar mais perto de alcançar o sonho do intercâmbio dei início às minhas tentativas de consegui-lo e sabendo que a UEPB possuía programas e convênios com instituições parceiras para tal fim fiquei ainda mais motivado. Minha primeira tentativa, em 2017, foi quando me inscrevi no Programa de Bolsas Ibero-Americanas resultante da parceria entre a UEPB e uma instituição parceira, consegui passar por algumas etapas, mas meu currículo ainda não era bom o suficiente.

Não satisfeito com meu resultado anterior, resolvi aprimorar, agregar mais ao meu currículo e a minha vida acadêmica de uma forma geral. Então, no início de 2018, foi lançado um edital de um novo programa de intercâmbio, próprio da UEPB, ali mais uma vez me veio uma ponta de esperança, porém com o pé no chão e com menos expectativas. Mesmo assim convicto da minha preparação, fiz a minha inscrição nesse novo processo, passei pelas primeiras etapas e fiz a entrevista, sendo que na análise de currículo fui ainda mais motivado por um dos funcionários da Coordenadoria de Relações Internacionais.

Na espera pelo resultado, fiquei um pouco nervoso, lembro-me bem de que na data prevista para a saída do mesmo estava no laboratório fazendo minhas pesquisas e a cada minuto atualizava a página da CoRI na internet na esperança de que o meu nome estivesse entre os dez selecionados e escrevendo aqui vem à minha memória a cena daquela segunda-feira, dia 14 de maio de 2018, a cena do exato momento em que vi meu nome na lista de selecionados. Não me importei com a posição nem com qualquer outra informação que estava ali, só vi meu nome e vibrei, meu corpo tremeu todo, não sei dizer quais emoções eu senti, era uma mistura de todas elas, junto com o medo de quebrar alguma vidraria que eu estava segurando, sério mesmo, eu não sei o que senti e a única certeza que eu tinha era que o sonho tão distante daquele

jovem do interior agora tinha se realizado, eu tinha a concretização do sonho nas minhas mãos.

### **A AVENTURA DE SE PREPARAR PARA UMA VIAGEM**

Uma aventura, uma viagem. Sim! Era o que estava para acontecer, era o que estava concretizado, era a certeza que eu tinha no momento em que eu recebi aquele resultado. Para ser sincero, segurei por um tempo aquela notícia. Era uma coisa tão nova para mim que tive que preparar e pensar em formas de contar para as pessoas mais próximas aquilo que talvez muitas delas nem acreditassem que um dia iria acontecer comigo. É nesse momento que entram aqueles dois nomes, aquelas duas pessoas superimportantes, tão importantes que sem elas eu não teria vivido a experiência que eu vou contar mais à frente.

Aqui surge também uma pessoa que sempre me apoiou e esteve ao meu lado em todos os momentos que tive na universidade até então. Minha prima, ou melhor, minha irmã, ou melhor, ainda minha amiga, Natalia, foi a primeira pessoa a saber dessa conquista. Talha, como a chamo carinhosamente, me apoiou demais e me deu muita força. A felicidade que ela demonstrou ao saber dessa notícia foi algo que me acalmou e me deixou em paz, não sei explicar como isso aconteceu, mas foi algo importante para mim, tanto é que ela me ajudou a contar para os meus pais.

Meus pais, o senhor Evandro, ou melhor, Wando, como ele gosta de ser chamado, e a dona Lenilza, ou Lena, como todos a chamam, foram essenciais na minha preparação para essa viagem que eu estava prestes a fazer. Contar para eles foi fácil e difícil ao mesmo tempo, mas a minha abordagem foi a de sempre. Sempre que eu quis falar ou pedir algo chegava de mansinho e foi o que fiz. Primeiramente, falei para meu pai. Para ele era sempre foi mais fácil falar essas coisas, ele sempre me ajudava com os meus estudos e com as minhas conquistas na área acadêmica. Foi do meu pai que herdei a lógica, com ele aprendi a dirigir, a ter noção de espaço e de localização, com ele aprendi a ter responsabilidades. Pedi a ele que esperasse um pouco para contarmos juntos a minha mãe. Ela sempre foi mais emotiva. Sempre fui muito apegado a ela. Ela é uma mãe superprotetora, uma leoa no quesito cuidar dos filhos. Foi minha mãe que me ensinou a ser um “dono de casa”, me

ensinou a cozinhar, me ensinou a amar e a ser empático com as pessoas. Depois de tudo isso, é impossível não saber que eles são as pessoas que eu mais amo na vida, são a minha família. Além de mim, eles tiveram mais dois filhos, o David e o Gabriel, duas crianças lindas e sapecas, são uns amores.

Após contar para eles, foi bem mais fácil contar para os outros familiares e para os meus amigos. Mas, contar para as pessoas não era a parte mais fácil da aventura de se preparar para essa viagem. A preparação estava apenas começando. Aqui eu devo falar que a ajuda da CoRI com reuniões de apoio e com indicações do que devíamos fazer, sem falar na ajuda dos egressos de outros programas, foi essencial para que eu e os demais selecionados naquele novo programa de intercâmbio da UEPB, o Programa de Mobilidade Internacional (PROMIN 2018), tivéssemos condições de seguir em frente nessa jornada. Foi nessas reuniões e conversas que descobri que eu precisava vencer novos desafios, sendo um deles a escolha de um país e de uma universidade nos quais eu faria meu intercâmbio, naquele momento eu descobri que viajar não era tão simples quanto parecia.

Era preciso escolher. Segui meu coração e meus sonhos na escolha. Portugal era o país que me veio em sonhos e que sempre quis conhecer e a Universidade de Coimbra me fez a escolher, pois por si só diz muita coisa, minhas pesquisas me deixavam cada vez mais curioso e com vontade de conhecer aqueles lugares. Naquele momento, eu já sabia para onde eu queria ir, onde eu queria que a mágica e a aventura acontecessem, mas ainda faltava muita coisa a ser feita até a entrada no avião.

Nos meus planos e nas indicações da CoRI, a viagem deveria ser marcada para o início de setembro, mês em que se inicia o ano letivo e o primeiro semestre na educação europeia. Estava na metade de maio quando o resultado saiu, o tempo era curto, tinha apenas três meses para pudesse emitir passaporte, emitir o visto para entrada em Portugal e na União Europeia e ainda escolher a data da viagem. Selecionar a data foi mais fácil, 03 de setembro foi o dia que escolhi para viagem. Naquele momento, era de fundamental importância emitir o passaporte, o que não foi tão difícil, já que a Polícia Federal, o órgão habilitado para a emissão aqui no Brasil, possui um ambiente informatizado para solicitação e emissão do mesmo.

A parte mais complexa da minha preparação foi exatamente o visto. Ele exigia muita documentação, além de deslocamento, uma vez que, na Paraíba não temos um consulado ou vice-consulado de Portugal e tive que ir à ao vice-consulado em Recife tanto para a solicitação quanto para resolver problemas com a documentação.

Para emitir o visto precisei de toda a ajuda possível. Nessa etapa da minha preparação, precisei muito do meu pai. Cada viagem que fiz à Recife ele estava comigo, além de ceder toda sua documentação para ser meu responsável enquanto eu estivesse no intercâmbio. Realmente, não posso negar que a documentação foi o que mais me deixou nervoso nessa época de emissão do visto, cheguei até a pensar que não daria certo, até por que os funcionários do consulado não são dos mais amigáveis e não davam esperanças de que os documentos que havia entregado iriam funcionar. Foi tão complicado que até tive que recorrer a um primo que é vereador para que me ajudasse na documentação. Foram duas viagens até que a papelada fosse enviada ao consulado de Portugal na Bahia. Foram duas viagens até que eu tivesse pelo menos uma ponta de esperança de que aquele visto daria certo até chegar o dia da terceira e última viagem, o dia em que eu vi que tudo deu certo e que enfim eu estava quase pronto para a minha viagem.

Sim, eu estava quase pronto, ainda faltavam alguns ajustes, comprar algumas roupas e saber sobre mais algumas coisas sobre Coimbra. Fiz essas coisas no fim de agosto, logo após a confirmação do meu visto para entrada em Portugal. Foi, nesse momento, que eu, como um bom virginiano, comecei a fazer minhas malas, as emoções se intensificavam a cada dia que se passava, eu me vi ansioso, muito ansioso pela primeira vez que iria entrar num avião e ainda mais ansioso pela grande aventura que estava prestes a viver.

Mas, para terminar essa parte, preciso contar algo que pode soar um pouco chato, porém é necessário. Toda essa preparação, por mais louca e incrível que tenha sido, demandou muito tempo e também gerou custos, sim, alguns custos extremamente necessários. Então, meus caros leitores, utilizei muito do meu tempo e custos me vieram com tudo isso, mas tudo isso valeu a pena, e como valeu a pena, pois nada disso chega aos pés do valor de ter uma vida completamente mudada pela experiência de mergulhar num intercâmbio, numa nova cultura e

conhecer novas pessoas.

## **UMA JORNADA MAIS DO QUE ESPERADA**

Depois de três meses me preparando, chegou a hora de voar, chegou a hora da viagem tão esperada. Eu me lembro bem daquele dia, do dia 03 de setembro de 2018. Aquela manhã e tarde daquele dia, eu jamais poderia esquecer. Eu estava muito nervoso e ansioso, tinha deixado algumas coisas para um pouco antes da viagem, inclusive deixei para fechar a mala nesse dia, o peso dela estava me preocupando muito, tive que sair de casa algumas vezes para pesá-la, foram os 23 kg mais difíceis de atingir na minha vida.

Mas, com tudo pronto, tive que sair cedo de casa aquele dia. Lembro que eu, meu pai e mais dois primos marcamos de sair as 14:00 horas. Alguns dias antes, havia me despedido de muitos dos meus familiares, mas a despedida da minha própria casa, de mainha e dos meus irmãos foi um pouquinho mais difícil, na verdade, foi muito difícil. Até então, mainha não tinha chorado nenhum pouco, eu até estranhei. Ela tinha se mantido forte, mas, naquele dia, ela chorou e me abraçou tão forte como se eu não fosse mais voltar. Naquele momento, eu parei por um instante, segurei as minhas lágrimas, tentei ser forte, porém por dentro meu coração estava apertado e, de fato, não tinha como não estar, eu era um jovem de 22 anos que ainda não havia passado tanto tempo fora de casa quanto eu ia passar a partir desse dia.

Após as despedidas e mais uma longa viagem a Recife, chegamos ao aeroporto. Fiz o check-in. Até ali tudo deu certo. Ali, no aeroporto mesmo, encontrei as pessoas que mudaram tudo na minha vida. De início, o nosso contato era apenas pelas reuniões da CoRI, pelas redes sociais e quando ajudávamos uns aos outros com documentações e preparativos para viagem. No momento em que entramos naquele avião, talvez antes disso, nossos destinos foram traçados. Então, eu, Ênio, Jéssika, Ricardo e Roberta entramos no avião. Ali se iniciou a jornada tão esperada. Como falei antes, nunca havia colocado os pés num avião. Para ser sincero, eu tive bastante medo na viagem de ida, as turbulências foram pesadas para um principiante, mas no demais a viagem foi muito boa.

Descemos em Lisboa na manhã do dia 04 de setembro de 2018 e

fizemos uma conexão até Porto. Porto foi a primeira cidade que tivemos contato na chegada a Portugal. Foi em Porto que os nossos primeiros desafios de intercambistas chegaram. Éramos cinco jovens, num país que não era o nosso, talvez, em alguns de nós, não havia caído a ficha ainda do que estava acontecendo, mas nosso alvo era Coimbra. O que fazer para chegar até lá? Era a pergunta que estava na nossa mente ao chegar a Porto.

Porém, chegamos a Coimbra na tarde daquele mesmo dia. Estávamos cheios de malas e acreditem em mim, elas eram bem pesadas, mas o peso delas não era maior do que a alegria que íamos sentir, a cada momento, que viveríamos naquela cidade que sou suspeito a dizer que é a mais linda e mais apaixonante de Portugal. Naquela tarde de verão, na nossa primeira tarde em Coimbra, creio que não só eu, mas todos respiramos aliviados por chegarmos bem e não só por isso, mas também pelo presente que aquela cidade nos deu logo que chegamos, o pôr do sol, que belo espetáculo.

Nos primeiros dias, tivemos que procurar um lar, uma casa, talvez um apartamento. O objetivo era encontrar um lugar onde nós cinco pudessemos conviver e morar juntos. Então, fomos à procura. Ficamos um pouco desesperados, mas logo encontramos. O dono daquele apartamento, na Rua da Saragoça, o senhor Feijão, nos disse que havia cinco quartos disponíveis num apartamento com seis quartos. Um dos quartos já estava ocupado por um brasileiro que ainda não conhecíamos, o Jonatan.

Não sei se foi coisa do destino, mas veio a calhar. Ficamos naquele apartamento. Os quartos eram ótimos, a cozinha bem equipada, mas o que nos chamou mais atenção foi a varanda. Aquela varanda era, num linguajar bem coloquial, topíssima. Era de lá que tínhamos o melhor pôr do sol. Era de lá que gritávamos: Eu te amo, Coimbra! E a cidade inteira ouvia, eu acho. Acomodamo-nos. Estávamos no nosso aconchego. A casa Feijão nos abrigou. Abrigou a família Feijão, como chamamos a nós mesmos de uma forma carinhosa. Como disse o renomado, respeitado e grande escritor português José Saramago, sempre chegamos ao lugar aonde nos esperam e foi o que realmente aconteceu.

A fadista Amália Rodrigues interpretava belos versos enquanto cantava. Seus fados traziam muitas verdades e eram cheios de sentimentos.

Uma delas, que eu jamais esqueço, está carimbada no fado que leva o nome da cidade que eu tanto amei e ainda amo. O fado “Coimbra” diz nos seus versos iniciais que “Coimbra é uma lição de sonho e tradição”, o que para mim é uma grande verdade, pois foi justamente o que a cidade me proporcionou, não só uma, mas muitas lições. A primeira de muitas lições aprendi na nossa casa mesmo.

De início, a nossa convivência não era das mais consolidadas. Isso é extremamente normal para pessoas que acabaram de se conhecer. Eu cheguei até a me sentir um pouco deslocado por ser o único de aluno das ciências exatas em meio a tantos alunos das ciências humanas e sociais. Mas, com o passar dos dias, tudo foi melhorando. A nossa ligação só precisava ser polida e o que melhor que o tempo para fazer tal trabalho. Tornamo-nos uma família.

A sensação era que nos conhecíamos há anos e que nos escolheram a dedo para estarmos vivenciando aquela experiência juntos. Costumo dizer que Coimbra me deu mais que uma família, mais que amigos. Coimbra me deu irmãos. Pessoas que eu tinha e, ainda, tenho o prazer de ajudar e de ter perto de mim, pessoas que eu amo. Eu humildemente creio que Coimbra tem uma grande importância na história do PROMIN 2018, pois foi lá que conseguimos nos reunir pela primeira vez, além das reuniões burocráticas. Estávamos lá. Oito dos dez. Não éramos apenas os selecionados. Interagíamos realmente de uma forma familiar, era incrível aquela sensação. Olívia, Nádson e José Neto vieram completar a família.

Sempre me recordarei daquela noite de Natal, das nossas loucuras, das nossas risadas e do amor que sentimos um pelo outro em cada momento. Realmente, aquela cidade nos deixa sempre com saudades. Além de ganhar uma família e aprender a amá-los e a tratá-los com a mesma intensidade e sentimentos com que me trataram, Coimbra me deu a oportunidade de conhecer pessoas incríveis e maravilhosas. Parece até engraçado o fato de ter que estar do outro lado do Oceano Atlântico para conhecer outros brasileiros, mas foi o que aconteceu e que bom que aconteceu. Cada pessoa que conheci me deu a oportunidade de viver aventuras e experiências lindas e fascinantes. Aqueles que tinham outras nacionalidades eram um pouco mais difíceis de se abrirem, até mesmo os portugueses que são superfechados, mas apenas

o fato de conviver com essas diferentes culturas e pessoas me deixava muito feliz.

Cada coisa que aprendi, cada novidade, era para mim uma grande riqueza. Coimbra me fez ser um ser humano melhor, me fez sair de um estado de confusão para chegar num estado de máxima clareza. Era como se eu estivesse perdido e a cidade fez com que eu me encontrasse. Aquela cidade me permitiu ser eu de verdade. Às vezes, eu tento buscar explicações por que tudo isso não aconteceu por aqui mesmo, no Brasil, mas penso e logo desisto da busca, pois sei que coisas assim não devem ser explicadas, nem questionadas, devem ser apenas vividas.

Nos quase seis meses que vivi em Coimbra, tive a oportunidade de ganhar conhecimentos com os melhores professores da minha área na Universidade de Coimbra. Consegui ver assuntos e competências que eu sempre quis estudar, que eu era inspirado por meus professores na UEPB a questioná-los e a me aprofundar. cursar disciplinas a nível de mestrado não foi nada fácil, mas não nego que foi uma experiência que vou carregar para sempre em minha memória. Foi como um curso preparatório para as próximas etapas que surgirão na minha vida.

Em Coimbra, aprendi a ser um viajante. Era uma grande vantagem estar justamente no centro de Portugal tanto em relação aos custos quanto em relação às distâncias. A facilidade era tanta que quase todo fim de semana eu viajava para conhecer locais do próprio país mesmo. Foi assim que consegui conhecer mais de vinte e cinco cidades e vilarejos do norte ao sul de Portugal. Cada lugar que conhecia tinha um novo encanto, tinha uma magia diferente, ainda mais quando meus amigos me acompanhavam nessas viagens.

Eu era tão curioso que cheguei a passar as fronteiras de Portugal para conhecer cidades da Espanha como Salamanca, Santiago de Compostela e Granada. E minha fome de aventura era insaciável. Desde visitar o Paço das Escolas até caminhar no Parque Verde do Mondego e no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, ou seja, na própria Coimbra era possível se aventurar e conhecer novos lugares.

Para além das aventuras, Coimbra também me trouxe calma e novos pensamentos a respeito de como eu posso contribuir para um mundo melhor. Mudei meu estilo de alimentação e me tornei vegetariano, algo que sempre veio à minha mente e desejei ser. Lá também me tornei

desejoso pela literatura, principalmente em noites de poemas e poesias realizadas por um grupo de declamadores da cidade. Aquela cidade respirava, transpirava e inspirava cultura. Todos os cantos eram preenchidos por diversos artistas. Eu, particularmente, gostava muito dos espetáculos dos próprios alunos “capas pretas”. Os espetáculos de fado em frente à igreja de Santa Cruz era uma das minhas atrações favoritas, sem falar na tradição da própria comunidade estudantil em manter as vestimentas, ou melhor, o “fato” dos doutores, que é como chamam os alunos que estão na universidade, há mais de um ano, e não os professores que possuem esse título.

Durante minha estadia em Coimbra, além de vivenciar todas as atrações e cada cantinho da cidade de forma intensa, uma vez que a cidade tem o cheiro de história em todos os lugares, pude mergulhar e conhecer a mais bela história de amor de Portugal, a que fala do romance de Inês de Castro e Dom Pedro I. Os conimbricenses veneravam tanto tal romance e a história dos antigos rei e rainha de Portugal que acreditam que uma fonte tenha sido formada do sangue da morte de Inês, a Fonte das Lágrimas, localizada num ponto bem turístico da cidade que se chama Quinta das Lágrimas. Foi uma das melhores visitas que eu fiz enquanto estava por lá.

Viver em Coimbra foi muito mais que a universidade, não que ela não tenha sido importante. Foi mais que apenas uma viagem de estudos. Foi além do acadêmico. Na verdade, cada momento que vivi naquela cidade teve sua importância fundamental. Cada dia era uma nova lição. Amália Rodrigues de fato, cantava grandes verdades. Realmente “só passa quem souber e aprende-se a dizer saudade”.

## **THE GRANDE FINALE**

Para iniciar esse final, o final do conto das minhas experiências, eu gostaria de citar algumas palavras de outro grande escritor português lá das bandas de Coimbra. Miguel Torga mexeu comigo, talvez com todos os meus amigos, e nunca foi mais coerente com o que vivi e com o que ainda estava para viver no intercâmbio ou depois dele, quando escreveu as seguintes palavras: *“Recomeça... se puderes, sem angústia e sem pressa e os passos que deres, nesse caminho duro do futuro, dá-os em liberdade, enquanto não alcances não descanses, de nenhum fruto queiras só metade”*.

E realmente eu nunca tinha escutado ou lido palavras mais con-  
dizentes com aquele momento. Torga foi certo. Eu não descansei  
enquanto não alcancei o que queria. Eu não queria degustar os frutos  
pela metade. Nesse momento, eu estava prestes a completar a minha  
jornada tão esperada. Afinal, eu estava com a grande oportunidade nas  
minhas mãos. A oportunidade que sonhava em ter desde a minha in-  
fância em conhecer lugares, coisas, objetos, monumentos e histórias  
que estavam muito além dos meus limites. Meu coração só pensava em  
ganhar o mundo.

Ao chegar a Portugal, pude perceber que um dos menores países  
da Europa era a maior porta de entrada para que eu pudesse conhecer  
tudo que eu sempre quis. Sendo o intercâmbio a chave e Portugal a  
minha grande porta não havia outra coisa a fazer a não ser abrir e, ra-  
pidamente, explorar o novo mundo que acabara de aparecer na minha  
frente. De prontidão iniciei as minhas viagens e aventuras ao lado do  
meu amigo, do meu irmão, da pessoa mais gente fina, da melhor pessoa  
e do melhor quase jornalista do mundo, o famoso Ricardo Junior, o  
The Rick, o Ricardinho. Sem Ricardo não sei se conseguiria desbravar  
tantos lugares. Juntos, vivemos as melhores experiências. Cada país e  
cada lugar que a gente conhecia era um novo encanto, uma nova magia,  
era história. Tudo, sim, exatamente tudo nos deixava boquiabertos e  
impressionados.

A minha viagem se iniciou em Madrid, a lindíssima capital espa-  
nhola. Lá pude vislumbrar algo que até então só os livros e as imagens  
na internet haviam me mostrado, um quadro original do famoso Pablo  
Picasso, a literalmente grande obra *Guernica*. Caminhar na Gran Vía  
foi algo extremamente especial. De Madrid pude ir à cidade de Toledo,  
ainda mais encantadora. Perder-me nas suas vielas foi uma das melhores  
coisas que já fiz. Ainda, na Espanha, pude chegar a Barcelona. A famosa  
cidade catalã foi uma das que realmente me arrebatou e conquistou  
meu coração. Barcelona é cheia de arte, sua arquitetura é maravilhosa,  
pois Galdí, o famoso arquiteto catalão, espalhou suas obras por toda a  
cidade, valendo destacar o *Templo Expiatório da Sagrada Família*, uma  
obra deslumbrante e riquíssima.

Da Espanha parti para Itália. Andar pelas ruas de Roma, passear  
pelas suas lindas praças e contemplar os famosos monumentos como o

*Pantheon*, o *Coliseu* e a *Fontana de Trevi* foi algo impactante. Cada lugar daquela cidade era pura história. Ainda na Itália, visitei outras cidades que chamavam minha atenção e que sonhava em conhecer tais como Florença – o berço do Renascimento, Pisa – a cidade da famosa torre inclinada, Veneza – a cidade dos canais e do romance e ainda Milão – capital da moda. Sem esquecer é claro da famosa cidade-estado, o Vaticano. Os monumentos de lá eram fabulosos, principalmente a tão falada Basílica de São Pedro.

A República Tcheca foi o próximo destino daquela eurotrip. Lá pude viver as maravilhas da famosa capital tcheca, a cidade de Praga. Praga me encantou com sua arquitetura, com sua língua exótica, suas pontes, seu castelo e o famoso relógio astronômico. De Praga viajei até Frankfurt na Alemanha. Frankfurt foi por muito tempo capital da União Europeia, um grande centro comercial e industrial. Os grandes prédios e arranha-céus eram simplesmente incríveis. Após a Alemanha, parti para a Holanda, ou Países Baixos. Na Holanda, meu alvo foi a sua capital Amsterdã. A cidade é simplesmente fabulosa, cheia de cultura, arte e liberdade. As bicicletas como principal veículo foram a minha maior curiosidade e foram algo que me cativou muito. Da Holanda, trilhei caminho para a Bélgica. Naquele país, tive o grande prazer de conhecer Bruxelas, a nova capital da União Europeia e sede do parlamento europeu e também a pacata cidade de Bruges, uma cidade bem pequena, mas com grande história com a qual eu realmente fiquei muito encantado.

Os ares belgas me sopraram até os ares franceses, mais precisamente os parisienses. Paris realmente faz jus a sua fama. A Cidade Luz me fez chorar no exato momento em que pisei meus pés na *Champs-Élysées* e vi o Arco do Triunfo. Poder ver a Torre Eiffel, caminhar pelo Museu do Louvre e observar a *Monalisa de Da Vinci*, visitar o túmulo de Pierre e Marie Curie no Panteão, entrar na Basílica de *Sacré-Coeur* e contemplar a Catedral de *Notre-Dame* de perto foi algo imensurável. Paris foi e ainda é uma cidade que eu amei conhecer, adoraria voltar lá. Para finalizar aquela eurotrip cheia de aventura, viajei até a Inglaterra. Londres foi a última cidade que estava no meu roteiro. Lá estive na companhia de Ricardo e de nossa amiga Rafah. Com eles pude vivenciar belos momentos ali. Nós três nos dávamos superbem. A nossa amizade se encaixava,

porém tínhamos diferenças, mas muitas coisas em comum também. Nossa amizade ultrapassou o oceano, tanto é que somos amigos até hoje. Londres foi a cidade que fechou com chave de ouro essa aventura.

Foram 21 dias de viagem. Talvez os mais intensos do meu intercâmbio. Passamos por muitos lugares, alguns com temperaturas bem baixas, afinal era o inverno europeu, mas havia chegado a hora de regressar a Coimbra. Estava chegando a hora de começar a arrumar as malas novamente. O dia de voltar ao Brasil estava bem perto. Foi nesse momento que pude comprovar o amor, o vínculo e a amizade que construí com todas as pessoas que conheci por lá.

A hora de deixar a casa Feijão chegou, mas mesmo assim eu tinha alguns dias na cidade ainda. A mineira Paula e sua filha Malu, duas amigas que fiz durante meus passeios por Portugal, me acolheram em sua casa até o dia da minha viagem. Paula e eu tivemos uma ligação, pois ela era como minha mãe naquele momento.

Meus amigos partiram antes de mim e foi bem difícil pensar que ficaria só em meio a tantas despedidas, porém Olga havia chegado. Minha amizade com Olga surgiu rapidamente e até hoje continua intensa. Meus últimos dias de intercâmbio em Coimbra, ajudamos um ao outro, eu tentando ser o guia para as novidades que ela ia vivenciar na sua chegada e ela sendo minha companhia nos momentos de despedida. A amizade dela foi essencial naquele momento.

Despedi-me de Coimbra no dia 14 de fevereiro de 2019, outra data e dia que não saem de minha mente, pois foi como se estivesse abandonando parte de mim mesmo. Mas, tudo na vida tem o seu final para que haja novos recomeços. Não posso dizer que perdi nada, pois seria mentira. Ganhei muito.

Ganhei uma amiga sagitariana bem louca e preocupada com as questões ambientais e que tive o prazer de chamar de meu amor, por que ela era o meu amor mesmo, e com ela dividi muitas coisas. Ganhei uma amiga capricorniana fofa, amorosa e que eu tinha o prazer de ajudar e dar apoio sempre que ela precisasse. Ganhei dois amigos virginianos que eu nem sei mensurar o tamanho da amizade que a gente criou. Com um deles tive o prazer de disputar o controle, essa é uma história engraçada, mas ele me ajudou muito a partir do momento que entendeu os meus problemas. Com o outro dividi muitos momentos,

tornamo-nos unha e carne, os sentimentos eram recíprocos.

Eu creio que o intercâmbio vai além das viagens, dos estudos ou de uma nova casa. O intercâmbio tem a ver com o que fica guardado em você, na sua memória. O intercâmbio tem a ver com conhecer um Ênio, um Ricardo, uma Jéssika, uma Roberta, uma Rafah, uma Olga, uma Olívia, um Nádson, um Neto, uma Paula, uma Malu, uma Natalia, uma Polina, um Tom e muitos outros nomes que eu poderia citar.

O intercâmbio está relacionado com o que ficará gravado no seu coração depois de tudo, pois isso demonstra que você sentiu, entregou-se de verdade a essa experiência.

Para esse *The Grande Finale*, eu não poderia escrever outras palavras a não ser as de agradecimento a Deus por ter me concedido o dom da vida para viver tantas coisas maravilhosas e a todas essas pessoas especiais por entrarem na minha vida e por ainda fazerem parte dela e finalizo com mais uma frase do grande escritor português José Saramago que resume meu sentimento ao escrever estas palavras, pois “nada é para sempre, dizemos, mas há momentos que parecem ficar suspensos, pairando sobre o fluir inexorável do tempo”.

## Sobre o livro

**Projeto gráfico/capa** Erick Ferreira Cabral  
**Revisão Linguística e normalização** Elizete Amaral Medeiros

**Mancha Gráfica** 10,5 x 16,7 cm  
**Tipologias utilizadas** Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt





O Livro “EXPERIÊNCIAS DE INTERCÂMBIO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DA UEPB” é um compilado de relatos pessoais de membros de nossa universidade que tiveram a oportunidade de realizarem intercâmbio em uma das instituições estrangeiras parceiras da UEPB. As histórias que aqui constam são diversas, de pessoas diversas com experiências e olhares diversos. O sentimento único que as une é terem tido a chance de atravessar um período de estudos no exterior. A equipe da Coordenadoria de Relações Internacionais buscou registrar todas essas memórias para que outros que têm interesse em viver uma experiência similar possam sonhar, inspirar-se e concretizar.